

1e ed.

C/a [illegible] [illegible]

[illegible]

6.00

OBRAS

DE

J. B. DE A. GARRETT.

III.

(SEGUNDO DO THEATRO.)

THEATRO

DE

J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.

II.

MEROPE, — GIL-VICENTE.

Lisboa,

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ BAPTISTA MORANDO.

RUA DO MOINHO DE VENTO N.º 59.

1841.

MEROPE.

Tinha dezoito annos quando fiz ésta tragedia; foi nos meus últimos tempos de Coimbra, tempos de memoria saudosa porque eram todos de innocencia e de esperança. Não sei se é por isso que ainda tenho tanto amor a tam imperfeito insaio, e me não atrevo a queimá-lo, como fiz a tantos versos e a tantas prosas da minha criancice. Mas parece-me que não, e que só o conservo pela sincera vontade de mostrar como comecei a ingatinhar na carrei-

ra dramatica com as andadeiras classicas e aristotelicas que a ninguem se tiravam ainda então em Portugal.

Romantismo, ca o houve sempre; essa molestia, se tal é, esse andaço de bexigas, como ja lhe ouvi chamar, nunca sahiu da nossa peninsula. Mas a vaccina, como a prepararam Goëthe e Scott, essa é que não havia; e creio que fui eu que a introduzi.

Deus me perdoe se fiz mal. Ja comêço a desconfiar que sim. Vejo tanta bexiga negra e malignada, vejo morrer d'ellas tantó rapaz de esperanças!

Ora!—ninguem morre senão quem tem de morrer.—Morriam a fazer odes pindaricas e sonetos de annos, que é a molestia mais nojenta, e a morte mais semsabor que ha. Ao-menos este delirio da febre romantica faz dizer, com muito desvario, muita cousa d'espirito, sublimidades ás vezes.

Sempre foi bom vacciná-los; nunca hão de morrer todos. E a molestia ja nos an-

dava no sangue. Eu sentia-a em mim; e agora que passei pelos olhos ésta *Merope*, acho-lhe bem visiveis os symptomas.

De proposito a corrijo pouco, ja que a dou ao público, não como obra litteraria, senão como documento de historia litteraria.

Leam-n'a com indulgencia.

Digo que tinha dezoito annos quando escrevi a Merope. Mas tinha dôze quando comecei a pensar n'ella. Estava eu na ilha Terceira, e cheio de presumpções de hellenista porque um sancto velho que alli havia, o Sr. Joaquim Alves — excellente homem que usava do mais exquisito barrete e da melhor marmellada que ainda se fez — me tinha feito intender quatro versos de Homero. Tive a confiança de querer ler Euripides no original; e com o auxílio do Padre Brumoy, cheguei a conhecer soffrivelmente algumas das suas tragedias. Não cabia em mim de contentamento e de enthusiasmo. Euripides era o maior tragico do mundo: — ja se ve porquê.

— E mais falta o seu melhor drama que se perdeu — me dizia o bom do velho — a Merope isso é que era tragedia!

Que pena perder-se a Merope! scismava eu noite e dia.

Havia alli tambem n'aquella minha saudosa ilha Terceira outro velho que me ajudou a criar, e a quem devo quasi tudo o que sei: era meu tio D. Alexandre que não gostava de Euripides, — barbaro! — nem accreditava na minha sciencia hellenica, — incredulo! — e que, de mais a mais, um dia me fez perder as minhas tam caras e doces illusões, dizendo-me que no theatro inglez e no castelhano havia melhores coisas que nos classicos de Athenas.

— « Mas não ha ũa Merope como aquella de Euripides que se perdeu. » — « Não; mas ha em Italiano a de Maffei, que tem toda a simplicidade, elegancia e regularidade antiga, sem aquellas declamações tam seccantes do teu Euripides. » — « Em Italiano! tomára eu le-la. » — « Pois tam-

bem ja tu sabes Italiano?» — «Sei, sim senhor; li um volume inteiro de Goldoni e alguns tres de Metastasio.»

Era verdade: não me lembra como achei, mas recordo-me que devorei logo uns tomos truncados d'aquelles theatros, e fiquei-me tendo por tam bom toscano como um academico da Crusca.

Andava ja dos oitenta por deante o honrado velho de meu tio; outras vaidades do mundo não lh'as conheci, era religioso verdadeiro, e digno successor dos apostolos; mas em se fallando em litteratura, valha-me Deus!

— «Pois em Italiano não o tenho, me disse elle, nem t'o dava se o tivesse, que o não intendias. Mas em Portuguez aqui tens: está traduzido fielmente.»

E tirou, de uma estantesinha baixa que tinha ao-pe de si, um pequeno volume manuscripto que eu me fui logo ler com toda a ância.

A traducção era d'elle; não gostei, mas não lh'o disse. Nem gostei muito da

tragedia: despida d'aquelle interêsse que a difficuldade de as intender e o prestigio da antiguidade me fazia achar nas peças gregas, a admiravel e primorosa composição de Maffei não era para a avaliar e intender um fedelho como eu; não me fez impressão alguma: jurei que era um assumpto estragado. Mas o assumpto achei-o bello, e tive o atrevimento de imaginar que havia de approveitá-lo eu!

Outras imprezas e projectos de não menos ridicula ousadia livraram por então a pobre Merope das minhas mãos. — Vim para a universidade: os primeiros dois annos não fiz versos nem li poetas; tive a coragem de pôr o meu espirito em dieta de direito romano, coisa utilissima; depois tomei uma indigestão de Filangieri e de todos os publicistas que então eram moda em Coimbra, coisa não so inutil, mas perniciosissima! — E o que mais é, a ninguem disse, ninguem soube que eu tinha a desgraçada manha de poeta.

Deus perdoe aos meus respeitaveis mestres, o Sr. Jose Vaz que no primeiro anno, e o Sr. Trigozo que no segundo, me não deram o premio que eu decerto mereci. — Tinham feito um veneravel palheirão jurista de mais, e um jan-ninguem de um poeta de menos.

Tambem teve sua culpa o Sr. Honnorato quando, em meu despeito com as faculdades juridicas, me fui fazer mathematico. A algebra é bom contraveneno para os impeçonhados de poesia; mas hade ser dado com geito e tento. Quiz-me fazer ingulir dózes muito grandes, não me pôde o estomago com ellas. Zanguei-me, fiz-lhe um soneto, mostrei-o, acharam-lhe graça, — fiquei perdido.

Jacta est alea; fui declarado poeta «em plenos Geraes», e destampei a fazer versos como um desalmado de dezeseis annos que eu era.

Mas pensam la que o fedelho ia ao modesto soneto, ou se ficava na ode pindarica? Agora: calçou o cothurno sem mais

ceremonia e poz-se a fazer tragedias que era uma lástima.

Os «Persas» d'Eschylo ja eu tinha, havia mais de quatro annos, imbrulhado e desconjunctado em uma coisa de cinco actos que alcunhára de tragedia com o nome de *Xerxes*. Fui-me a ella, inchei-lhe mais os versos, assoprei-lh'os á *bocageana*, e fiz um portento que alguns rapazes meus amigos representaram logo entre os applausos de toda a academia.

Perdeu-se essa obra prima em uma das muitas mãos por onde andou a copiar. (Todos queriam uma cópia d'aquelle prodigio!) E é pena, que muito me havia de divertir agora!

Fiz uma Lucrecia — e representou-se! oh que Lucrecia! — Fiz um *meio* Affonso de Albuquerque, um *quarto* de Sophonisba, uma Atala quasi toda, e não sei quantas coisas mais; mas foram muitas, as que eu *comecei* pelo-menos.

N'isto li o Alfieri e o Ducis.

O classico e severo italiano tinha sido

mordido do romantismo em Inglaterra, que, sem elle o confessar nem o admittir, lhe transsuda nas proprias austeras feições da sua Melpomene toda romana.

O bom velho Ducis aspirava a ser romantico; poeta republicano queria abjurar o servilismo de Racine e philosòphar mais que Voltaire; levantou-se com Shakspeare para revolucionar o theatro da França, e «tomar a Bastilha» de Aristoteles. Mas o throno de Luiz XIV era mais forte em litteratura que em politica; Ducis o mais que pôde fazer foi «rodeá-lo de instituições republicanas.» — A Convenção para as lettras so veio ha poucos dias com os poetas *jeune-france*.

Mas aquelles dois tragicos transtornaram as minhas ideas dramaticas. Perdi toda a fe nas crenças velhas, e não intendia as novas nem acertava com ellas.

N'este estado compuz a Merope. Reminiscencias de Maffei e dos classicos antigos, aspirações a um outro modo de ver e de fallar que eu presentia mas não

distinguia ainda bem, saudades da eschola de que fugia, esperanças n'aquella para que me chamavam, dúvidas e receios, verdadeiras incertezas de uma transição, tudo isso trabalhou na Merope. As fórmas são classicas: eu não concebia outras; — ainda hoje me parece que são as melhores —: o resto não sei o que é, é uma coisa de criança em todo o sentido, e como tal deve ser avaliada.

Ja disse que a corrigi pouco agora: esse pouco foi no stylo e na linguagem, no pensamento nada.

Não chegou a representar-se nunca: estavam insaiados os primeiros tres actos quando veio a revolução *de vinte*; poeta e actores e spectadores e o nosso theatrinho, tudo absorveu a excommungada politica.

D'ahi a pouco intentei e comecei o Catão.

Dedico ésta obra de criança a minha mãe. A pobre intrevadinha no seu leito de dores está agora rezando por mim de-

certo. Muita lagryma e muita oração lhe tem custado este filho tam estremecido e tam mal approveitado! Chegará ella a saber que sanctifiquei com o seu nome estas ociosidades? Minha mãe ainda foi d'aquellas senhoras portuguezas-velhas que ja não ha. Lia, sabía, prezava as coisas de arte; mas não fallava em livros senão comnosco; não brilhou nunca no mundo: *domum mansit, lanam fecit*. Governava a sua casa, cozia os filhos, ensinava-os de palavra e de exemplo: austera comsigo, indulgente com os outros, a sua virtude não dava nos olhos, mas entrava pelo coração.

Não sei por que desgraça, hoje n'este pegão de vicios em que andâmos sumidos, alguma rara luz de virtude que apparece, assopram-n'a tanto que fere os olhos á gente e ainda nos cega mais. — Digo-o principalmente do bello-sexo que é tanto mais bello com a virtude, — mas não hade fazer tregeitos...

Lisboa, 12 de Agosto de 1841.

A MINHA MÃE,

D. ANNA AUGUSTA DE ALMEIDA LEITÃO,

DEDICO

ÉSTA TRAGEDIA, QUE FOI O MEU PRIMEIRO PENSAMENTO DRAMATICO.

MEROPE,

TRAGEDIA.

MDCCCXX.

PESSOAS.

MEROPE.
EGISTHO.
POLYPHONTE.
POLYDORO.
O SUMMO SACERDOTE.
POVO.

Sacerdotes, sacrificadores, soldados, sequito do rei.

Logar da scena — Messenia.

2.

ACTO PRIMEIRO.

No fundo um peristylio de templo cujas portas devem ser espaçosas de modo que, abertas, se veja claramente o interior do templo; á direita um mausoleo; á esquerda o palacio real. — E a mesma vista em todos os actos.

SCENA I.

O SACERDOTE.

(Abrem-se as portas do templo; por ellas sai e desce gravemente as escadas do peristylio até meio da scena, antes de fallar.)

Emfim approuve ao ceo colmar de todo
Nossas desditas ja. — Prostrou-se o throno,
Succumbiram as leis, o altar vacilla,

E o crime triumphou... — Os deuses justos
O quizeram assim! Oh, não me atrevo
A prescrutar seus eternaes decretos...
É culpado o mortal se o ceo castiga;
Sim, mas não veda ao triste o lastimar-se:
As lagrymas do afflicto não são crime,
Nem sacrilegio do infeliz os rogos.
Tu os ouves, suprema divindade;
E permittes que ao throno omnipotente
As coxas preces do infeliz que chora
Cheguem a apiedar tua justiça.
Ah! do teu sacerdote ouve hoje o rôgo,
Deus da terra e dos ceos, deus meu, attende,
Por mim d'um povo inteiro ouve o gemido.
De Messenia infeliz escuta o brado,
Sôbre ella estende a dextra podetosa,
Volve os olhos de pae a seus flagellos.
De sobejo correu o sangue a jorros;
A milhares as victimas cahiram
De tuas iras. — Misero Cresphonte!
Elle era nosso rei; mais que monarcha,
Foi tambem nosso pae terno e piedoso.

Nada o salvou das sanguinosas garras
De ingrata rebellião. Viu moribundo,
Por entre as sombras da vizinha morte,
Punhaes traidores a rasgar-lhe os seios
Dos filhinhos sem culpa... Viu — e a morte
Esperou com o golpe derradeiro
Que a vista horrivel lhe ferisse os olhos! —
Viu á frente dos subditos rebeldes
Polyphonte, o traidor, o ingrato, o monstro
A quem fizera grande entre o seu povo,
A quem de honras e dadîvas colmára,
Lançar aos nobres pulsos da consorte
Affrontosos grilhões em vez do sceptro.
Oh rainha infeliz, misera espôsa,
Mais desgraçada mãe, Merope... — Ai triste,
Ei-la ahi a mesquinha em seu fadario
De gemer e chorar — sôbre esse tumulo
Do espôso, que, não sei por que milagre
Do ceo, ou por que ingano de piedade
No tyranno, inda ahi lh'o deixam, inda
Essa última memoria das virtudes
Passadas, esse extremo monumento

Da realeza proscripta — o não severtem
Na voragem que tudo o que era sancto,
Illustre, nobre ahi tem devorado
N'esta votada terra de Messenia.
Ella chega. Deixemo'-la á vontade
Desaffogar suas mágoas.

(Retira-se para dentro do templo, e cerra meia porta.)

SCENA II.

MEROPE.

(Entra cautelosamente, e não vendo ninguem, vai direita ao sepulchro.)

Ai! ainda
Me ficou este último refúgio!
Posso inda a furto vir aqui sósinha
Minhas mágoas carpir, desabafá-las
Com éstas frias lages, menos duras
Que o duro coração do meu tyranno!
Sulcadas estão ja por minhas lagrymas,
Que, tres continuos lustros, fio a fio,
Me tem corrido o pranto d'estes olhos...

Sombra adorada do infeliz consorte,
Não te applaquei ainda... As tuas cinzas
Bem as sinto volverem-se no tumulo...
Ah, sim, mais do que pranto exige o espôso.
Sangue? — Sangue terás, — não de vingança:
Vedam-me esse prazer os ceos mesquinhos;
Mas o meu, o meu sangue n'este marmore,
Em sacrificio extremo derramado,
Hade ir em breve saciar-te os manes,
E unir aos teus meu fado eternamente.
Ha muito..., mas sou mãe. Oh! tu, que foste
Tam estremoso pae, tu bem me intendes.
Sou mãe, e ésta lembrança me conserva
O debil fio que me prende á vida.
Meu filho! minha esp'rança derradeira,

(assustada e abafando a voz)

Meu filho!... Oh! se me ouvisse alguem agora...
Se Polyphonte... oh ceos! Eu rodeada
De espias, delatores ando sempre.
Se me ouviriam?... — Vejo alli um vulto...
Um homem... — É um homem. Sanctos deuses,
Agora sim, que a minha hora extrema

De desgraça chegou!

(cai debruços sobre o tumulo.)

SCENA III.

MEROPE, O SACERDOTE caminhando para ella.

SACERDOTE.

Não, ó rainha,
Socega, não te ouviram os espias
Do tyranno. Viuva de Cresphonte,
Tuas lagrymas cahiram no meu peito;
E n'este coração jazida eterna
Teus segredos terão, em quanto os deuses
Me não derem que possa quebrantá-los,
Que possa a este povo de Messenia
Liberdade bradar, mostrar-te a elles,
Mostrar-lhes o seu rei, teu filho...

MEROPE.

Filho!
Filho meu! — Ah! ouviste-me, e conheces
O meu segredo.

SACERDOTE.

Sei-o ha muito, Merope.

MEROPE.

Oh! mas tu ès ministro dos altares,
Não hasde... Bem o sei, sei que não hasde
Atraiçoar-me: oh! sei. — Tenho inda um filho,
É verdade, é verdade; existo ainda
N'esse último resto do meu sangue.
Oh, quizera incubrir este mysterio
De mim propria — de mim, que tenho medo,
Medo de meu amor não me atraiçoe,
Não me revele n'um suspiro o filho.
Temo que os olhos do tyranno astuto
No pranto maternal m'o não descubram.
Oh! quantas vezes suffoquei no peito,
Nos olhos m'o inchugou a mesma causa
Que o fizera nascer! É o meu filho,
O último, ves tu? — E o espôso, e os outros
Filhos, e tudo o que perdi... ai n'este,
Tudo tórno a perder se o perco agora.

SACERDOTE.

Tem bom ânimo, ó Merope, confia

Na clemencia dos deuses: sua cholera
Hade abrandar-se emfim; espera n'elles.

MEROPE.

Ah, que posso esperar dos ceos ainda?
Persegue-me a sua íra injusta, ha tanto,
Sempre, sempre! Tiraram-me o espôso,
Os filhos!...

SACERDOTE.

Inda um filho te deixaram,
Ainda t'o conservam

MEROPE.

E é clemencia,
Da piedade do ceo são beneficios
Os males que não fez?

SACERDOTE.

Rainha, escuta,
Ouve a amizade candida e sincera
Que te falla sem vans hypocrisias.
Eu nunca fiz troar por minha bocca
Os deuses, a quem sirvo na humildade
D'este meu coração onde não tenho
Menos o amor dos homens que o dos numes.

Mas no ceo, ó rainha, não se medem
Pela nossa medida os bens e os males.
Da eterna justiça não sabemos
Avaliar nós as razões. Soffre, geme,
Resigna-te, supplíca, e tem bom ânimo:
Talvez não tarde seu favor celeste;
Porventura...

MEROPE.

Oh! conservem-me o meu filho,
Não lhes peço mais nada.

SACERDOTE.

E ja te ouviram:
Salvaram-t'o das garras do tyranno.
Foi um prodigio seu. Nem eu concebo
Como, no denso horror d'aquella noite,
Por entre os ferros da impia soldadesca,
Como podeste subtrahi-lo á morte.

MEROPE.

Ah! que ainda o coração me estalla e sangra
Co'a lembrança de horror! Tenho presentes,
Volvem-me n'alma as pavorosas scenas
Inda tinctas no sangue d'essa noite.

Vejo-o... E ja tres lustros são passados,
Vejo em meus braços semimorto o espôso...
Do peito inda a bulhões lhe salta o sangue,...
Vejo das roxas, horridas feridas
A pouco e pouco a vida esvaecer-lhe,
Oiço-o balbuciar no último arranco:
» Espôsa, os filhos... » E ao dizer que os salve,
Cortou-lhe a morte a voz. — Sôbre o cadaver
Que me esfria nos braços, e entre os tristes
Os lastimados beijos com que o cubro,
Queria alli morrer. Mas dentro n'alma
Me brada que sou mãe a natureza.
Corro aos filhos... Ai triste! sinto ainda
O que não podem nem dizer palavras
Nem conceber o espirito. — Impios ferros
Os membros infantis lh'atassalharam.
Abraço-os um e um... Ja não respiram.
Um tinha ainda o punhal cravado
No seio. Arranco-lh'o... E ja curvo o braço
Para morrer alli... Mas inda quero
Cevar os olhos outra vez, fartar-me,
No espectaculo horrivel. Fitto-os, vejo...

Grandes deuses, que vi! Um de meus filhos
C'um gemido de dor me estende os braços.
Como aquelle gemido me entrou n'alma!
Como outra dor, tammanha mas diversa,
Me revirou o coração no peito...
Não sei; mas um apêgo tal á vida,
Um medo de morrer tammanho, nunca
O sentíra jamais. Accudo ao filho;
Inda respira, fôra leve o golpe:
Penso-lhe a chaga pouco funda e tenue,
Co'elle em meus braços á ventura corro
Pelas desertas salas do palacio.
Guia-me um deus: incontro Polidoro,
Do meu Cresphonte o mais fiel amigo:
O tempo foge... eu debulhada em pranto
O precioso pinhor nas mãos lhe intrego;
E: »Foge, foge (so lhe disse) longe
»De Messenia, vai, leva-o, corre, parte,
»Guarda-o á triste mãe...» — Ia por deante,
Mas o amigo fiel ja me não ouve;
Voava: protegeu-o o ceo propício,
Os passos lhe escudou, salvou-me o filho;

E em Élide ambos vivem. — Eu...

SACERDOTE.

Silencio,

Que ahi vem o tyranno. Vejo os guardas
E o numeroso sequito que sempre
O rodea.

MEROPE.

Não posso ja fugir-lhe.

SCENA IV.

MEROPE, O SACERDOTE, POLYPHONTE, SEQUITO, GUARDAS.

POLYPHONTE.

La está juncto ao sepulchro. E eu que inda soffro
Essa fatal memoria do meu crime
Ahi a recordá-lo, e a suscitar-me
Os remorsos que affógo em vão no peito!
Eu tolero estes prantos de contínuo,
Este carpir de viuva inconsolavel
Que me affronta e me pésa! — Acabou hoje
Minha longa paciencia.

(approxima-se de Merope)

Merope, ouve
As palavras de paz com que hoje venho
Pela última vez...

(vendo o sacerdote)
Tu que fazias
Aqui? — Para o teu templo, sacerdote,
E deixa-nos em paz. — Vós todos ide.

SCENA V.

MEROPE, POLYPHONTE.

POLYPHONTE.

Pela última vez, dizia eu, Merope,
Venho a ti. Basta em fim de inuteis prantos,
Deixa vãos preconceitos. Foste espôsa,
Reinaste; e eu reino agora: tal do mundo
Foi sempre a sorte. Do meu novo imperio,
Fructo de tantas lidas tam cansadas,
E a que o sangue de Alcides me não dava
Menos direitos do que ao teu Cresphonte,
Do imperio a que me ergeu minha victoria,
Bem ves que não abuso. Como outr'ora,

Es respeitada e vives; livre o passo
A toda a parte tens. Ja com justiça
Me poderás chamar tyranno?

MEROPE.

Chamo.
E que es tu mais? Não ves este sepulchro?
Não ves n'elle gravado o teu delicto?
Não te diz que es um subdito rebelde?
Não ves n'aquellas lages esculpidos,
Um por um, teus nefandos attentados?
E aqui, n'este logar, aqui ousaste
Vir, sem pejo, ante mim fazer alarde
De teus horridos crimes! E um tyranno
Não es tu, monstro?

POLYPHONTE.

Sou teu rei, ó Merope:
Basta para punir-te um meu acêno;
Posso prostrar d'um sôpro esse moimento
Em que aos manes do espôso cada dia
Trazes de offr'enda imprecações inuteis
Contra mim, contra o ceo que te não vinga.
E sei-o e soffro-o. E sei que o sacerdote

Teu consocio no crime...

MEROPE.

Que proferes!
Nem dos altares o ministro poupam
Tuas negras suspeitas?

POLYPHONTE.

Eu conheço
Os ministros do altar. Mas dos seus numes
So imito a clemencia: perdoei-lhe.
E as tuas injúrias, e o contínuo
Machinar de teus cegos partidarios,
E tudo o mais que sei... tudo perdoo.
Talvez minha piedade excede os termos
Da justiça real...—Messenia sabe
Quanto á sua ventura sacrifico
Meu interêsse proprio; e quero dar-lhe
Hoje solemne próva de clemencia.
É necessario, pede o bem do Estado
Que n'este imperio emfim se ponha termo
Aos bandos, aos partidos. Facil meio
Tinha na espada ou no rigor severo
Da bipenne das leis...

MEROPE.

Em leis tu fallas!
Existem leis onde um tyranno impera?

POLYPHONTE.

Socega as íras um momento; escuta:
Dêmos a paz aos povos; de nós ambos
Ella depende so. Espôso e reino,
Tudo perdeste, recupera tudo:
Consorte e sceptro te offereço.

MEROPE.

O sceptro
Manchado por tuas mãos, torpe, calcado
Da plebe, a cujos pés o arremessaste
Quando eras seu escravo, e no delirio
Da popular soltura preparavas
Tua atroz tyrannia... guarda-o, guarda-o:
Está bem nas tuas mãos. — Ah! e em consorte
Fallaste! — Espôso, a mim? E tu m'o offr'eces!
Espôso a mim! — E quem é?

POLYPHONTE.

Sou eu mesmo.

MEROPE.

Tu!

POLYPHONTE.

Eu, sim, eu, teu rei.

MEROPE.

Deuses, faltava
Ésta última injúria, ésta ignominia
Derradeira á viuva de Cresphonte!
E ousaste pensá-lo, e atreveu-se
Tua bocca a proferi-lo? O assassino
De meu espôso! O monstro inda cuberto
Do innocente sangue de meus filhos...

POLYPHONTE.

Teus filhos! — N'essa noite sanguinosa,
Em que eu tive decerto menos culpa
Do que tu me attribues, — n'essa noite
Teus filhos todos... todos pereceram?
Um amigo fiel não póde acaso
Salvar?...

MEROPE.

Que dizes tu?

POLYPHONTE.

Não digo nada.

MEROPE.

Pois sabes?...

POLYPHONTE.

Não...

MEROPE.

Não sabes. E que havias
De saber tu? Morreram, todos, todos.
Do sangue de Cresphonte ja não resta
Quem te assombre. Que temes tu?...

POLYPHONTE.

Não temo...
Nem tu deves têmer. Mas ouve, ó Merope:
Se algum dos teus... dos teus fieis, precisa
Amparo e protecção, com pranto e lagrymas
Não é que lh'o hasde dar. Offereci-te
Metade do meu throno... Pensa, ó Merope,
Pensa e resolve.

SCENA VI.

MEROPE, depois O SACERDOTE.

MEROPE.

Estou, estou trahida.
Quem foi, quem me perdeu? — Oh filho, filho!
Oh desgraçada mãe! Por toda a parte
Tem o barbaro espias, tem algozes.
Ai de mim! se o descobrem... sanctos deuses!
Resolve, o quê? morrer — so morte...

SACERDOTE, abrindo as portas do templo, diz com voz solemne.

Vive:
É preciso viver.

MEROPE.

Viver eu! como,
Para quê?

SACERDOTE.

Para o filho e para a patria.

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

POLYPHONTE,
SEQUITO, GUARDAS.

Ja não duvido mais: Merope ainda
Tem um filho. — Um filho de Cresphonte?
Como escapou, aonde m'o occultaram?
Não sei; mas uma esp'rança nos seus olhos,
Aquelle suspirar como em segredo,
Me diz que não é so carpir de viuva
O seu carpir: não me inganei, é certo:
Vi-a ao nome de mãe esmorecer-se...
Eu sempre o suspeitei; quasi em certeza

Minhas suspeitas se volveram hoje,
Mas onde existe o desgraçado resto
D'essa proscripta, misera progenie?
(aos do sequito)
Cumpre sabê-lo, e morra. — Oh la, chamae-me
O sacerdote: é o confidente certo,
O movedor d'éstas intrigas todas.
Vejamos se... Dissimulado e astuto
É o sacerdote. Sim, mas não me excede;
Ja reino ha muito. — Oh, abre-se a porta,
Elle chega; finjamos.

SCENA II.

O SACERDOTE, POLYPHONTE, SEQUITO, GUARDAS.

POLYPHONTE.

Venerando
Ministro dos altares, como amigo,
Não como rei, a ti venho. Merecem
Tuas virtudes ésta deferencia,
Posso mandar...,

SACERDOTE.

E eu heide obedecer-te;
Do podêr que te deixam sôbre a terra
Os deuses julgarão.

POLYPHONTE.

Mas eu quizera,
Exijo... peço muito mais do que isso:
Quero a tua amizade.

SACERDOTE.

Eu amo os deuses.

POLYPHONTE.

Não prohibem os ceos que os homens se amem.

SACERDOTE.

Antes o mandam.

POLYPHONTE.

Bem; conheço agora
Que de teu ministerio augusto es digno:
Quero de teu amor hoje uma prôva:
Merope... tem ainda um filho.

SACERDOTE, á parte

Um filho!
Oh ceos! — Filho de...

POLYPHONTE.

Sim; já de que existe
Tenho certeza.

SACERDOTE.

Como! Pois não foram
N'essa noite de horror extinctos todos?
Do infeliz régio sangue uma so gotta
Ficou por derramar?

POLYPHONTE.

Esse mysterio
Sabes melhor do que eu. Falla.

SACERDOTE.

Incerrado
No sagrado recinto d'esse templo,
Do sanctuario á sombra veneranda
Vivo so, ignorado, e tam remoto
Do bulicio das côrtes, do tumulto
Dos homens e de seus tam vãos cuidados,
Que, indiff'rente a essas luctas e contendas,
Apenas ergo aos ceos supplices palmas
Rogando pelo bem da minha patria.

POLYPHONTE.

Bem sei... E que fazia hoje comtigo
Merope n'estes sitios?

SACERDOTE.

Soluçava,
Gemia, suspirava a desgraçada.
É o seu viver.: clamava pelo espôso,
E bradava piedade aos ceos.

POLYPHONTE.

Com ella
Eu bem te vi fallar: que lhe dizias?

SACERDOTE.

Eu na sua afflicção a consolava,
E na chaga da dor vertia o balsamo
Da sancta religião.

POLYPHONTE.

Ah! ja não posso
Tanta impostura supportar. Um filho
Tem Merope; sei-o eu: onde está elle?
Falla.

SACERDOTE.

Não posso,

POLYPHONTE.

Teme...

SACERDOTE.

Eu temo os deuses.

POLYPHONTE.

Morrerás.

SACERDOTE.

Não receia o justo a morte.

POLYPHONTE.

Posso...

SACERDOTE.

Que mais do que tirar-me a vida?

POLYPHONTE.

O templo prostrarei donde me insultas,
De donde, com teus perfidos sequazes,
Dogmas rebeldes pelo povo espalhas...
Teu sanctuario, fóco de discordias,
Patentearei á irrisão das gentes;
Cahirá sôbre ti o altar e o templo;
E hãode ficar teus numes n'esse opprobrio,
Sem incensos, sem aras, sem ministros...

SACERDOTE.

Templo é dos numes toda a natureza;
Nos corações virtuosos dos humanos
Teem victimas, altar, incenso e votos.
Extingue o lume da razão nos homens,
E o culto extinguirás do deus que odeas.

POLYPHONTE.

Estremeço de raiva. Oh la, soldados!
Ferreos grilhões aos pulsos d'esse perfido;
Ao mais horrendo carcere se arrastre,...
E nas trevas de lugubre masmorra
Apprenda a obedecer.

(lançam-lhe os grilhões.)

SACERDOTE.

Eis-me ó tyranno:
Que mais queres de mim? Olha os teus ferros,
Ve quanto podem! Sopear-me os braços.
Quam pouco sois, ó despotas da terra!
Tens para o coração tambem algemas?
Tens grilhões que a razão ferrolhem n'alma?
Debil punhado de coroada cinza,
Quem es tu?

POLYPHONTE.

Apartae-o de meus olhos.

SACERDOTE.

Corro, ó tyranno, satisfeito á morte:
Ha muito que apprendi a não temê-la.
Tu, despota, no throno mal seguro
Treme, que um vingador dos ceos não tarda,
Treme, perverso.

SCENA III.

MEROPE, O SACERDOTE, POLYPHONTE, SEQUITO, SOLDADOS.

MEROPE.

Augusto sacerdote,
Que vejo! agrilhoado! — Onde te arrastram?

SACERDOTE.

Á morte.

MEROPE.

Oh ceos! porquê?

SACERDOTE.

Não sei.

POLYPHONTE.

Não sabes?

Porque é rebelde.

MEROPE.

A quem?

POLYPHONTE.

Ao seu monarcha.

SACERDOTE.

Monarcha tu! Deliras, Polyphonte.
Rei quem te fez, quem te sentou no throno,
Quem nas malvadas mãos te pôz o sceptro?
O sceptro ainda torpe e maculado
Do regio sangue que esparziu teu ferro...
Basta para ser rei o crime, a intriga,
Os direitos dos povos nada valem,
As armas são as leis que ao solio chamam,
E...

POLYPHONTE.

Levae-o.

MEROPE, a Polyphonte.

Ah, senhor, ah! tem piedade
De seus annos tam velhos, tam cansados.

Movam-te aquellas cans, respeita ao menos
No ministro do altar o altar e os numes.
N'elle venera o povo o deus que adora;
Excitado talvez...

POLYPHONTE.

Pois, que obedeça.

SACERDOTE.

Não posso.

POLYPHONTE.

Parte.

MEROPE, ao Sacerdote.

Não: modera um pouco
Tua severa, rigida virtude:
Obedece; elle manda ... elle governa...

SACERDOTE.

Soldados, ao meu carcere.

MEROPE.

E mais duro,
Mais ferreo coração teras do que elle?
Não ves o triste estado em que nos deixas?
Que será d'este povo desgraçado?
Quem na sua afflicção hade valer-lhe,

Quem as vozes do ceo?....

SACERDOTE.

O ceo e os numes

Dentro do coração tera, se é justo.

MEROPE.

Movam-te ao-menos minhas desventuras,

De mim tem dó.

SACERDOTE.

De ti!...—Sobejo o tenho.

Rainha, adeus.

MEROPE.

Espera... oh ceos! Quem hade

Ao meu triste...

SACERDOTE, interrompendo-a vivamente.

Que dizes, desgraçada!...

Deixa-me.

MEROPE.

Ah!... por piedade... E que motivo?

(a Polyphonte)

D'elle que exiges tu?

POLYPHONTE.

Tenue serviço,

Mas importante a mim.

SACERDOTE.

Tenue, malvado?

Bem importante a ti? — Assaz o creio.

Ouve, ó rainha: quer esse tyranno...

POLYPHONTE.

Suspende.

MEROPE.

O quê?

SACERDOTE.

Que lhe descubra...

MEROPE.

Oh deuses!

SACERDOTE.

Se um filho...

MEROPE.

Um filho!

POLYPHONTE.

Pára.

SACERDOTE.

Teu...

MEROPE.

Meu filho!

POLYPHONTE.

Perfido!

MEROPE.

Um filho meu! — Tu m'os deixaste?

POLYPHONTE.

Sim, tens um filho: suspeitei-o ha muito,
Sei-o agora. Se es mãe, inda te resta
Um meio de o salvar.

MEROPE.

Qual?

POLYPHONTE.

Inda ha pouco
T'o disse.

MEROPE.

A infamia!

POLYPHONTE.

Oh! quem se approxima?
Entre soldados prêso um extrangeiro!
Mancebo é inda...

MEROPE.

Um extrangeiro? Oh deuses!
Bate-me o coração.

POLYPHONTE, aos soldados que guardam o sacerdote.

Soldados, eia,
Esse hypocrita longe de meus olhos;
Levae-o ao carcere: ide.

SCENA IV.

MEROPE, POLYPHONTE, EGISTHO, SEQUITO, SOLDADOS.

POLYPHONTE.

Ah! e vós outros,
Quem é este mancebo? Que delicto,
Meu prisioneiro o fez? Fallae. — Mas quero
Eu perguntá-lo. — Tu quem es?

EGISTHO.

Sou filho
De humildes, pobres paes, mas não escravos.

POLYPHONTE.

O teu crime qual é?

EGISTHO.

Juncto dos muros
D'ésta cidade, e em defesa propria,
Tive a desgraça de matar um homem.

POLYPHONTE.

E quem era esse homem?

EGISTHO.

Extrangeiro
Parecia, e o trajar ao modo de Élide
Era como este meu.

MEROPE.

Élide?

EGISTHO.

Ao-menos
Assim se me antolhou.

POLYPHONTE, á parte.

De Élide ao nome
Estremeceu... Talvez... Aprofundemos
(alto a Egistho)
Este mysterio mais. — Onde nasceste?

EGISTHO.

Em Élide, te disse.

POLYPHONTE.

Do teu crime
Conta mais por miudo as circumstancias.

EGISTHO.

Ah tu queres, ó rei, dentro em minha alma
Renovar minha dor e os meus remorsos!
Appraz-te ouvir meu crime? Ouve-me e julga.
Verás n'esse delicto involuntario
Toda a minha innocencia. — Pelas margens
Do suave Pamiso caminhava;
E ja do longo andar quebrado as fôrças,
No templo entrei do valoroso Alcides
Que em solitaria incosta d'ermo oiteiro
Juncto ao rio se eleva; alli prostrado
Supplices mãos tendia ao deus que adoro,
Que apprendi a implorar de tenra infancia.
« Proteje, lhe dizia, ó grande Alcides,
« Proteje o sangue teu. » — Tal de menino
Me insinava meu pae...

MEROPE.

Teu pae! Quem era?

EGISTHO.

Um venerando ancião...

MEROPE.

E o seu nome?

EGISTHO.

Era...

MEROPE.

Como?

EGISTHO.

Cephiso se chamava.

MEROPE.

Mas talvez... — Continúa a tua historia.

EGISTHO.

D'ést'arte orava: e no fervor das preces
Eis me interrompem, subito me assaltam
Armados de punhaes dous assassinos:
« Quem es, clamaram, que tens tu, mendigo,
« Com o sangue d'Alcides? » — N'isto o ferro
Ja sôbre o peito me apontava um d'elles.
Algum deus me ajudou: de um bote rapido
Sôbre o braço traidor, lh'o quebro e talho;
Segundo o golpe, e lhe atravesso o peito.

Espavorido o companheiro foge:
Traidores são covardes. — Vi-me livre,
E attentei no infeliz que aos pés me espira.
Era a primeira vez que o sangue humano
Tingia minhas mãos; afflicto e triste
Chorou-me o coração, gemi sôbre elle.
Novo no crime, não sabía ainda
Os meios de occultá-lo: arrastro ao rio,
E em suas aguas sepulto o corpo exangue.
Fugi; nem me lembrou minha imprudencia
De apagar na mesma agua o claro indício
Do meu delicto. Incerto, horrorizado
Corro, inda em sangue esqualidos, fumando
O braço, as vestes; chego delirante
Ás portas de Messenia, e os teus soldados
Me seguram, me arrastram. — Do meu crime
Ouviste as circumstancias e a verdade:
Não sei outra linguagem. Tu me julga,
Mas ...

POLYPHONTE.

Basta; saberás o teu destino.

(á parte)
Grandes suspeitas em minha alma excita
Este mancebo; esclarecê-las cumpre.

(alto)
Adrasto, oh la.

(Falla em segredo com um do sequito; e depois continúa alto)

Em segurança o tende.
Tu, Merope, resolve. Adeus.

SCENA V.

EGISTHO, MEROPE, SOLDADOS.

EGISTHO.

É ésta
A rainha, ésta é Merope? Ah! senhora
Tem piedade de mim: sou desgraçado.
Tu so podes valer-me; es compassiva,
Sempre o ouvi a meu pae.

MEROPE.

Que te dizia
Teu pae? Conhece-me elle?

EGISTHO.

De Messenia
Foi cidadão outr'ora.

MEROPE.

De Messenia!
O seu nome?

EGISTHO.

É Cephiso; ja t'o disse.

MEROPE.

Talvez outro?...

EGISTHO.

So este lhe conheço.

MEROPE.

E em Élide que faz? D'ésta cidade
Porque fugiu?

EGISTHO.

Ai, nunca em tal fugida
Nunca lhe ouvi fallar sem que agro pranto
Pelas rugas das faces lhe corresse.

MEROPE.

Chorava elle!... Porquê?

EGISTHO.

Eu nunca pude
Penetrar de suas lagrymas a causa.
De teu éspôso a acerba desventura
Muitas vezes chorando me contava.
E so de ouvir ou pronunciar teu nome
Se debulhava em pranto.

MEROPE.

Que suspeitas,
Que lembranças na mente me revolvem!
Dize... em Élide... nunca... em Polydoro
Fallar ouviste,... nunca o conheceste?

EGISTHO.

Eu vivia no campo em pobre alvergue,
Sosinho com meus paes velhos e infermos;
Ninguem mais que elles conheci.

MEROPE.

De Egistho...
O nome... ignoras?

EGISTHO.

Nunca ouvi tal nome.

MEROPE.

E nunca... em tua mãe?...

EGISTHO.

Ai, desgraçada!
Se ella me visse agora!...

MEROPE.

Tu... conheces
Bem tua mãe?...

EGISTHO.

Não heide conhecê-la!
Ella que tantas vezes me apertava
Em seus tremulos braços, que em suspiros
Me chamava o seu filho tam querido!
Misera mãe!

MEROPE.

Oh fado, ah, não me deixas
Nem a doce illusão da minha esp'rança!
Quasi as vans apparencias me inganavam.
(á parte)
Aquelle som de voz... o mesmo gesto...
Parecia-me ver o meu Cresphonte.

(alto)
Desgraçado, que queres, que procuras
N'estes sitios d'horror? N'ésta cidade,
Aonde reina o crime e habita a morte,
A que vinhas?

EGISTHO.

Sem fim; so conduzido
Do impeto juvenil, do vão desejo
De ver terras e gentes. Quantas vezes
Minha imprudencia amaldiçoei!

MEROPE.

Mas dize:
Esse... esse infeliz a quem mataste
Era de Élide?

EGISTHO.

Sim.

MEROPE.

Joven?

EGISTHO.

Sería
Do meu talhe, como eu, da mesma edade.

MEROPE.

Procurava occultar-se?

EGISTHO.

Sim, parece-me
Que buscava esconder o rosto.

MEROPE.

E era
Nobre no porte?

EGISTHO.

Nobre.

MEROPE.

Altivo?

EGISTHO.

Altivo.

MEROPE.

Fugia?

EGISTHO.

Sim, eu creio que fugia:
Vinha pallido...

MEROPE.

E tu mataste-o, barbaro?

EGISTHO.

Eu defendi-me.

MEROPE.

E elle moribundo
Nada disse?

EGISTHO.

Algum tempo juncto d'elle
Chorando estive. — Ja no arranco extremo...

MEROPE.

Desgraçado!

EGISTHO.

Ah sim: — lembro-me agora.
O triste nos suspiros derradeiros
Chamava por sua mãe...

MEROPE.

Sua mãe! Malvado,
E tu mataste-o, tu! — E o corpo exangue
Sepultaste nas aguas! — Ceos!... Perdido,
Perdido e para sempre...

EGISTHO.

Ai miserando,
Que fiz! Em que te offende o meu delicto?

Oh, pune-me, sim pune-me de um crime
Que me faz detestar a propria vida.
A tua offensa vinga... Eu offender-te!
Eu que te adorei sempre, que da infancia,
Nos braços de meu pae que m'o insinava,
Tantas vezes por ti rogava aos deuses,
Eu offender-te ousei! — Bem desgraçado
Sou.

MEROPE.

Que fallar, que lagrymas, que accento!
Como ao meu coração seus dittos chegam,
Que invisivel poder tem na minha alma!
Rege-a, mau grado meu, move-me, agita-me...
Até me custa a separar-me d'elle.
Que perfida illusão! — Oh não é este:
É que por toda a parte a doce imagem
De meu filho me segue. — Ide, levae-o.

EGISTHO.

Ah, tu me desamparas! Ó senhora,
Se não rogas por mim... Não abandones
Um desgraçado filho...

SCENA VI.

MEROPE.

Filho!... Ai, filho
Ia quasi a chamar-lhe! — Malfadada!
Doce e triste illusão, suave ingano,
Perseguidora imagem do consorte,
Saudades do meu filho tam querido,
Ah, que do coração, para illudir-me,
Aos olhos me vieram. — Não, não era
Para mim tal ventura. — E Polyphonte?...
Polyphonte! que horror! — Eu sua espôsa!
Mas o tyranno sabe do meu filho;
Polydoro não vem... e vai n'um anno
Sem notícias siquer... Oh, vem trazer-m'as,
Vem, Polydoro, vem trazer-me a vida,
Ou libertar-me a tempo com a morte.

ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

POLYPHONTE,

SEQUITO, SOLDADOS.

POLYPHONTE.

Tragam-me aqui o sacerdote. Ide.
(fallando com um ministro do sequito)
Adrasto, de sua rigida constancia
Vejamos se triumpho. Aos meus intentos
É necessario este homem: meios brandos
Talvêz poderão mais que as ameaças.
Careço d'elle: para o povo rudo
Sempre é bom rei o amigo dos altares...

(fallando comsigo)

Demais, este mancebo e o seu delicto,
Não sei que pense d'elle. — Vinha de Élide;
Merope ao nome de Élide estremece,

(torna a dirigir-se ao ministro)

Mil perguntas lhe fez... — Deram-se as ordens
Que mandei?

(o ministro inclina-se)

Um dos dous, ou este ou o morto,
É o filho de Merope: so resta
Saber qual. D'este modo o saberemos.
Mas oh, ei-lo que chega o sacerdote.

SCENA II.

O SACERDOTE, POLYPHONTE,
SEQUITO, SOLDADOS.

SACERDOTE.

Que mais queres de mim, que me pretendes?
Porque roubar-me as trevas do meu carcere,
Porque arrastrar-me ao dia e á luz que odeo,
Que infecta a escura névoa de teus crimes?

POLYPHONTE.

Ouve-me.

SACERDOTE.

O quê, minha sentença? Oh, venha;
Venha a morte. Bemdito o deus que os rogos
Do seu servo escutou!

POLYPHONTE.

Socega e julga.
Tirae-lhe esses grilhões.

SACERDOTE.

A mim! Que dizes?
Oh ceos! e por que preço? — É novo crime
Que exiges? — Não, não quero a liberdade.
Volve-me ao carcere, os tormentos dobra;
Porêm cumplice teu nunca hasde ver-me.
Victima posso eu ser de teus furores,
Ministro não.

POLYPHONTE, á parte.

Se-lo-has a teu despeito.

(alto)

Ouve, e as minhas tenções verás quam puras,
Quam virtuosas são. — Do que é passado,

Como eu, te esquece: recupera tudo,
Torna ao teu sanctuario e aos teus altares.
De ti, so um serviço exijo agora;
Que a Merope...

SACERDOTE.

O quê? atraiçoá-la,
Ser-lhe infiel?

POLYPHONTE.

Não. — Cumpre ao bem do Estado
Que ao throno de Messenia outra vez suba.

SACERDOTE.

Ao throno!

POLYPHONTE.

Ao throno, sim; quero que reine
Ao meu lado.

SACERDOTE.

Merope a teu lado,
De Cresphonte a viuva!

POLYPHONTE.

Minha espôsa
Hade ser. Proveitoso a mim e a ella
Este consorcio é e a todo o imperio;

São justas as razões que o aconselham.
Necessarias me são suas virtudes,
E quero-lhe mostrar quanto as venero.
Desde hoje será lei sua vontade,
O seu menor desejo. Quero dar-lhe
Um documento ja. Por meus soldados
Foi, como viste, ha pouco aprisionado
Um mancebo extrangeiro.

SACERDOTE.

Era extrangeiro?

POLYPHONTE.

Sim, e ainda na ingenua flor da edade;
Homicida, mas nobre no seu crime,
Accusa-se e confessa-o. Viu-o Mèrope,
E tanto a commoveu sua candura,
Tanto se condoeu da sorte d'elle,
Que eu, por lhe comprazer, houve piedade
Do joven, e quizera perdoar-lhe.
Mas cumpre examinar as circumstancias
Que allega por desculpa de seu crime.
No emtanto, e em obsequio da rainha,
Á tua guarda intrego este mancebo.

SACERDOTE.

Á minha guarda! Para quê?

POLYPHONTE.

Não sabes
Quanto se apraz de vê-lo e de fallar-lhe
Merope. Assim mais facil póde te-la,
Essa consólação. Tomára eu, crê-me,
Dar maior lenitivo a seus pezares!
Mas desejo que, ao-menos n'este pouco,
Comece a ver em mim um rei benigno,
E n'éstas complaeencias reconheça
Um espôso... — Mas ella se approxima.
Em paz vos deixo. Adeus! ve se tyranno,
Se da patria oppressor é Polyphonte.

SCENA III.

O SACERDOTE, depois MEROPE.

SACERDOTE.

Um criminoso á minha guarda intrega
Polyphonte ... e de Merope aos desejos
Annue prazenteiro... — Oh, traições grandes,
Grande mysterio incerram de maldade.

Desnaturaes bondades de um tyranno!

MEROPE, entrando.

Sancto ministro, ó meu unico amigo,
Ó meu fiel amparo derradeiro,
Correndo apenas sube que eras livre,
Venho no seio teu depor meu pranto,
Desabafar comtigo os meus pezares.
Ai triste! — Pois não sabes que meu filho?..

SACERDOTE.

Que dizes n'estes sitios?.. espiados
Somos por toda a parte...

MEROPE.

O quê? escuta-nos
O tyranno? Ai de mim! que este segredo
Do meu amor ja me não cabe n'alma,
E hade matar-me, hade.

SACERDOTE.

Descuberto,
Ó Merope, ja foi o teu segredo.

MEROPE.

Descuberto! Ora pois, chegou o termo
De tanto padecer. Eternos deuses,

Que tendes mais para me dar?

SACERDOTE.

Ja sabe

Que tens um filho, mas...

MEROPE, interrompendo-o com ância.

Mas onde existe

Não o sabe o perverso! Não, nem hade
Sabê-lo nunca. Os ceos, os ceos m'o guardam.
Não é assim? Dize: são os ceos que o guardam;
Dextra invisivel lhe protege os dias.
Oh sim, meu filho; os deuses vingadores,
Os deuses justos — São justos os deuses —
A ésta triste mãe, aos seus gemidos,
Ao pranto maternal, aos ais, ás preces

(desanimando)

Seu furor abrandaram... — Seus furores,
O meu pranto, — ai de mim! Salvou-me o espôso
Um mar de minhas lagrymas? salvou-m'o
O fervor de meus rogos, de meus votos?
Confundido não vi, — lembrança horrivel! —
C'o sangue do consorte, o dos filhinhos?
E são justos os ceos e são piedosos!..

Que profiro? ai de mim! — Tende piedade
De ũa mãe que fizestes desgraçada;
Conservae-me este so... que me deixastes,
Deuses, e bemdirei vossas bondades.

SACERDOTE.

Sim, rainha infeliz, hãode guardar-t'o,
E salvá-lo das íras do tyranno.
Incerra-se entre nós o alto segredo
De sua habitação. De' mim conheces
Se poderá sabê-lo. Acautela-te,
Receia de ti so, teme as astúcias
Do tyranno e suas perfidas bondades.
Tam generoso agora se nos mostra,
Que alguma traição má tem na alma negra.
Vês como os ferros me tirou dos pulsos,
E piedoso comtigo quer mostrar-se,
Intregando-me aqui esse extrangeiro
Por quem mostraste compaixão, diz elle.

MEROPE.

Esse joven... ah, sim: muito o seu fado
Me commoveu por certo.

SACERDOTE.

E nada sabes
D'elle, quem é?

MEROPE.

Um joven desgraçado;
Vinha de Élide.

SACERDOTE.

Como! E não disseste
Que ahi estava?..

MEROPE.

Sim, disse... o meu filho...
E talvez, ai de mim!.. Té parecia
O gesto, o som de voz, o de Cresphonte.

SACERDOTE.

Que escuto, oh ceos! Que dizes? — Ah corramos...

MEROPE.

Não, não é para mim ver o meu filho:
Os invejosos ceos m'o não consentem

(Fica algum tempo como afogada em dor, e depois continúa.)

E pensavas, amigo, que eu podia,
Que podia ũa mãe com taes suspeitas

Descançar um instante, um so momento?
Que mil indagações, que mil perguntas
Com ância escrupulosa não faria?
Que o mais tenue vislumbre de esperança
Não fôra um raio de praser, de glória
Que as nevoas de meu pranto dissipasse?
Ah! não: esse mancebo é um desgraçado
Que so veio avivar as minhas dores
Com essa parecença inganadora
Que de certo não tem, mas que lhe acharam
Estes meus olhos cegos de saudades.

SACERDOTE.

Com tudo, esse extrangeiro... Ha n'este caso
O quer que seja de mysterio occulto
Que é rasão profundar. — Quem era o morto?

MEROPE.

Outro extrangeiro.

SACERDOTE.

Extrangeiro... E d'onde?
De que parte?

MEROPE.

Era de Élide.

SACERDOTE.

Que dizes!
São ambos extrangeiros, ambos vinham
De Élide! — Ah! se um d'elles...

MEROPE.

É verdade,
É certo; o coração bem m'o dizia.
Oh meu filho! — Ai de mim! qual será d'elles?
Corramos a indagar... Sim, sim, voemos.

SCENA IV.

MEROPE, O SACERDOTE; E POLYDORO no fundo do theatro em attitude de grande dor.

MEROPE, indo a sahir incara com Polydoro.

Mas um homem, oh deus! — Somos trahidos.

SACERDOTE.

Um homem! Certamente algum espia.

MEROPE.

Quem és, que queres tu, a quem procuras?
Que fazias aqui? Oh! quem te invia
É Polyphonte, dize. — Por piedade

Não me percas, não, não...

SACERDOTE.

Sonho... ou me illudo?

É elle mesmo, é Polydoro.

MEROPE.

Deuses!

Polydoro! Que ouvi? — És tu? Meu filho
Onde está, que fizeste, onde o deixaste?
O que faz que não vem? — Quem o demora?
É vivo? — Ja do pae conhece o nome?
Ja lhe ensinaste a amar-me, a ser bom filho?
Assemelha-se muito ao meu Cresphonte?
Falla, dize.

POLYDORO.

Oh rainha!...

MEROPE.

Quê?

POLYDORO.

Tu vives!

Posso ainda beijar a mão augusta
Da espôsa do meu rei! Podem meus olhos
Ainda ver-te, e os meus trementes labios

Fallar-te ainda, ainda bemdizer-te!
Posso...

MEROPE, com desabrimento.

Podes fallar-me de meu filho...
Vive? — Dize-me ao menos se ainda vive.

POLYDORO.

Sim... vive.

MEROPE.

Vive? — Oh júbilo, oh prazeres
D'este meu coração! — Ai Polydoro,
Que amarga existencia ha sido a minha,
Que vida crudelissima hei vivido,
Que azedume, que fel tingiu meu sangue,
Que aperturas, que afôgo, que saudades,
Que dúvida cruel peior qué tudo!
Oh que agitados sustos, que temores!
Vida?.. E vive ũa mãé sem ver seu filho?
Vida!.. Se eu tinha a morte dentro n'alma.
Mas dize-me: que é d'elle, onde o deixaste?
Que faz, quem o demora?

POLYDORO, á parte.

Oh sanctos deuses!

Como lhe-heide dizer que não sei d'elle?

MEROPE.

Immudeceste? — Acaso... oh!

POLYDORO.

É seguro
Este logar? Ninguem aqui nos ouve?

SACERDOTE, depois de olhar por toda a parte.

Ninguem: falla, mas baixo.

POLYDORO, ajoelhando.

Tem piedade
D'éstas cans, d'estes annos tam cansados.
Minha velhice extenuada e debil
Não pôde, não bastou a segurá-lo...
Forcejei, mas em vão.

MEROPE.

O quê... que dizes?
Desgraçada de mim!.. Pois quê!.. meu filho?

POLYDORO.

Oh malfadado velho! Oh que não pude
Expirar eu de dor!

MEROPE.

Que ouvi! Que escuto!

Barbaro! que me dizes? que fizeste?
O meu filho onde está?

POLYDORO.

Prouvera aos deuses
Que eu soubesse onde existe!

MEROPE.

Quê!.. Não sabes?
Mas vive?

POLYDORO.

Vive... sim...

MEROPE.

Ah desgraçado!
Levanta-te... Ai de mim!... Sabes ao menos
Da sua vida de certo?

POLYDORO, abraçando o tumulo de Cresphonte.

Ó campa augusta,
Ó do melhor dos reis sagradas cinzas!...
O teu filho, e o meu... (meu tambem era)
O teu filho...fugiu: no peito altivo
Não lhe cabia o coração, ha muito;
A nossa habitação era pequena
Para a sua grande alma. O despiedado

De mim não teve dó, nem dos meus annos:
Fugiu-me de repente.

MEROPE.

Nem soubeste
Para onde os passos dirigiu?

POLYDORO.

Gran' tempo
Ha que por toda a Grecia o ando buscando,
Mas em balde corri.

MEROPE.

Oh caro filho!
Ai! que será de ti sosinho e fraco,
Desgarrado no mundo, sem arrimo,
Sem mãe que te acarinhe, que te amime;
Talvez mendigo!..

SACERDOTE.

O espirito socegá:
Em teu filho vigia deus piedoso;
Do alto dos ceos a dextra omnipotente
Os passos lhe dirige.

MEROPE.

Ah! que aos meus rogos

Ao meu pranto contínuo, aos meus suspiros,
Se tam piedoso é o ceo, que m'o conceda.
Tantos dias passados, tantas noites
No amargor da saudade, nos tormentos;
De tudo receiando!.. Olha, hoje ainda
Ao ver esse mancebo criminoso,
Ao ouvir-lhe contar da triste morte
Do infeliz extrangeiro...

POLYDORO.

Um extrangeiro
Morto! aonde?

MEROPE.

Visinho da cidade.

POLYDORO.

Justos deuses, que escuto! Hontem?

MEROPE.

Sim, hontem.

POLYDORO.

Juncto do rio?

MEROPE.

Submergiu nas aguas
O assassino cruel o corpo exangue.

POLYDORO.

Sanctos numes!

MEROPE.

Mas quê? tu estremeces!
Dize... talvez... minhas suspeitas... falla.
Desmaias!.. desfallêces... Que presinto!..

POLYDORO, á parte.

Mesquinho que farei, que heide dizer-lhe?

MEROPE.

Que murmuras comtigo? falla, dize,
Falla commigo... falla... que receias?
Em que pensas? que sabes? quero ouvi-lo.
Ah! tira-me de dúvida.

POLYDORO.

Não posso...
Fallar... a voz... me falta... eu morro...

MEROPE.

Tremo...
Que aperturas... que horror... Ja não me atrevo
A perguntar-te... Não quero sabê-lo.
Mas quero: falla. A vida que me importa,
Se mãe eu ja não sou... Que idea horrivel!

Ah! tu sabes... O morto?...

POLYDORO.

Eu... não sei nada.

MEROPE.

Falla, que mando eu.

POLYDORO.

Conheces... misera...
Tu... este... cinto?

MEROPE.

Este... oh ceos! que vejo!
Que espectaculo horrivel!.. Tinto ainda
Em sangue fresco... Eu morro... eu...

POLYDORO.

Desgraçado!
Ah! quando lh'o cingi... quem me diria
Que em tal estado tornaria a vê-lo?

MEROPE.

Quem me diria que eras um infame,
Indigno do depósito sagrado
Que te intreguei por minha desventura.
Dize: que é de o meu filho! dize, perfido:
Não t'o dei eu aqui? não me juraste

Guardar-m'o? — Foi aqui, foi n'este sítio.
Qu'é d'elle? Qu'é de a fe que prometteste?
E ousaste apparecer-me, e ousaste, louco,
Apparecer á mãe sem dar-lhe o filho?
O meu filho... o meu filho é morto! — E eu vivo!
Vivo, heide viver para vingá-lo.
Onde está esse perfido extrangeiro,
Esse barbaro onde é que se occulta?
Quero vingar-me, quero lacerar-lhe
As intranhas, banhár-me no seu sangue,
Quero...

SACERDOTE.

Rainha, vê que:..

MEROPE.

Nada vejo,
Nada mais quero ja, senão vingar-me,
E depois expirar sôbre ésta campa.

(partindo)

POLYDORO.

Sigamo'-la.

SACERDOTE.

Piedade, sanctos deuses!

ACTO QUARTO.

SCENA I.

POLYDORO.

Que farei, desgraçado, n'estes sitios
Onde tudo o que vejo me atormenta!
Éstas mesmas columnas, este templo,
As mudas, frias pedras d'ésta campa;
D'ésta campa, ai de mim! onde se escondem
As preciosas, venerandas cinzas
Do melhor dos monarchas, de Cresphonte,
Tudo parece erguer-se a perguntar-me
Pela sua esperança derradeira

Que lhe eu perdi, eu malfadado, eu misero!
(pausa)
Era aqui. — Vinha o povo alvorotado;
E, á frente da impia soldadesca,
Polyphonte, vagando entre o tumulto,
Despiedado excitava á mortandade.
Passou alli, de sangue vai coberto...
Ainda o vejo á negra luz dos fachos;
Ouço o tinnir dos ferros estridentes,
Escuto ainda, vejo-a aqui... oh vista!
A triste mãe, nos braços o filhinho
Todo escorrendo lagrymas e sangue,
Trémula a voz, os passos vacillantes,
Cortada de terror, balbuciando
Dizer-me: « Polydoro, corre, voa,
Leva-o longe d'aqui... salva-m'o, foge;
Lembre-te que é meu filho e de Cresphonte. »
E eu — amaldiçoado! — eu recebi-o,
Fugi, pude salvá-lo, pude... oh deuses!
Pude ser o maior dos desgraçados:
Perdi-o; sim, perdi-o... — Foram co'elle
As esp'ranças da mãe e as de um imperio.

(pausa)

E vivo! — E ésta velhice deshonrada
Não vem a morte que me livre d'ella!

(caì como desfallecido sôbre o tumulo.)

SCENA II.

EGISTHO, POLYDORO.

EGISTHO, sem o ver.

Estará decidido o meu destino?
Ai, que será de mim, so, desvalido,
E culpado n'um crime — deus! n'um crime
Por que todos me accusam, me detestam.
Se inda uma vez ao menos eu podesse
Ver o meu triste pae! vê-lo, abraçá-lo,
Oh uma vez sequer! — Porém diviso
Juncto áquelle sepulchro...

POLYDORO, sem o ver.

Oh caro filho
Tu morreste e eu vivo!

EGISTHO.

Ceos, que escuto,

Que som de voz!

POLYDORO, sem vêr Egistho ainda.

Oh morte!

EGISTHO.

É elle mesmo.

POLYDORO, voltando-se.

Oh velhice infeliz!

EGISTHO.

É elle...

POLYDORO, vendo Egistho.

Eu sonho!

(ficam ambos algum tempo olhando-se com espanto; depois correm um para o outro.)

EGISTHO.

Meu pae...

POLYDORO.

Meu filho...

(abraçam-se.)

EGISTHO.

Oh pae, tu n'estes sitios?

POLYDORO.

Filho, meu filho! E tu que infausto numen

Aqui te conduziu? Em que perigos,
Em que laço vieste inrevetar-te!
Tu es o criminoso que?..

EGISTHO.

Sou esse,
Sou esse malfadado.

POLYDORO.

Ah, foge, foge,
Foge, infeliz: não sabes, não, que horrores
Te ameaçam aqui.

EGISTHO.

Ja nada temo.
Ja te abracei, meu pae, agora venham
Sobre mim os castigos, os tormentos.
O mesmo rei não temo...

POLYDORO.

Ah não é d'elle
Que eu temo agora.

EGISTHO.

Pois quê, da rainha?
Essa julguei que não me abhorrecia.
Parecia-me...

POLYDORO.

Sim, mas foge, foge;
Ella so, ella quer a tua morte.
Talvez não tarde aqui — oh que destino!
Se ella soubesse... oh deus!.. se tu soubesses,
Se... Mas o tempo corre... em breve... Ai foge,
Salva-te, filho, foge as íras cruas
Da rainha!

EGISTHO.

Eu fugi-la, eu que a amo tanto,
Fugir sua vingança, o seu castigo
Quando ousei offendê-la! — Não, não quero
Ajunctar novo crime aos meus delictos.

POLYDORO.

Foge, infeliz.

EGISTHO.

Não fujo: venha embora,
E farte no meu sangue as suas íras,
Sacie o seu furor.

POLYDORO.

Que proferiste!
Malfadado, que dizes! tu não sabes

Que ella em ti quer vingar o filho.

EGISTHO.

E era

O que eu matei o filho da rainha?

Tam impio fui, tammanho foi meu crime!

POLYDORO.

Não... tu és innocente.

EGISTHO.

Eu innocente,

Eu coberto do sangue d'esse filho

Que...

POLYDORO.

Não era seu filho o que mataste.

EGISTHO.

Mas... Não posso intender-te.

POLYDORO, á parte.

Por mais tempo

Ja não devo occultar-lhe o gran' mysterio.

(alto e abraçando-o a soluçar.)

Filho, recebe o derradeiro abraço,

O abraço paternal d'um triste velho

Que te chamou... te amou como seu filho.

Filho... tam doce, tam querido nome
Pela vez derradeira inda t'o chamo.

(ajoelhando)

Sim, e aos pés do meu rei me prostro agora.
Minhas lagrymas vê; correm de gôsto.
O primeiro sou eu que te appellido
Por tam sagrado titulo. — Tu foste
O meu filho... Ah, perdoa que me esqueço...

EGISTHO.

Levanta-te: que fazes! de joelhos
Tu a meus pes, oh pae!

POLYDORO.

Ja não sou esse,
Sou teu vassallo, es o meu rei agora.

EGISTHO.

Quê!

POLYDORO.

Tu és filho do infeliz Cresphonte.

EGISTHO.

E Merope?

POLYDORO.

É tua mãe.

EGISTHO.

E Polyphonte?

POLYDORO.

Usurpador, rebelde.

EGISTHO.

E eu?

POLYDORO.

Es Egistho,
Es de Messenia o rei.

EGISTHO.

Se sou, qual dizes,
Sangue de Alcides... Mas que o sou ja creio;
Sinto nas veias, sinto aqui no peito,
E n'este ardor que o coração me inflamma...
Vamos a castigar esse rebelde,
Vamos.

POLYDORO.

Senhor, modera-te, ou perdido
Para sempre serás. Tua mãe...

EGISTHO.

Sim, vamos
Abraçá-la primeiro.

POLYDORO.

Oh ceos! que intentas?
Quê, descubrir-te a ella! E Polyphonte?..
Estás inerme e so...

EGISTHO.

Tenho este braço,
O meu direito, e os deuses que o protegem.

POLYDORO.

Não, por deus, não; fujamos d'estes sitios,
Fujamos...— Mas aonde, por que modo?
E a rainha que não tarda aqui... e a triste
Que julga morto o suspirado filho,
E vem vingá-lo em ti!..—Mas ouve: escuto
Ruido... É, é ella—Gente armada...
Que aperturas! Aonde heide esconder-te,
Como salvar-te ás íras despiedadas
De tua propria mãe?—Se lhe descubro,
Se lhe digo... perdido és para sempre.
Se lh'o não digo, a desgraçada mata-te
Sem piedade.

EGISTHO.

Vai, deixa-me com ella;

Deixa-me: eu dobrarei sua crueza,
Ou morrerei contente por seu braço.
Vai... Mas, oh não te exponhas tu aos olhos
Dos sagazes ministros do tyranno;
Esconde-te.

POLYDORO.

Eu? — E tu n'este perigo?
D'aqui não vou.

EGISTHO.

Esconde-te, ou eu mesmo
A Polyphonte corro e vou dizer-lhe,
Declarar-lhe quem sou.

POLYDORO.

Não, não, socega:
Eu me occulto de traz d'éstas columnas,
E velarei por ti. Não lhe descubras
A Merope quem es. — E se outro modo
Não houver de abrandá-la, eu no perigo
Te acudirei.

SCENA III.

MEROPE, EGISTHO,

SOLDADOS, SACERDOTES, SACRIFICADORES, SEQUITO.

MEROPE, *sem ver Egistho que está de traz de uma columna.*

Soldados, procurae-o,
Cumpri do vosso rei as ordens; ide.
E prepare-se o augusto sacrificio
Que aos não vingados manes de meu filho
Pretendo offerecer e aos do consorte.
O meu filho de lagrymas! a última
Esperança que os deuses me deixaram,
O despiedado m'a cortou. — Oh, heide
Sorver éstas delicias da vingança
Com que me pulla o coração tam soffrego.
Heide vê-lo tremente, de joelhos
Supplicar-me piedade... — A ti piedade,
Compaixão para ti, monstro! — E o cutello
A brilhar-lhe nos olhos, e a agonia
A apertar-lhe, no peito desalmado,
Aquelle coração... Oh ja me tarda.

Angustía-me a sêde da vingança:
Quero saciá-la. Ide, ide buscar-m'o;
Lançae-lhe ás mãos traidoras esses ferros.
Quero...

EGISTHO, adiantando-se gravemente para Merope.

Arredae esses grilhões inuteis.
Para cumprir as ordens da rainha
Basto eu so. Dos soldados do tyranno
Não precisa a viuva de Cresphonte.
De sobejo meus braços manietaram
O seu pranto, as suas dores.

(ajoelha)

De joelhos,
Mas sem tremer, aqui me tens; o peito
Descuberto aqui está. Fere; não peço,
Não supplico piedade; satisfaze,
Sacia n'este sangue malfadado,
Proscripto como o teu, a longa sêde
Da tardia vingança. Eia fere;
Heide contente receber o golpe.
Como tu ninguem mais, so tu no mundo
Sôbre mim tens direitos tam sagrados.

Sim, vinga o filho, vinga-o no meu sangue,
Que eu heide abençoar a mão piedosa
Da mãe que me castiga... Uma so graça
Te imploro por mercê: é o derradeiro
Favor que pedirei ja n'ésta vida,
E não posso morrer sem que m'o outorgues.
Dá que possam meus labios moribundos
Beijar a régia mão que hade immolar-me;
Deixa imprimir-lhe o osoulo da morte,
E que o suspiro extremo...

(vai a inclinar-se)

MEROPE, voltando-se para que a não vejam internecer-se.

Desgraçado!
A meu pezar o coração se amolga,
Interneço-me... quasi, quasi o pranto
Dos olhos me deslisa involuntario.
Que podêr tem seus dittos na minha alma!
Retem-me o pejo so que o não abrace.
Infeliz!

EGISTHO.

Ah! se ao menos, ó rainha,

Te podesse mover meu triste fado;
E que antes de expirar visse em teus olhos
O mais leve signal, um tenue indício
De compaixão... de amor...

MEROPE.

Que incanto é este!
Oh que illusão, que voz, que gesto aquelle!

EGISTHO.

Se uma vez, uma so vez... — Muito espero,
Muito ouso! — se uma vez o doce nome
Te podesse chamar de mãe...

MEROPE.

Perverso!
Mãe!.. Eu ja não sou mãe... e por teu crime.

EGISTHO.

Se tu de minha sorte condoída,
Vendo-me assim tam so, tam sem amparo,
Longe dos meus, dissesses por piedade:
«Filho!..»

MEROPE.

Que proferiste, desgraçado!
Filho... malvado! — Filho! eu tinha um filho;

E tu, tu foste que m'o assassinaste.
Tu de minha piedade agora zombas.
Ah! esse nome a furia me renova;
Tua sentença pronunciaste n'elle.
Morre.

(toma o cutello do sacrificio)

Mas que podêr me affroixa o braço,
Qual invisivel mão suspende a minha,
Que gêlo pelas veias?..

EGISTHO.

Ah que esperas?
Livra-me d'ésta vida que me pésa;
E este sangue que é teu, que em teu serviço
Eu quizera verter — derrama-o, expie
O involuntario crime de meu braço.
Mas ouvir teus queixumes de orphandade,
Mas saber que sou eu a causa d'elles...
Oh poupa-me, rainha, esse tormento:
Melhor do que elle soffrerei a morte.

MEROPE.

O que sinto, onde estou!

EGISTHO.

Vinga o teu filho.

MEROPE, com esfôrço e resolução.

Sim, o meu filho, sim o meu espôso
Vingados hãode ser. — Manes queixosos,
Innultos manes de Cresphonte e Egistho,
Vinde, vinde, accorrei ao sacrificio,
Vinde, sombras queridas, n'este sangue
Beber a longos tragos a vingança.
Este ferro guiae-o áquelle peito,
Avigorae-me o braço que fraquea,
Que treme... — Ah! ja vos sinto, ja não tremo.
Ei-los, sim: esperae. — Espôso, filho!
Filho!.. — Tu foste, tu que m'o mataste;
Morre.

SCENA IV.

POLYDORO, EGISTHO, MEROPE, etc.

POLYDORO.

Que fazes, misera! suspende.

MEROPE.

Quem ousa interromper o sacrificio?

POLYDORO.

Desgraçada, que intentas?

MEROPE.

Eu, vingar-me.

POLYDORO.

C'um parricidio?.. oh ceos!

MEROPE.

Um parricidió
Vingar meu filho! — Ah, não: morre, malvado.

POLYDORO.

Vingar o filho!... o filho!.. Este é o teu filho.

MEROPE.

Que dizes!

POLYDORO.

Não morreu: — teu filho é este.

MEROPE.

Meu filho! Egistho! — Sonho?.. A dor, o pranto,
O prazer me suffocam... — Filho, corre
Aos meus braços.

EGISTHO.

Oh mãe! — Posso chamar-te,
Ja posso proferir tam doce nome.

MEROPE.

Sim, es meu filho; n'este peito, ha muito,
Batendo o coração m'o adivinhava.
Filho, querido filho!.. Ah, não me cabe
O excesso do prazer ja dentro n'alma:
Affogam mais as lagrymas de gôsto.
—Filho que tantas dores me has custado,
Filho por que hei vertido tanto pranto,
Filho, estás nos meus braços, no meu seio;
N'elles te apperto emfim...—Oh! venha a morte,
Venha o tyranno, que o não temo agora...
Que disse!.. Ai de mim se elle viesse,
Se elle nos visse agora, se o malvado
Podesse descubrir que eras meu filho...
Oh que...

POLYDORO.

Senhora, Polyphonte chega.

MEROPE.

Onde esconder-te? que farei...

POLYDORO.

Ja perto
Chega...

MEROPE.

Meu filho, filho meu!..

EGISTHO.

Socega:

Não temas.

MEROPE.

Não temer!

POLYDORO.

Finge, modera...

Talvez...— Não é ja tempo: desgraçada!

SCENA V.

MEROPE, EGISTHO, POLYDORO, POLYPHONTE, etc.

POLYPHONTE.

Estás vingada emfim, satisfizeste
No sangue do malvado os teus furores?
— Quê? vivo ainda o vejo! — e n'elle os olhos
Sem rancor me parece que ja fittas.
Mudaste de tenção — ou meus soldados
Não foram diligentes em servir-te,
Em cumprir teus decretos? — Oh lá, prestes

Executae as ordens da rainha.
Segurae-o.

MÉROPE.

Eu... enganei-me com seu crime;
Illudi-me, pensei... Mas elle...

POLYPHONTE.

Morra:
Tua muita piedade é que te illude.

MÉROPE.

Suspendei... Não: sei, sei que não tem culpa.

POLYPHONTE.

(á parte) (alto)
Ja conheço o mysterio. — De teu filho
O matador cruel... é innocente?

MEROPE.

Não. — Meu filho não era... o morto.

POLYPHONTE.

Como!
O cinto, os signaes todos, e esse velho
Que a mensagem fatal veio traser-te,
Tuas lagrymas... foi tudo fingimento?

Oh! não te creio agora. — Oh la, soldados,
Feri.

MEROPE.

Senhor!... meu filho... vive ainda.
Este...

POLYPHONTE.

É nova traição, é novo ingano:
Morra.

MEROPE.

Oh que aperturas, que agonia!
Senhor, piedade...

POLYPHONTE.

Para quem piedade?
Um malfeitor, um perfido assassino!
Pela vez derradeira vo-lo ordeno,
Soldados!

POLYDORO.

Grande deus!

POLYPHONTE.

Feri.

MEROPE.

Suspende.

POLYPHONTE.

Não.

MEROPE.

Compaixão... senhor!

POLYPHONTE.

Em vão supplícas.

MEROPE.

Elle é...

POLYPHONTE.

Feri.

MEROPE.

Malvado! elle é meu filho.

(suspensão geral)

POLYPHONTE.

Teu filho! — É vão fingir; ja te não creio.
Morrerá, e...

EGISTHO.

Seu filho eu sou, tyranno:
No furor que me anima o reconheço.
Sólta-me os ferros, e verás.

POLYPHONTE.

Insano,

Que ousaste proferir! — Não vês, não temes
Que...

POLYPHONTE.

Despréso-te; não temo.

MEROPE.

Oh tem piedade,
Desculpa-lhe, senhor...

EGISTHO.

Não me desculpes:
Eu não quèro a piedade de um tyranno.

POLYPHONTE.

Não a terás. — Feri.

MEROPE, abraçando-se com Egistho.

Primeiro os ferros
Haveis de atravessar por este peito.
O coração da mãe rasgae primeiro
Para chegar ao coração do filho.
Barbaros, que vos fez este innocente?
E tu, cruel, que não fartaste ainda
De nosso sangue a insaciavel sêde,
Satisfaze-te em mim, em mim te vinga.
— Mas vingar-te de quê?.. Senhor, perdoa:

(ajoelha a Polyphonte)
Ves a teus pés prostrada uma rainha;
Minhas lagrymas supplices attende,
Escuta estes soluços lastimados,
Ouve os meus rogos; movam-te a piedade
De ũa misera mãe as desventuras;
Oh leva tudo o mais, deixa-me o filho,
Deixa-me o filho, deixa-m'o; e eu te juro
Que, sem mais pretender ao solio avito,
Iremos ambos longe de Messenia
Ignorados viver; iremos ambos
Ainda abençoar tua clemencia.
Vive seguro tu sôbre o teu throno,
Vive e reina.

EGISTHO.

Levanta-te, rainha.
Tu prostrada a seus pés! Com essa infamia
Queres comprar a vida de teu filho!
Oh minha mãe!

POLYPHONTE.

Pois bem, se elle é teu filho,
Em tuas mãos está salvá-lo ainda.

Se o não é, se fingidos são teus prantos,
Ja por tuas acções vou conhecê-lo.
Adrasto!

(Adianta-se um da comitiva a quem falla em segredo; depois dirigindo-se aos guardas)

Vós levae-o em segurança.

MEROPE.

Barbaro, e d'ésta sorte é que?..

POLYPHONTE.

Socega.
A minha fe te dou que está segura
A sua vida, e de ti so pende agora.

MEROPE.

Mas como?

POLYPHONTE.

Sabê-lo-has em breve tempo.

SCENA VI.

MEROPE, EGISTHO, POLYDORO, SOLDADOS.

MEROPE.

Justos deuses, que intenta este malvado!

Que será! — Oh meu filho!

EGISTHO.

Oh mãe!

MEROPE.

Oh filho!

EGISTHO.

Consola-te.

MEROPE.

Eu! eu consolar-me, filho,
Sem ti!

EGISTHO.

Adeus!

MEROPE.

Adeus filho!.. meu filho!

ACTO QUINTO.

SCENA I.

POLYDORO, SACERDOTE,
SACRIFICADORES, etc.

(Polydoro está ajoelhado e supplicante juncto ao tumulo. O Sacerdote sai, acompanhado dos sacrificadores, pela porta principal do templo: pára no peristylio, e parece meditar profundamente. Polydoro, vendo-o, ergue-se e vai para elle. Ambos se adiantam para o proscenio tristes e silenciosos.)

POLYDORO.

Aqui n'este logar, aqui á face
D'aquella monumento!

SACERDOTE.

Aqui.

POLYDORO.

Sem pejo
Dos homens, sem temor dos deuses, hade
Consummar-se o espantoso sacrificio!
E tu has de erguer ao ceo as mãos piedosas
Para o abençoar?

SACERDOTE.

Heide.

POLYDORO.

E não temes
Que surja d'essa campa a formidavel,
A despeitada sombra de Cresphonte,
Que a ti, ao filho, á espôsa, que a nós todos
De horriveis maldições cubra e fulmine?

SACERDOTE.

Não.

POLYDORO.

Que dizes!

SACERDOTE.

Que o filho de Cresphonte
É preciso salvar, que hade ser salvo,
E que é pequeno todo o sacrificio,

Que por tal se fizer.

POLYDORO.

Supremos deuses!
Tu, que o conheces, ousas confiar-te
Nas dolosas promessas do tyranno!
Crês que n'aquella mão torpe de sangue
Cabe a mão virtuosa da rainha,
Que hade impedi-lo que não trave logo
Do punhal traiçoeiro e despiedado
Para matar o filho? — Pura, e honrada
Do respeito dos povos, não a acata;
Pensas que hade temê-la ou respeitá-la
Quando, cheia de opprobrio e vilipêndio,
A indigna viuva de Cresphonte
Se prostituir de seu algoz no leito?
— Co'a ignominia da mãe promette agora
Remir a vida do innocente filho.
Porquê? Porque inda teme que esse povo,
Cansado de o soffrer, erga o terrivel,
O formidavel brado de cem vozes,
Que sempre anda no ouvido dos tyrannos
Inda nas horas de mais paz, — o grito

Que se ergue de repente e soa ao longe,
E faz tremer o justo, o rei piedoso,
O que fará o desposta! — Não ousa,
Na presença do povo de Messenia,
Matar o filho de seus reis; não póde.
Mas o enteado vil de Polyphonte,
A esse hade impunemente assassiná-lo.
Sabe que póde, e hade fazê-lo.

SACERDOTE.

É certo.

POLYDORO.

É certo! E então?..

SACERDOTE.

E então, como éstas minhas,
Não te dizem as raras cans da fronte
Que a prudencia e o conselho socegado
São o valor dos velhos, Polydoro?
Que queres, co'esse fogo de mancebo
No cerebro, — e o gêlo da velhice
Nas mãos caducas, fazer tu agora?

POLYDORO.

Quero cahir na cova sem opprobrio.

A vida sim, a honra não caduca.
Os teus conselhos de prudencia, guardá-os
Para ti. Bom conselho deste a Merope;
Que tu so a acceitar a resolveste
O infame consorcio do tyranno!
Pasmo...

SACERDOTE.

Não pasmes ja, que não é tempo
Ainda. Ves aquelles que acompanham
Armados a rainha?

POLYDORO.

São soldados
De Polyphonte que, em fingida pompa
De cortejo, arrastada véem trazendo
A victima infeliz ao sacrificio.

SACERDOTE.

Mas véem armados?

POLYDORO.

Certo, véem.

SACERDOTE.

E sabes
Se aquellas armas não véem promptas hoje

A erguer-se contra quem as pôs na dextra
Dos que suppôs escravos, e são homens?
Que ordenou e regrou essas phalanges
De tantos mil para uma so vontade,
Sem se lembrar que outra vontade póde
Mudar-lhe a direcção...

POLYDORO.

Pois tu!.. Perdoa
Ao meu zêlo indiscreto — E sabe Merope,
Sabe o principe acaso que?..

SACERDOTE.

Não sabem.
Nem o hãode saber senão no instante
Em que estoirar o brado da vingança,
Que eu ha tanto concentro n'este peito.
Silencio: chega Merope: um so gesto
Póde perder-nos.

SCENA II.

MEROPE, SACERDOTE, POLYDORO,
SEQUITO, SOLDADOS, etc.

MEROPE.

Eis-me resignada;

Cumpra-se em mim, segundo fôr vontade
Dos soberanos deuses. — Sacerdote,
A victima aqui está, — e adornada

(dá com os olhos no tumulo e volta-se para o outro lado)

D'éstas galas fataes... Oh incubri-me,
Escondei-me esse marmore implacavel
Em que a minha vergonha se reflecte.
Ai! prometti — para salvar o filho,
Prometti — consenti n'ésta vileza,
No infame sacrificio: mas ja sinto,
Sinto de todo que me falta o animo;
Não posso...

SACERDOTE.

Poderás, que a derradeira
Esperança da patria é em ti agora,
E em teu animo, o animo do povo;
Tem valôr, ó rainha, e salva o filho;
Salva o teu filho, deixa o resto aos deuses.

MEROPE.

E elle onde está? Meu filho! Quero vê-lo.

SCENA III.

POLYPHONTE, MEROPE, SACERDOTE, POLYDORO, EGISTHO, etc.

POLYPHONTE.

Aqui o tens, ó Merope, o teu filho,
E aqui, ó povos de Messenia, vêde
Que intrego á viuva de Cresphonte,
Com este dote, a minha mão — e a parte
Do meu imperio a chamo. Assim confundo
Os inimigos de meu throno, e apago
Os sanguentos vestigios das passadas
Dissensões, o pretexto derradeiro
De futuras discordias. Eia, o fogo
No altar accendei, e o sacrificio
Celebrae de concordia e paz.

(O Sacerdote sobe ao peristylio; deante d'elle collocam o altar. Merope a um lado, Polyphonte ao centro, Egistho ao pé d'elle.)

SACERDOTE.

Ouvi-me,
Supremos deuses; e, n'esta hora grande
E tremenda, acceitae o juramento

Que ante vossos altares venerandos,
E invocando o terrivel testimunho
De vossa fé, o povo de Messenia
Aqui faz. Ser fieis juràmos todos
Ao nosso rei.

POVO.

Juràmos!

SACERDOTE.

E o castigo
Do parricida, do perjúro caia
Sôbre quem não guardar seu juramento.

POLYPHONTE.

Assim seja. — A tua mão, rainha, e firme-a
Ésta alliança as bençãos...

EGISTHO, *tomando de repente o cutello que está sôbre o altar, e collocando-se entre Merope e Polyphonte.*

Não tem bençãos
O altar para o perjuro, o parricida.

POLYPHONTE.

A mim, soldados, eia!

EGISTHO.

A mim, soldados,
Que sou o vosso rei, e vos liberto,
E vos vingo... — e no sangue do tyranno
(fere a Polyphonte, que logo caí)
Lavo a affronta da patria, a minha e a vossa.

SACERDOTE.

É o vosso rei, saudae-o!

MEROPE.

Defendei-o:
É o meu filho, o filho de Cresphonte.

TODOS.

Salve!

MEROPE.

Meu filho!

EGISTHO.

Minha mãe!

POLYDORO.

Oh dia
De triumpho! A teus pés, senhor, agora
Posso morrer em paz e satisfeito,
Porque viram meus olhos ésta glória.

EGISTHO.

Vem a meus braços, pae; vem, tu que foste
Meu guia, meu amparo na desgraça,
Não me abandones; em maior perigo
Estou agora: sou feliz — e reino.
Vem recordar-me — e vós lembrae-m'o todos
A todo o instante — que subi ao throno
Precipitando d'elle a tyrannia.
Maior obrigação, dobrado incargo
Tenho de ser bom rei, maior castigo
Mereço, e mais atroz, se for tyranno.

UM AUTO DE GIL-VICENTE.

Introducção.*

Em Portugal nunca chegou a haver theatro; o que se chama theatro nacional, nunca: até n'isso se parece a nossa litteratura com a latina que tambem o não teve. A scena romana viveu sempre de imprestimos gregos, nunca houve renda propria; a nossa andou fazendo » operações mixtas » com Italia e Castella, até que, fatigada de uma existencia difficil, toda de privações e sem glória, arreou a bandeira nacional, que nunca içára com ver-

* Do auctor.

dadeiro e bom direito, e intregou-se á invasão franceza.

Napoleão mandou á conquista de Portugal um dos seus generaes mais brilhantes. Mas a gente que, bons trinta annos antes d'isso, tinha vindo, em nome das perfeições francezas, apoderar-se do nosso theatro, era bicha réles — algum troço de guarda-barreiras de provincia.

O que se traduziu, o que se traduziu, e como!

E todavia Gil-Vicente tinha lançado os fundamentos de uma eschola nacional. Mas foi como se a pintura moderna acabasse no Perugino. Os alicerces da eschola eram solidos como os do »erario novo« á Cotovia; mas não houve quem edificasse para cima, e entraram a fazer barracas de madeira no meio, e casinholas de taipa, que iam apodrecendo e cahindo, até que vieram os reformadores como é moda agora, destruiram tudo, alicerces e tudo, fizeram muitos planos, e não come-

truiram nada, — nem siquer deixaram o terreno limpo.

A causa d'ésta esterilidade dramatica, d'ésta como negação para o theatro em um povo de tanto ingenho, em que outros ramos de litteratura se têem cultivado tanto... não se póde explicar, dizem todos, e eu tambem o tenho ditto. Mas é que nada se acha sem procurar. Ora vamos a ver.

O theatro é um grande meio de civilisação, mas não prospéra onde a não ha. Não têem procura os seus productos em quanto o gôsto não fórma os habitos e com elles a necessidade. Para principiar pois é mister crear um mercado facticio. É o que fez Richelieu em París, e a côrte de Hispanha em Madrid; o que ja tinham feito os certames e concursos publicos em Athenas, e o que em Lisboa tinham começado a fazer D. Manuel e D. João III.

Depois de creado o gôsto público, o gôsto público sustenta o theatro: é o que suc-

cedeu em França e em Hispanha; é o que teria succedido em Portugal, se o mysticismo bellicoso d'Elrei D. Sebastião, que não tractava senão de brigar e rezar, — e logo a dominação extrangeira que nos absorveu, não tivessem cortado á nascença a planta que ainda precisava muito abrigo e muito amparo.

A restauração veio melancholica e ascetica. O Senhor D. João IV era musico excellente, mas de egreja. Seus dous filhos, nem eu sei se elles tinham gôsto por alguma coisa: acho que não. Cadaqual por seu modo, mas ambos foram bem tristes e infelizes reis.

O Senhor D. João V, esse teve paz e fortuna, e era magnífico e grande amigo das artes e dos livros — mas livros em folio, muito grandes, muito pesados, com muita nota marginal, como se faziam n'aquella sua sancta academia de Historia, que deitava cada volume em papel imperial — e tam bellas edições!

Dizem que queria imitar Luiz XIV de

França: que pena que o não imitasse em proteger e animar o theatro! Talvez foram escrupulos de consciencia, ou beaterio estupido de alguma Maintenon bastarda...

Mas com o gôsto que então dominava a litteratura quasi que foi fortuna abandonarem o theatro. Havia de ter que ver um drama laureado pela academia dos *Singulares* — ou pela dos *Humildes e Ignorantes*! *

O marquez de Pombal, sôbretudo depois que travou lucta de morte com os Jesuitas, com a côrte velha — e com toda a sociedade velha — quiz servir-se do theatro; mas o estado de guerra social era já muito violento de mais, andava no ar muito furacão de philosophias abstractas que não deixavam medrar o que se plantava, e a terra não se revolvêra ainda bastante para lhe dar substancia nova.

* Duas mais notaveis das infindas academias d'aquelle tempo, cujo gôsto era o mais refinado e insupportavel gongorismo.

N'este primeiro começar das transições sociaes não se cria nada.

Como se hade então criar hoje? Hoje o estado é outro; ja se revolveu a terra, ja mudou todo o modo de ser antigo; não está completa a transição, mas ja leva um seculo de começada — que a principiou o marquez de Pombal.

Drogas que se não fazem na terra que remedio ha senão mandá-las vir de fóra? O marquez de Pombal mandou vir uma ópera italiana para Elrei.

O povo compôs-se a exemplo do rei: traduziam em portuguez as óperas de Metastasio, mettiam-lhes graciosos, — chamava-se a isto *accommodar ao gôsto portuguez*; — e meio rezado, meio cantarolado, la se ia representando. Vinha o entremez da *Castanheira* no fim, ou outro que tal: e que mais queriam?

O povo antes queria as óperas do Judeu. — Tinha razão; mas queimaram-lh'o e o povo deixou queimar.

Coitado do pobre povo!

Com o dinheiro que elle suava para as óperas italianas, para castrados, para maestros e maestrinos, podia ter quatro theatros nacionaes: e o Garção que lhe fizesse comedias que haviam de ser portuguezas de véras, porque o Garção era portuguez ás direitas.

Tinham-lhe queimado o Antonio José porque diz que não comia toucinho; matáram-lhe o Garção n'uma enxovia por escrever uma carta em inglez. *

E o povo deixou matar. Por isso ficou sem theatro. Não seja tolo.

E eram duas calúmnias atrozes, ambas ellas: o Antonio José comia um prato de torresmos como qualquer christão velho, e o Garção nunca escreveu tal carta em inglez. Com o primeiro foi vingança ignobil de algum frade fanatico; com o segundo foi mais ignobil vingança ainda, a de um ministro que blasonava de philosopho!

No reinado seguinte era peccado subirem mulheres á scena. Façam la Zairas

* Veja nota no fim do volume.

ou Iphigenias para representarem barbatolas!

De mais a mais, a invasão litteraria franceza, de que fallei, veio por este tempo.

Completa ella, ja não era possivel haver theatro: a litteratura dramatica é, de todas, a mais ciosa da independencia nacional.

Essas poucas e deslavadas tragedias que se fizeram, — classicas puritanas da gemma, — eram francezas na mesma alma, não tinham de portuguez senão as palavras... algumas — uma ou duas, apenas o titulo e os nomes das pessoas.

E a academia das Sciencias a offerecer premios aos dramas originaes! E escriptores de bom talento a traduzir Racine, Voltaire e Crebillon e Arnaud! Nada; não renascia; ou, propriamente, não nascia o theatro nacional.

Nem elle tinha onde nascer, o pobre: que so a humildade da Eterna Grandeza escolheu para nascer um presepe. Havia

ahi duas arribanas, uma no Salitre, outra na rua dos Condes, onde alternada e lentamente agonizava um velho decrepito que alguns tafues de botequim alcunhavam de theatro portuguez; e iam la de vez em quando ouvir o terrivel estertor do moribundo: — que atroz divertimento!

O povo não; esse não ia la. Conhecia o extrangeiro, não lhe tinha amor nem odio, mas deixava-o morrer e berrar com dores e com fome. Não ia la.

O povo tinha razão.

E mais razão teria se fosse pôr d'alli fóra o velho e os tafues, e queimasse as arribanas que eram um insulto e uma deshonra para elle povo que não tinha culpa.

Tinha; mas em soffrer.

Fizeram-se revoluções; as primeiras sem o povo saber; eram desavenças entre frades, fidalgos, desembargadores e soldados, sôbre quaes haviam de governar. E o povo a ver.

Cahiram uns, levantaram-se outros; disputaram muito dos direitos do homem,

depois do throno e do altar; cada-um puchava para a sua banda pela velha máchina social, até que ella desabou toda, e quebrou a cabeça á maior parte dos disputantes.

O povo começou a levantar a sua.

» Vamos ver o que isto é: » disse por fim a Nação. Aquellas conclusões magnas que as suas oligarchias tinham estado defendendo e arguindo durante bons vinte annos, não as intendia bem o povo: mas começavam-lhe a agradar algumas palavras.

D'ahi, quiz as coisas que essas palavras significavam.

Aqui é que são ellas. Os utopistas, os theoristas eram liberaes de palavras. Coisas nem as queriam muito fazer, nem sabiam fazê-las.

Glosavam o mote do Junot; » estradas, canaes, commercio, indústria, artes — um Camões para o Algarve »: é a summa de todas as proclamações de ha quarenta annos a ésta parte — que as assignem

reis ou demagogos, principes ou tribunos.

O povo riu-se das proclamações. Mas tanto teimaram com ellas, que principiou a murmurar.

— Vamos a fazer alguma coisa, não há remedio: disseram os poetas.

— O quê?

— O que sahir: deitar a baixo, destruir por ahi essas coisas, que é o que tem menos que saber e que fazer.

Porfim, foram-se embora os frades, puzeram-lhe os deputados em San'Bento. Foram-se os fidalgos, entraram os agiotas; acabaram-se as procissões, vieram as logeas dos pedreiros.

E o Camões e as estradas? Estavam a fazer em Londres; creio eu, e a contrahir-se um imprestimo *muito favoravel* para os trazer — quando veio a revolução de Septembro que desarranjou tudo.

Coitada da pobre revolução, como se ella se fizesse a si, e não fosse a tal gente das estradas e do Camões os que a fizeram! — os taes poetas que em perenne ou-

teiro têem estado sempre a glosar o inexhaurivel mote de Junot.

E tudo isso que tem com o theatro? — Tem que houve ahi tres mezes, ou coisa que o valha, um govêrno que era nacional, embora fôsse extra-legal — que errou em muita coisa sem dúvida, mas que desejava acertar, e que, sôbretudo, *não mentia.*

Glosou o mote... oh isso é de rigor; não se dispensa a ninguem n'ésta terra. Glosou o mote tambem; mas quiz, mas começou a pôr muito verso em prosa, muita palavra em obra.

Fizeram-se escholas e academias, decretou-se o Pantheon...

Foi poesia; mas não da glosa sediça dos taes poetas de outeiro que nos trepanam a cabeça ha tantos annos. — Mofaram d'elle os semsaborões: pois deviam-se invergonhar, que era um pensamento nobre, nacional, util, exequivel, necessario, que podia salvar tanto monumento para a historia, resuscitar tantas memorias que se

apagam; levantar tanto ânimo baixo que decai; fazer renascer talvez o antigo enthusiasmo portuguez pela glória, que morreu affogado nas theorias utilitarias. — Ca n'ésta pobre terra nem siquer de theorias passaram!

Decretou-se tambem o Theatro Nacional e o Conservatorio Dramatico. — » Foi o irmão gemeo do Pantheon: » disse ainda o outro dia um dos taes. — Sería, foi: e fizeram-lhe a mesma chacota a mesma gente, — os poetas do outeiro perpétuo, que nunca fizeram, nem podem, nem sabem, nem hãode fazer nada, — mas não querem que ninguem o faça.

Elles ahi estão outra vez a glosar o seu mote, a fazer promessas e proclamações. Vejam as estradas que mac-adamizam, os canaes por que navegam — e os Camões que os cantam!

Ora eu, que sou um pobre homem, gostei do Pantheon e do Theatro Nacional e do Conservatorio; mas não cria muito n'elles — não por elles em si que são

muito possiveis e faziveis — mas porque sei onde vivo e com quem.

Acanharam-se, recuaram com o Pantheon; fizeram mal. É preciso ter ânimo para affrontar até com o ridiculo: — é o peior inimigo que ha, mas é necessario incarar com elle de olhos direitos, e não lhe ter medo, quem quer fazer qualquer coisa util e boa, em terras pequenas sôbretudo, e onde ha tanta gente pequena.

É o que eu fiz com o Conservatorio e o theatro. Fui por deante, não fiz caso dos semsaborões, e levava-os de vencida.

Mas têem maus figados a tal gentinha. Quebrou-se-lhes a arma do ridiculo, tomaram sem escrupulo a da calúmnia. Veio a religião, veio a economia, chamou-se tudo para anathematizar um pobre instituto innocente cuja despeza é insignificante, cujo proveito é tammanho.

— Que proveito?

— O de crear um theatro nacional que não temos.

— Como?

— Dirigindo a censura theatral, como faz; incaminhando os jovens auctores na carreira dramatica, como fez a tantos; formando actores, como está fazendo — devagar, que isso é o mais difficil de tudo — edificando uma casa digna da capital de uma nação culta, como tambem ja principiava a fazer.

Se ha defeitos na instituição, emendem-n'os, mas não destruam, que é de barbaros; não calumniem, que é de villões.

Ora, quando me incarregaram d'este que, em meu conceito, era mui grande impenho nacional, disse eu a Sua Majestade a Raínha que se dignára mandar-me consultar: *

» Entre as joias que da coroa portugueza nos levou a usurpação de Castella, não foi a menos bella ésta do nosso theatro. Como o senhor rei D. Manuel deixou pouco vividoura descendencia, tambem o seu poeta Gil-Vicente deixou morredoiros suc-

* Por Portaria de 28 de Septembro, a que satisfiz em 12 de Novembro de 1836.

cessores. Outros pendões foram fazer a *conquista*, *navegação e commercio* dos altos máres que nós abandonámos; outras musas occuparam o theatro que nós deixámos. E d'ésta última glória perdida, nem siquer memoria ficou nos titulos de nossos reis.

Mas tudo nos tem sempre assim ido em Portugal, cujo fado é començar as grandes cousas do mundo, vê-las acabar por outros — accordarmos depois á luz — distante ja — do facho que acendêramos, olhar á roda de nós, — e não ver senão trevas!

Com-effeito, desde aquella epocha, nunca mais houve theatro portuguez. Todos os povos modernos foram, um de-pós o outro, pelo caminho que nós encetáramos, adiantando-se na carreira dramatica; nós voltámos para traz; e perdemos o tino da estrada, que nunca mais acertámos com ella.

Alguns esfôrços, algumas tentativas se têem feito, assim por individuos como pelo govêrno; todos infructuosos, porque se

não deu impulso simultaneo aos tres elementos, que é preciso crear porque nenhum d'elles existe.

Nem temos um theatro material, nem um drama, nem um actor. Os autos de Gil-Vicente e as operas do infeliz Antonio-José foram nossas unicas producções dramaticas verdadeiramente nacionaes. Umas e outros, inda que por motivos differentes, são obsoletos e incapazes da scena.

Mas em Portugal ha talentos para tudo; ha mais talento e menos cultivação que em nenhum paiz da Europa!

Basta que Vossa Majestade se digne evocar do cahos os elementos que ahi luctam, e uma creação bella e grande surgirá á sua voz; tal que Vossa Majestade se comprazerá na sua obra, e alcançará na opinião do mundo um dos mais illustres titulos com que a historia honra os principes — o de protector das boas artes.»

Mas para fazer a casa era preciso muito dinheiro, e eu sou pobre; para formar ac-

tores, muito tempo, e eu tenho pouco; para fazer um repertorio, a isso posso eu ajudar (em terra de cegos), e apenas tive um instante de descanço puz-me a fazer um drama,

Foi em Junho de 1838.

O que eu tinha no coração e na cabeça — a restauração do nosso theatro — seu fundador Gil-Vicente — seu primeiro protector el-rei D. Manuel — aquella grande epocha, aquella grande glória — de tudo isto se fez o drama.

Não foi somente o theatro, a poesia portugueza nasceu toda n'aquelle tempo; crearam-n'a Gil-Vicente e Bernardim-Ribeiro, ingenhos de natureza tam parecida, mas que tam diversamente se moldáram.

Gil-Vicente, homem do povo, cubiçoso de fama e de glória, todo na sua arte, querendo tudo por ella e persuadido que ella merecia tudo, viveu independente no meio da dependencia, livre na escravidão da côrte; e fiado na protecção dos reis, seus amos e seus amigos, fustigava de é-

pigrammas e *chacotas* * quanto fidalgo se atrevia a desprezá-lo, quanto frade ou desembargador — e não lhes faltaria vontade — vinha com intrigas e hypocrisias para o mortificar.

Original e atrevido em suas composições; sublime por vezes, o seu stylo era todavia de poeta cortezão: conhece-se. Os cynismos que hoje lhe achâmos, ou não soavam taes nos ouvidos d'aquelle tempo, ou permittia a singeleza dos costumes mais liberdade no rir e folgar, porque havia mais estreiteza e pudor nas coisas sérias e devéras.

Bernardim-Ribeiro, ao contrário, nobre e cavalheiro, cultivava as lettras por passatempo, e a côrte por officio. Mas a poesia, que em casa lhe entrára como hóspeda e convidada, fez-se dona d'ella e tomou posse de tudo. Foi poeta não so quando escrevia, mas pensou, viveu, amou — e amar n'elle foi viver — amou como poeta.

* Especie de cantigas satyricas e jocosas — talvez o que em sua origem foi o *vaudeville* francez.

Taes são os dois characteres que eu quiz pôr defronte um do outro.

D'ésta comparação fiz nascer todo o interêsse do meu drama; foi o pensamento d'elle: fixei-o n'um facto notavel, cujas circumstâncias exteriores minuciosamente nos deixou descriptas * uma testimunha respeitavel, e de cujos particulares mysteriosos apenas se adivinha alguma coisa confusamente por um livro de enigmas e allegorias ** que não intendia talvez nem quem o escreveu. Ja se vê que fallo da partida da infante D. Beatriz para Sáboya — facto á volta do qual se passa o drama.

Para a parte íntima d'elle as *Saudades de Bernardim-Ribeiro*; a memoria de Garcia de Rezende para a parte material e de fórma; o Gil-Vicente todo, mas especialmente a tragicomedia *** que n'aquella occasião compôs e foi representada na

* Garcia de Rezende. — Veja notas no fim.

** Veja o livro: — *Saudades de Bernardim-Ribeiro.*

*** Cujo titulo é — *As côrtes de Jupiter.* Veja notas no fim.

côrte, para o stylo, costumes e sabor da epocha. — Tães foram as fontes d'onde procurei derivar a verdade dramatica para êsta que ia ser a primeira composição nacional do genero.

Digo *verdade dramatica*, porque a historica propriamente, e a chronologica, essas as não quiz eu, nem quer ninguem que saiba o que é theatro.

O drama de Gil-Vicente que tomei para titulo d'este não é um episodio, é o assumpto mesmo do meu drama; é o ponto em que se inlaça e do qual se desinlaça depois a acção; por consequencia a minha fabula, o meu inrêdo ficou, até certo ponto, obrigado. Mas eu não quiz so fazer um drama, sim um drama de outro drama, e resuscitar Gil-Vicente a ver se resuscitava o theatro.

Os characteres de Gil-Vicente e da infante estão apenas delineados; não podia ser mais: tive medo do desimpenho.

E o desimpenho todavia foi muito além de minhas esperanças. Os actores fizeram

gôsto de cooperar n'este primeiro impulso para a libertação do theatro, e obraram maravilhas.

O público entrou no espirito da obra e applaudiu com enthusiasmo, não o auctor, mas, certa e visivelmente, a idea nacional do auctor.

Aqui têem o que é o *Auto de Gil-Vicente*; e nunca pretendeu ser mais.

Foi uma pedra lançada no edificio do nosso theatro, que ja chamou outras muitas.

Tenho fé que hade ir crescendo o monte e se hade vir a rematar o edificio.

Parou tudo com a perseguição do *Salvaterio*: a casa com o terreno e parte do material ja comprado — e boa somma de contos de réis ja assignada — o repertorio com um bom par de dramas, em que ha alguns com muito merito, tudo parou.

Consummará ésta gente com effeito a sua obra de vandalismo brutal e estupido?

Creio que sim. O povo que lh'o agradeça.

É a quinta crise do theatro portuguez.

A primeira trouxe-lh'a o fanatismo del-rei D. Sebastião e a perda da independencia nacional.

Na segunda queimaram-lhe o pobre Antonio-José.

A terceira veio com a opera italiana e a perseguição do Garção.

A quarta foi a invasão das macaquices francezas.

Ésta quinta é a do Salvaterio.

E toda a glória pertence a...

— Não quero ainda dizer a quem pelos seus nomes. Por pouco que vivam estes meus livrinhos, sempre hão de viver mais alguma coisa do que elles: não lhes quero dar mais esses dias de vida.

E talvez ainda se invergonhem. — Duvido. — *

Pois viva o Salvaterio!

Bemfica, 24 d'Agosto de 1841.

* Veja nota no fim.

Prefacio dos Editores.

A apparição d'este drama fez uma epocha na historia litteraria de Portugal. D'então verdadeiramente é que se começou a pensar que podia haver theatro portuguez. Toda Lisboa foi á Rua-dos-Condes applaudir Gil-Vicente; todos os jovens escriptores quizeram imitar o Gil-Vicente. Toda a imprensa periodica celebrou este acontecimento nacional com enthusiasmo. Se ladrou algum zoilo, foi de modo que se não ouviu; latido que se perdeu entre as acclamações geraes. Dois escriptos, entre tantos que este drama fez apparecer,

sobresahiram avantajadamente pela superioridade do stylo e dos pensamentos, e formam, para assim dizer, o relatorio do seu processo, são documentos que devem conservar-se, e que julgâmos indispensavel collocar aqui ao-pé do drama. O primeiro appareceu no Diario do Govêrno, o segundo na *Chronica Litteraria* de Coimbra.

I.

A restauração das artes é impossivel sem o auxílio do genio; e o genio não é a imitação. Felizmente um drama original portuguez, ingenhosa producção de um talento que assás avultava ja na nossa litteratura, veio trazer-nos a aurora da verdadeira restauração do theatro portuguez e marcar uma epocha em nossa historia dramatica.

O pensamento d'este bello drama do Sr. Garrett é o mesmo do seu poema *Camões*: celebrar a nossa glória litteraria, reanimar a memoria dos patriarchas e fun-

dadores da nossa litteratura, recordar o nosso antigo splendor.

Gil-Vicente, o pae do nosso theatro — e do hespanhol todo —, o Plauto nacional, o que obrigou Erasmo a apprender portuguez so para gostar o sal de suas comedias, o poeta da côrte e da sociedade, apparece em scena formando gracioso contraste com Bernardim-Ribeiro, o trovador, o poeta ideal, o cantor da solidão, e tambem o primeiro que ao alaúde romantico dos menestreis juntou uma chorda da lyra grega, uniu as duas poesias, e imprimiu na litteratura nacional este cunho de melancholia e *abandôno* que ainda hoje a characteriza.

Éstas são as duas grandes figuras do drama. Paula Vicente, a filha do poeta comico, de quem sabemos quanto o ajudava em suas composições, e que grande genio tinha, fica entre os dois ligando a acção das duas figuras, e formando o capital gruppo do quadro, aquelle em que

bate a principal luz. Tudo o mais é accessorio.

Bernardim-Ribeiro, collocado em uma posição social mui superior, tinha cortejado levianamente a Paula (suppôs o auctor do drama) por mero capricho e sem affeição verdadeira. Paula honesta e orgulhosa o repelliu. Cessou o galanteio, mas Paula ama secretamente o poeta.

Todavia criada e valída no paço, a filha de Gil-Vicente tem sincera devoção pela infante D. Beatriz, princeza de grande talento, como sabemos, e de grande virtude, segundo nos diz o auctor da peça, que, captivada dos versos e do ingenho de Bernardim, tem por elle uma occulta, e tanto mais violenta paixão, quanto é uma paixão honesta e virtuosa, que as conveniencias sociaes, o seu proprio character e nobres sentimentos lhe não deixam nem a esperança de satisfazer jamais. Paula Vicente proteje ésta paixão com sacrificio de seus mais charos sentimentos.

Situação muito dramatica, e de que o auctor tirou grande partido.

O auctor escolheu a véspera da ida da infante para Saboya, para levantar o panno do seu drama. Ha uma grande funcção na côrte, de que Garcia de Rezende nos conservou os mais minuciosos detalhos. Existe ainda o proprio auto que Gil-Vicente compôs para as dittas festas, e que foi representado no paço em plena côrte. Este auto velho faz realmente todo o intrecho da peça moderna. Uma figura que falta, e que Bernardim-Ribeiro, de concêrto com Paula, se offerece a fazer para ter occasião de fallar á princeza, precipita a catastrophe. O namorado poeta, em vez de dizer o seu papel, improvisa uns versos que so Paula e a infante intendem mas que sobresaltam e espantam a todos. O terror comico de Gil-Vicente n'ésta occasião é do melhor effeito.

Uma figura secundaria, e que, por fallar no stylo de Victor-Hugo, fórma antes a moldura do quadro, do que parte d'el-

le, é a d'el-rei D. Manuel. Comtudo parece-nos excellente. Como pintura historica elle é realmente o que no'-lo descrevem seus biographos; e como character do drama, habilmente desenhado e com finura. El-rei sabe da inclinação da infante, sabe que são amores de criança, innocentes e faceis de desvanecer, se imprudentemente lhe não derem importancia com procedimentos que só podem motivar escandalo. Como rei e como pae, o seu procedimento é perfeitamente regulado. Dissimula sem fechar os olhos — reprehende e admoesta sem dar escandalo — e salva talvez do opprobrio, não merecido por um crime (pois que a princeza apparece sempre em toda a rigidez de virtude e em toda a pureza da innocencia), mas até certo ponto incorrido por levezas de pouca edade — a fama de sua filha e o decôro de sua familia e casa.

Apezar comtudo da grande e finissima politica d'el-rei, da virtude e resplandecente innocencia da princeza, da vigilante,

zelosa e *interessada* guarda de Paula, D. Beatriz, sem um atomo de crime em sua consciencia, ficaria comtudo diffamada se não fosse a generosa devoção de sua criada particular, e a heroica resolução do homem que ousou amá-la.

Ja a bordo do navio que vai levantar ferro, Bernardim-Ribeiro tinha conseguido ir fazer suas últimas despedidas á infante. Esquecidas as horas em um terno e honestissimo, mas extremamente apaixonado adeus, — el-rei chega que vem dar o derradeiro abraço a sua filha. Tudo está perdido, não ha remedio. Duas mulheres innocentes, victimas da irreflexão e leviandade propria do seu sexo, vão ficar cubertas de infamia, como se fossem rés do mais detestavel crime. — Que fará Bernardim-Ribeiro, o poeta meio doudo, e agora tresvariado de todo? — Fugir, não póde; esconder-se, aonde que, mais tarde ou mais cedo, o não achem? — Apunhalar-se? — Ahi fica o seu cadaver para denunciar a apparente culpa d'aquella que

ama com tanto excesso como respeito. — N'este extremo de perigo sua razão lhe volta toda: — » Não tenhaes receio » diz elle; e beijando pela última vez a mão da princeza — salva de um pulo as varandas da nau e se arremeça ao Tejo. — A infante desmaia, Paula fica extatica — el-rei entra, e attribue a outra causa o desmaio da filha: e o drama termina com esta situação bella e original.

Não nos diz nem podia dizer o auctor, se Bernardim-Ribeiro morre, ou não, affogado nas aguas do Tejo. O que elle queria era tirá-lo d'alli, e tirá-lo bem. — Conseguiu-o, e não se importou com mais nada.

Pela tradição, mais que pela historia, sabemos, ou suppomos, que o auctor da *Menina e môça* sobrevivêra á partida da infante para Saboya; e até dizem, que la fôra ter com ella, esperando outro acolhimento que não teve, e que, voltando offendido e desincantado a Portugal, morrêra nas brenhas de Cintra. Outras conjec-

outras o dão esquecido dos seus extremos e casado pouco depois.

O livro das *Saudades*, em que debaixo do disfarce de cavallarias, contou a historia de seus amores, de certo appareceu depois. — O auctor do drama com todo o tacto faz bem intender que a cópia do dito livro que pôs nas mãos da princeza é *manuscripta*, e que ainda não foi multiplicada por essa *nova arte que veio d'Allemanha*, a imprensa, nova ainda na Europa e novissima em Portugal.

Em summa o drama tem suas partes extra-historicas, mas nenhum anachronismo. E ainda extra-historico é elle muito menos que nenhum outro d'este seculo.

Achámos feliz o desenho do character de Gil-Vicente; mas notámos que so no-lo mostrou do lado comico: convinha que vissemos alguma cousa tambem do reverso triste e melancholico que estes characteres têem sempre, como tinha Molière, e como sabemos, até por suas obras, que o tinha Gil-Vicente. — É boa, mas talvez

imperfeita ésta figura, perdoe-nos o nosso illustre litterato. *

Bernardim-Ribeiro, D. Beatriz, D. Manuel são completos cada qual no seu genero. O secretario da embaixada de Saboya, excellente. Sentimos porêm o pouco, antes nenhum, desinvolvimento, que o auctor deu a dous interessantes characteres que pôs em scena e em presença. — Garcia de Rezende, o chronista, — e o conde de Villa Nova de Portimão: a côrte nova e a côrte velha. Estão tanto no fundo do quadro éstas duas figuras importantes, chega-lhes tam pouca luz, que faz pena não os ver quasi. Admirâmos que tendo posto na scena o eminente litterato e profundo archeologista Rezende, ** lhe fizesse a *desfeita* de o collocar entre as pessoas mudas. — N'éstas *côrtes litterarias* que celebrou no palacio de nossos reis, seu antigo berço e tambem seu capitolio, apparecem os representantes de todo

* Veja nota no fim.

** Veja nota no fim.

o saber e gôsto da feliz era de quinhentos. Porque havia o nosso auctor de *dar* somente a *palavra* ao poeta erotico e romantico, e ao poeta dramatico? O historiador apenas falla, o antiquario e moralista nem abre a bocca; o navegador diz duas phrases, e os mathematicos so indirectamente ouvem citar o nome de Pedro Nunes!

Ainda que lhe custasse um anachronismo, o auctor de uma composição tam nacional, tam quinhentista, tam calculada para celebrar e reviver aquella grande epocha, parece que devia pôr-nos alli na scena, vivos, animados e fallando, os *deputados* de todas as artes e sciencias que se reuniram em tôrno do grande rei D. Manuel para fazer de seu reinado o mais brilhante da história portugueza. *

Perdoe-nos o auctor ésta censura que lhe não fazemos por desmerecer em sua bella, util e portugueza obra, mas porque desejavamos que fosse ainda melhor, que fosse perfeita.

* Veja nota no fim.

O stylo é correcto e classico, e somente antiquado quando a verdade e fidelidade dos characteres o demandam. Haverá talvez duas ou tres phrases que nos deixaram alguma dúvida de sua legitimidade assim ouvidas no theatro. Temos muita confiança no auctor de *Camões* e *Adozinda* e do severo *Catão*, e de muito pêso julgâmos o seu testimunho quanto á linguagem. Mas, a não ser que os actores as estropeassem, repetimos que nos ficam escrupulos das taes phrases, e que o auctor deve a seu estabelecido credito de purista da lingua o fazê-las justificar. *

Tal é o nosso candido e imparcial juizo d'ésta peça, que é a primeira verdadeira nacional toda, no assumpto, nos ornatos, no stylo, em tudo inteira e plenamente portugueza. O genero pertence ao que talvez se possa chamar *classico-romantico*, ou romantico moderado; é um meio termo entre a *absoluta* e *republicana* independencia poetica de Shakspeare — e os

* Veja nota no fim.

servís regulamentos do *pautado* Racine e de seus imitadores. — Está nos principios da moderna eschola anglo-alleman; mas seguramente se não parece com as tam ingenhosas quanto depravadas producções da novissima e exagerada eschola franceza. — Comtudo, algumas scenas alegres são affinadas pelo tom das do D. João de Austria de Delavigne que, assim como o nosso compatriota, tem desprezado os asquerosos, ainda que fortes, effeitos da orgia tragica e das bacchanaes de cothurno. Por isto, sôbretudo e mais que tudo, devemos sinceros elogios ao auctor do *Auto de Gil-Vicente*, em nos mostrar que era possivel crear e sustentar um grande e vivo interêsse no delirio das paixões mais cegas, sem nos dar crimes e horrores; que póde haver amor, amor apaixonado, delirante, infeliz e que excite profundamente a alma, sem os incestos, adulterios, invenenamentos, parricidios, infanticidios que a moderna eschola nos quer

fazer acreditar como elementos indispensaveis da tragedia e do grande drama.

Esta é d'aquellas obras de que se póde dizer com razão:

La mère en permettra la lecture à sa fille.

Seja-lhe muito louvor ao nosso distincto litterato por haver entrado na grande reacção moral a que se prepara a litteratura moderna para expurgar de seu seio os seductores e meretricios infeites da devassidão em que ia cahindo por outra reacção inevitavel — a que tinha feito a natureza sôbre a affectada e falsa litteratura hypocrita dos dous ultimos seculos.

Não será a litteratura portugueza a última a entrar n'ésta grande confederação moral, em que Walter-Scott, Crabbe, Chateaubriand e Lamartine tam nobremente levantaram seus nobres escudos, e estão combatendo contra os Victor-Hugos, os Byrons e outros ingenhos não inferiores áquelles certamente, e portanto do mais damnoso exemplo.

Por isso, repetimos, lhe votâmos os louvores que tanto merece, e não menos tambem por nos dar o exemplo — tam raro entre nós, quanto é commum em nações civilizadas — de um homem intregue a graves cuidados, e utilmente occupado de serios negocios, dando suas horas de descanço ao tracto ameno das bellas-lettras, e não se invergonhando de vir ao theatro instruir e deleitar aos seus concidadãos. Criticá-lo-ha o orgulho estupido e a vaidade brutal dos ignorantes, suberbos da sua elevação social que devem ao acaso ou á intriga. Os que prezam o merito real dir-lhe-hão sempre que prosiga pela estrada que lhe apontam os Addisons, os Cannings, os Chateaubriands e os Martinez de la Rosa; que ja la vai — até entre nós! — o tempo da bruta e presumpçosa ignorancia de que dizia um dos nossos bons ingenhos:

Almotacé que queiras ser d'um bairro,
Excluido serás, sendo poeta.

Hoje os poetas *sobem* á tribuna para a il-

illustrar, *descem* á administração para a honrar, e servem a patria sem abandonar as musas.

Se a eminente capacidade do illustre auctor o habilita para servir utilmente o seu paiz n'esses graves e difficeis incargos, nem por isso deve elle deixar de seguir a vocação dos seus brilhantes talentos; e pela nossa parte muito desejâmos que affaste de si toda a idea que o embarace de continuar a nova e *regenerada* carreira que o *Gil-Vicente* nos promette d'elle.

Se o censurarem e calumniarem, que se ria e zombe de seus detractores, que a nação tomará a sua causa: — no actual estado da civilização, a posteridade começa ainda na vida dos sabios. Desgraçados os Camões que morreram de fome n'um hospital sem a ver nem em esperança! — os Tassos, que expiraram de desgôsto na véspera do seu triumpho! — os Cheniers em quem a guilhotina republicana puniu

o crime atroz do talento, a *escandalosa aristocracia* do genio! *

II.

N'ésta epocha de transição, em que até a sciencia e a litteratura soffreram tamanho abalo, não era possivel que somente a arte dramatica permanecesse estacionaria, que resistisse ao desejo de mudança e melhoria, espirito do seculo presente. A revolução e progresso universal tambem devia tocar-nos, fôrça era que seguissemos o exemplo que nos fôra dado, e que da luz do nosso aperfeiçoamento social reflectisse algum clarão sôbre o theatro portuguez. E na verdade, se no resto da Europa a arte dramatica sempre acompanhou o andamento da civilização, sendo talvez difficil de determinar qual d'ellas abriu caminho á outra, não é certamente em Portugal que a experiencia fallece.

* Do Diario do Governo n.° 214, de 10 de Septembro de 1838.

Emquanto jaziamos na ignorancia e barbaridade, nenhuns passatempos conheciam nossos avós; se pouco a pouco se foram introduzindo alguns recreios, n'estes se espelhava ao vivo o espirito d'aquelles tempos cavalheirescos; e as justas e torneios não eram mais do que uma similhança dos combates e das batalhas, tam frequentes no décimo terceiro e décimo quarto seculo. Com os progressos da civilização tivèram bom acolhimento novos divertimentos que nos trouxeram os mouros e os judeus; e com a dança e canto, com momos, intremezes, touras e guinolas, D. Affonso V. e D. João II. abrilhantaram os saraús da sua côrte. Por este tempo começaram-se a compor algumas comedias; o espirito religioso havia succedido ao genio guerreiro, e as Escripturas deram o assumpto aos primeiros auctores: farças ridiculas, em que não duvidavam pôr em scena os mysterios mais sagrados da religião, foram os primeiros passos da arte ainda sem fôrça.

Foi Gil-Vicente nosso primeiro poeta

dramatico, e afóra o conhecimento do latim, hespanhol, francez e italiano, eralhe extranha a litteratura; nem rastos apparecem nos seus dramas das obras dos antigos dramaticos, e d'aqui vem a falta d'actos e d'unidade com que deparâmos em seus autos; a Biblia era o seu livro, os entes mais sagrados os seus actores. E se acaso declamassem hoje em algum theatro esses dramas, poucos haveria que intendessem a linguagem, mistura de castelhano e portuguez, ou estimassem em muito as scenas sôltas e sem nexo que tanto promoveram o riso de nossos avós. Mudámos, e talvez para peior; pois que eu não sei qual seja preferivel, se aquelles antigos autos extravagantes no inrêdo, mas ricos d'admiraveis lances comicos e cuja linguagem era verdadeiramente nacional, se estes modernos intremezes escriptos em phrase incorrecta e chula, recheados de chocarrices que não podem agradar a ouvidos delicados.

E com acêrto diz o Sr. Trigoso n'uma

memoria sôbre o theatro portuguez, fallando das obras de Gil-Vicente: » Quan» do julgâmos os antigos dramaticos, apezar » das lições dos sabios e do fructo da ex» periencia de muitas edades, não somos » talvez de todo isemptos de prevenções; » conhecemos mais a inverosimilhança d'a» quelles dramas que eram destituidos » das tres unidades, do que conhecemos » o que quasi sempre se segue da escrupu» losa observação das mesmas unidades; » e sabemos melhor vestir os nossos acto» res com os trajes proprios do seu paiz e » do seu seculo, do que representá-los com » os seus verdadeiros costumes e com a » sua propria maneira de vida. » Parece que o illustre academico antevia a necessidade da nova eschola dramatica.

Na arte dramatica nunca Portugal pôde hombrear com os mais paizes; tal sempre tem sido seu triste fado! Se enumerâmos insignes poetas nos outros ramos de poesia, n'este é-nos preciso abater bandeiras. Assim como descubrimos nova der-

rota para ganhar aquelles paizes da Asia, e d'este achado somente se aproveitaram os extrangeiros, assim em tempos remotos appareceu um Ferreira que fez surgir na Europa civilizada o genio da tragedia; e nós satisfeitos com abrirmos novo caminho aos poetas das mais nações, parámos no que devêra de ser o incentivo da cultura e aperfeiçoamento da nossa litteratura dramatica. Se um Gomes, um Xavier ainda inriquecêram nosso theatro, são quaes scintillantes estrellas em ceo nebuloso; não temos uma serie de auctores dramaticos, como possue a França, a Allemanha e a Inglaterra. Ficámos por muito tempo sepultados em noite escura, saciando nosso mau gôsto com intremezes ridiculos e comedias em que eram desprezados todos os preceitos do gôsto.

Onde as armas imperam as lettras não dão saborosos fructos; e ésta talvez seja a causa da principal decadencia do nosso theatro de 1820 até agora. Intregues todos aos negocios publicos, não havia quem

cultivasse as artes; tudo quanto não tinha relação com a politica era votado ao esquecimento, e d'ést'arte foi-se impobrecendo o nosso theatro, ao passo que os extranhos se aperfeiçoavam. Não havia bons actores, porque ninguem queria seguir uma profissão invilecida pelas prevenções d'aquella epocha; a muito custo ainda pisavam o palco scenico homens que passavam o dia trabalhando com o martello ou sentados na tripeça. E quem haveria que compuzesse dramas para taes actores? quem se sujeitaria a ver recitada por elles alguma obra filha de muitas noites de trabalho e de estudo? Ninguem. Algumas traducções toscas e malfeitas eram as unicas composições de que vivia o nosso theatro, e cujas funestas consequencias foram a introducção d'uma linguagem bastarda e mesclada de portuguez e francez.

E n'este misero estado jazia o nosso theatro quando teve lugar a restauração; n'estes poucos annos que a seguiram, várias foram as tentativas para restitui-lo a seu

antigo splendor, mas foram baldados todos os esforços; foi continuando a incorrecção no fallar e a má escolha dos dramas. Os poucos que eram originaes portuguezes melhor fôra que nunca os tirassem a público, poisque não eram mais do que um triste reflexo dos medonhos successos da nossa guerra civil. O theatro do Salitre era o unico regular de Lisboa, e este mesmo, que mais se assimilhava a uma baiuca doque a um lugar de recreio público, so era frequentado pela classe infima da sociedade; alli as graças mais obscenas eram unicamente applaudidas, os dittos mais deshonestos os que melhor soavam áquella platea. No bello theatro de San'João da cidade do Porto não era mais feliz a arte dramàtica. A selecção dos dramas estava a cargo de homens indoutos; a execução d'essas mesmas peças era confiada a uma companhia que mais do que uma vez appresentou em scena actores embriagados. Parecia que o nosso theatro ja estava arquejando nos ultimos

arrancos, e que para finar-se o misero se esperava pela morte d'aquelle que ainda o presenteára com uma obra-prima, qual último canto do cysne. Mas a este nosso grande poeta tambem estava reservada a glória de resuscitá-lo, e levantar aquelle antigo e ja arruinado edificio das nossas glórias litterarias.

Entre a alluvião de leis que desde o comêço da nossa revolução inundou Portugal, uma passou desappercebida, talvez taxada ainda d'injusta e despotica, e todavia ella salvou a arte dramatica da sua completa ruina: fallo da lei que estabeleceu a Inspecção dos theatros. Este cargo so podia ser commettido ao auctor de *Catão*; e grandes louvores devemos dar nós, os amadores d'ésta arte, a quem fez tam acertada escolha.

O Sr. Garrett intendeu o mandado com vistas mais largas: so lhe haviam incarregado inspeccionar os theatros, elle resolveu dar-lhes vida; havia sido nomeado para conservar restos que ainda existiam,

elle determinou formar com estes mesquinhos cabedaes um novo edificio, começar nova era theatral. E não foi somente com preceitos que trabalhou para tal reforma; mas sim deitou mãos á obra, abrindo caminho que ha muito ninguem se atrevia a trilhar, pois que ao genio maduro e confiado em suas fôrças cumpre sacudir o jugo inveterado das preoccupações. Lançou mão de alguns actores ainda mal insaiados, que um extrangeiro havia amestrado a recitar mal pessimas traducções, e lhes intregou, como victima para o sacrificio, um drama composto por elle. A impaciencia e genio do poeta dobrou o cantor de Camões a insaiar pessoalmente a linda comedia, *Um Auto de Gil-Vicente*; a delicadeza do homem cortez forçou elle a soffrer submissa as intrigas de bastidores, que so avalia quem de perto as conhece. Mas tantos trabalhos teve por bem impregados quando universães applausos amostraram ao auctor de *Catão* o aprêço em que todos tinham

aquella nova obra, e os cuidados que lhe devêra a sua execução.

Seja-me perdoado querer eu, mesquinho ingenho, juntar mais uma folha aos louros que ha muito cingem a fronte d'este nosso poeta; mas estes ainda são poucos para quem foi de tanta valia á scena portugueza. Da representação do *Auto de Gil-Vicente* data uma nova epocha theatral; é a méta que separa o nosso theatro antigo do comêço da sua restauração. As palmas dadas a ésta comedia, repercutidas em muitos corações, foram uma faisca que despertou no peito da juventude portugueza o estro dramatico; muitos exclamaram:

Anch'io son pittore

e levantando a luva, que lhes fôra lançada, acceitaram o desafio, e quizeram ter seu quinhão na gloriosa justa que lhes abríra o cantor de *D. Branca.*

Quem escrupulosamente analyzasse o *Auto de Gil-Vicente*, talvez incontraria

alguns defeitos, depararia com algumas scenas menos dramaticas, com falta de nexo e ligação entre éstas; mas quanto acima d'estes pequenos descuidos transluz a pureza do stylo e a linguagem tam limada e portugueza; melodiosa musica soando a nossos ouvidos quasi esquecidos d'ella! Quanto não são para admirar os pensamentos finos e delicados, os dittos jocosos que esmaltam ésta comedia! Não tem a fòrça dos conceitos, o splendor das ideas de Victor-Hugo; carece talvez do inrêdo forte e arrebatador de Alexandre-Dumas, porêm inxergâmos n'este drama a perfeição e interêsse de Casimir Delavigne, a agudeza e ingenhosa crítica de Molière. Não é raio lançando um clarão que cega e desapparece, mas sim mimoso brilho, placida luz em que os olhos descançam gostosos.

A. B. *

* Da *Chronica Litteraria* de Coimbra n.º 2, de 1840. — Este artigo é da elegante e esperançosa penna do Sr. Anselmo Braancamp junior.

UM AUTO DE GIL-VICENTE,

DRAMA

Representado pela primeira vez em Lisboa, no theatro da Rua-dos-Condes, em 15 de agosto de

MDCCCXXXVIII.

PESSOAS.

EL-REI DOM MANUEL.	BARÃO DE SAINT-GERMAIN.
INFANTE DONA BEATRIZ.	DOUTOR JOFRE-PASSERIO.
BERNARDIM-RIBEIRO.	CHATEL.
GIL-VICENTE.	BISPO DE TARGA.
PAULA-VICENTE.	MORDOMO-MOR D'EL-REI.
PERO-ÇAFÍO.	UM PAGEM D'EL-REI.
CONDE DE VILLA-NOVA.	DONA IGNEZ-DE-MELLO.
GARCIA-DE-REZENDE.	JOANNA-DO-TACO.

QUATRO ACTORES E DUAS ACTRIZES DE GIL-VICENTE.

Damas, cavalleiros, escudeiros, falcoeiros, moços-fidalgos, moços-do-monte, reis-d'armas, arautos, passavantes, menestreis, archeiros, remeiros, marinheiros, pagens, escravos indios, pretos e chins.

Logar da Scena — Lisboa e Cintra.

ACTO PRIMEIRO.

O páteo ou largo dos paços de Cintra com a antiga escadaria descoberta e practicavel, fontes e tanque. Á esquerda o palacio real; á direita e no fundo montes e arvoredos. Começa o crepusculo da madrugada. Pelo meio da terceira scena terá amanhecido.

SCENA I.

PERO-ÇAFÍO.

Traz um papel de solfa meio inrollado, na mão, e passeando lentamente como quem decora, canta por entre dentes.

Niña la casò su padre,
Muy hermosa a maravilla,
Con el duque de Saboya
Que bien le pertenecia...

Pertenecia !.. — Pertenecia diz ca o castelhano do romance : em portuguez tem mais que se lhe diga... — Pschiu ! que as paredes teem ouvidos, e paredes de palacio ouvidos e bôccas. (*deita os olhos á roda de si como quem se acautela ; e torna a cantar.*)

Niña la casò su padre...

Ora onde foi este mal-aventurado de Gil-Vicente buscar solfa tam incatarrhoada como ésta para uma funcção de vodas — e vodas reaes ! — Pois as coplas ? semsabores. — Se lettra e musica as não animar ca a brilhante e donosa garganta de uma certa pessoa... (*affagando o pescoço*) d'ésta feita perdes tua fama e nome, Gil-Vicente meu amigo e mestre, compositor mor de momos e chacotas, comedias, tragicomedias e autos por el-rei meu senhor que Deus guarde. (*canta*)

Ya se parte la Ifanta,
La Ifanta se partia
De la mui leal ciudad
Que Lisbona se decia ;
La riqueza que llevaba
Vale toda Alejandria...

SCENA II.

PERO-ÇAFÍO, BERNARDIM-RIBEIRO, PAULA-VICENTE.

Em quanto Pero-Çafío canta os ultimos versos, Bernardim-Ribeiro imbuçado na capa, o chapeo sôbre os olhos, apparece com Paula-Vicente no patim da escadaria á esquerda. Paula faz signal a Bernardim de que alli está Pero-Çafío.

PAULA.

Olhae quem alli está.

BERNARDIM.

Pero-Çafío vosso devoto. Receais que tenha ciumes? — Não me conhecerá.

PAULA.

Receio que... Não quizera que elle soubesse tanto como sabe.

BERNARDIM.

Antes elle que outro. — E deixae-o commigo. (*Desce as escadas pé-ante-pé, que o não sinta Pero-Çafío. Paula fica immovel contemplando Bernardim com ternura e anxiedade até lhe parecer que está fóra de risco de ser visto.*)

SCENA III.

PERO-ÇAFÍO, BERNARDIM-RIBEIRO.

Bernardim vai-se retirando cautelosamente, mas no momento de passar por detras de Pero, este se volta, e dão face a face um com outro.

PERO.

Oh não se esconda, senhor imbuçado, que ja o desimbuçou a minha perspicacia.

BERNARDIM, tirando a espada.

Arreda, que heide passar.

PERO.

Passareis, passareis, senhor das saudades; passareis como quizerdes, mas não sem vos eu conhecer. Que por éstas madrugadas, por aqui, e tam recatado... so um homem que eu conheço — um louco de atrevidos pensamentos e desmesurada confiança... so elle e ninguem mais. — Ide, ide, que este último capitulo da *Menina e Môça* não está para durar muito... e Deus queira que não acabe mal!

BERNARDIM, desimbuçando-se e imbainhando.

Amigo, pois que me conheceste, — que me não posso incubrir de ti — amigo, tem compaixão, não me percas. Confio da tua lealdade que m'a guardarás a mim desgraçado e desvalido, a mim o mais infeliz... *(dá com os olhos n'um annel que traz no dedo, beija-o repetidas vezes e prosegue em tom differente:)* antes o mais afortunado homem que hoje vê nascer aquelle sol radioso, destoucarem-se de nevoeiros aquellas serras, viçarem esses arvoredos tam bellos — tam bellos e tam verdes como as minhas esperanças!.. — Pero, meu amigo, eu sempre em ti descobri, com toda essa tua galhofa e zombaria, uma alma elevada, um pensamento grande, capaz de comprehender as coisas altas. — Conhecem-te por cantares nos autos de Gil-Vicente e em similhantes momos, não sabem de ti mais que os tregeitos e ledices com que tanto ri essa côrte sem alma, essas damas sem espirito, esses fidalgos sem coração. Mas o teu é para muito, Pero: tu es capaz de me intender. Para mais é a poesia de tua alma que para a de teu mestre Gil-Vicente... que o tenho em muito, e muito vale; mas pêza-me que se avalie elle em tam pouco. — Pero, tu sabes que ninguem é por mim, que me não posso fiar de

ninguem; que so, isolado no mundo... vivo com minha saudade, e para ella e por ella... Pero, eu preciso de um amigo: queres sê-lo tu?

PERO.

Precisas de um amigo, de um amigo que te intenda, com uma alma grande, capaz... não sei de quê — de subir, de trepar até á tua, aos teus pensamentos, á altesa de tuas sublimes inspirações — e não sei que mais coisas de versos e de trovadores, que ahi imbrulhaste em prosa, mas que soam como cascaveis de coplas! — Assim costumais sempre. — Ora traduzamos isto em romance, *id est*, em lingua vulgar, e vem a dizer: — Bernardim-Ribeiro, homem de prol e cavalleiro de ousadas imprezas, metteu-se em camiza de onze varas por certos amores que lh'o diabo metteu na cabeça; andou a sonhar — ou a trovar que é o mesmo — por essas serras de Cintra, fallou com as mouras incantadas do castello, incommendou-se á Senhora da Pena, esconjurou a lua em verso, as estrêllas em prosa... Ninguem lhe acudiu. E vendo-se extraordinariamente intalhado, em vez de tomar a unica resolução prudente e de siso que em tal caso podia tomar...

BERNARDIM.

Qual era?

PERO.

Ir de passeio por Collares fóra, esperar maré propícia, — e atirar comsigo da *Pedra d'alvidrar* abaixo — unico termo verdadeiro de seus phantasticos e desvairados amores.

BERNARDIM, com impaciencia.

Ah!

PERO.

Sim, senhor. O deus do amor, e todas aquellas nymphas e deusas que nos mostra ca, em seus autos e comedias famosas, o amigo Gil-Vicente, viriam recebê-lo; e passaria vida alegre e ditosa em terra... terra não, que a coisa era no mar — mas entre gente da sua egualha, coisas do outro mundo; que trovadores e poetas não são naturaes d'este nem andam correntes por ca.

BERNARDIM.

E bem certo o dizes, amigo. Um mundo de vaidades e fingimentos, um mundo arido e falso, em que a fortuna cega, os sordidos interêsses, as imaginarias distincções corrompem, quebram o

coração; — cujas leis iniquas fazem violencia á liberdade natural das almas; — em que a amizade é um tráfico — e o proprio amor, o mais nobre, o mais sublime affecto humano, é mercadoria que se vende e troca pelas vis e mesquinhas conveniencias da terra... Oh!..

PERO, *arremedando-o com emphase ridicula.*

Oh! este mundo está inhabitavel desde que as donzellas nobres deixaram de fugir com os escudeiros de seus paes, — e que os reis entraram a usar da tyrannia de casar as infantes suas filhas com principes de sua liança, sem esperar que algum Amadis de Gaula ou de Grecia, ou... — Como se chama aquelle vosso, aquelle famoso cavalleiro do vosso livro das *Saudades?* Bimnardel — Narbimdel? coisa assim parecida — ou qualquer outro, lh'as safe pelas setteiras do castello, e vão fazer vida sancta para uma choupana á borda de um ribeiro, ja que fortuna injusta não deu ao guapo cavalleiro

Nem tôrre em que hastee sua nobre bandeira,
Nem porta de villa que lhe encha a caldeira.

(*muda para tom serio*). Senhor Bernardim-Ribeiro, tomae conselho de um fraca figura, — Pero do Porto ou Pero-Çafío, segundo mais

vos praza, que ambos os nomes tenho, — vosso servidor, moço da capella d'el-rei, e uma das principaes figuras dos autos e comedias do poeta Gil-Vicente — espôso que espera ser da senhora Paula-Vicente, sua filha e minha dama; môça de espantoso saber e aviso, mas ingrata se as ha, e desdenhosa como as que o são. I-vos em paz, que so eu, por ora, vos vi sahir d'aquella aziaga porta. Paula guardará segredo, e eu tambem. Assim i-vos com Deus para vosso escondrijo da serra conversar com as fadas e duendes do castello velho — em que, tam louco sois que estais vivendo como um anachoreta. — Olhae: a côrte vai ámanhan para Lisboa. Depois d'amanhan se recebe a infante com Messer de Balaison barão de Saint-Germain em nome do duque seu amo. Á noite sarau, e o nosso auto, (ou tragicomedia, segundo se diz agora por moda) — no qual eu Pero do Porto — ou Pero-Çafío, como me chama o excommungado de Gil-Vicente.... — E pegou a alcunha; que até el-rei meu senhor — e as Senhoras, ja não ha senão: » anda ca, Pero-Çafío — canta la, Pero-Çafío » — vai-te d'ahi, Pero-Çafío... » — So nunca tal me chamou Paula-Vicente, minha dama!.. Ora, ainda heide averiguar a rasão d'ésta cortezia... Será que me não queira dar confiança? — Cacho-

pa é ella para tanto, que a não vi nunca mais sôbre si. — Veremos. — O caso é que depois de ámanhan sarau, dança e auto. E ao outro dia... acabou-se tudo. — Intendeis-me? — Acabou-se tudo: porque a muito illustre e muito excellente senhora infante D. Beatriz, filha do muito alto e poderoso rei e senhor, o senhor D. Manuel, rei de Portugal e Algarves d'aquem e d'alem mar, etc. e, agora depois que voltou Vasco da Gama — da conquista e navegagão da Ethiopia, Arabia, Persia, India... Ah! não ouvis o que vos digo! (*vai atraz d'elle repetindo com muita pausa*) A senhora infante Dona Beatriz — Dona Be-a-triz parte no alteroso e suberbo galeão de teca, Sancta Catharina do Monte Sinay, obra-prima da ribeira das naus de Goa, feita por calafates nayres, carpinteiros çamorins e mestres-velas çabaios. — Que Deus nosso Senhor a leve a porto e salvamento. — E acabou-se tudo. Intendeis-me, senhor D. Bernardim ou D. Bimnardel... como quereis que vos chame? (*Bernardim, que tem estado distrahido quasi todo o tempo que fallou Pero-Çafio, repara apenas em uma ou outra palavra que o faz estremecer, inquieto e passeando á toa, e Pero-Çafio atraz d'elle fallando sempre: agora estaca de repente.*)

BERNARDIM.

Mofino de mim! que farei em tanta desaventura! Quem se viu ja tam feliz e tam desgraçado! *(repara no annel que traz no dedo e torna a beijá-lo muitas vezes)*. Docê pinhor de uma esperança que mal eu via em sonhos — que me começa a parecer realidade, oh se é verdade o que promettes... Mas quê! Não foi este o signal da despedida — última, derradeira! Que ventura póde haver para mim se não tórno a vê-la! Que me fazem as memorias do prazer onde me não ficam senão mágoas! Fez-se-me o prazer mágoa maior; e ja me pêza mais do bem que tive que do mal que me aguarda. Oh pensamento de minha alma, porque tam alto subiste! E se tanto ousaste, porque não morres ahi, que te não torne a ver a terra!

PERO.

Essa é minha opinião e voto em côrtes. Que morra, ja que para viver não é.

BERNARDIM.

Amigo Pero, tu sabes o meu segredo, o segredo da minha vida, o mysterio ineffavel de minhas divinas tenções... Ha segrêdos que matam: sabes?

Que trazê-los na memoria, é trazer a morte comsigo — que deixá-los vir aos beiços é como sorver peçonha com elles. Intendes-me? Ver-nos-hemos em Lisboa ámanhan.

PERO.

Sempre ao vosso dispor. (*á parte*) Malditto seja elle e o seu segredo! (*alto.*) De manhan Pero-Çafío vosso captivo; á noite, Marte, deus da guerra, que vou ás *Côrtes de Jupiter* no auto assim intitulado de meu digno mestre Gil....

BERNARDIM.

Basta com esse bobo de Gil-Vicente e seus autos, que ja me infadam elle, tu, e vossas comedias, que assim trazem imbellecada ésta côrte de comediantes, que de mais não cuidam. — Oh sublime inspiração dos anjos, ardente linguagem de cherubins — vida, fogo, amor, luz — cantico de seraphins que amam e adoram, divina poesia! e por villancetes de saloios, por coplas de jograes saltimbancos te trazem prostituida! E assim, e so assim te conhecem e te intendem, — que em tua singella e severa belleza não é para taes comprehender-te! — Bem me chamam louco: devo de o parecer; não ha dúvida. E até eu me tenho ja por tal. Que importa? — Uma so vez tornar

a vê-la; uma só vez ainda o ceo ou na terra: e para que quero eu mais a vida!

PERO.

Oiço vozes. — Hãode ser os Italianos que costumam madrugar aqui em Cintra para andarem imbasbacados por essas devezas. — Deve de não haver pedras nem despenhadeiros em Italia, para fazerem tanto espanto d'estes quebra-costas de Cintra. Bom será que o não vejam no páteo a ésta hora. — (*á parte*) Aqui estou eu, sem querer, feito confidente e protegedor da mais perigosa aventura... que me póde custar... (*affagando a gargenta*) uma affinação de gorgomillo que nunca mais desentoe. — E que lhe heide eu fazer? — (*alto*) Senhor Bernardim, vem gente: creio que são os Italianos, os embaixadores de Saboya. Va-se, por Deus, se não quer ser causador de grandes desgraças, se é que tem em alguma conta a fama, a vida, a honra de quem... de quem...

BERNARDIM.

De quem não é para teus labios nomear — para os de nenhum homem que queira viver um minuto mais. (*Lança mão ao punhal que traz no*

seio; *Pero estremece, e elle continúa:)* Eu vou-me, Pero. — A que horas é o auto?

PERO.

Ás oito horas começará.

BERNARDIM, como quem lhe acode de repente uma lembrança.

Levam máscara as figuras?

PERO.

Máscara?.. So se for a moura — a moura incantada que vem no fim. É verdade, sim, de máscara hade ir a moura Taes, a que intrega o annel á infante duqueza.

BERNARDIM.

Como disseste? um annel?

PERO.

Pois não sabeis o inredo do auto, das *Côrtes de Jupiter*, composto para este casamento e festas reaes? As côrtes de Jupiter, coisa magnífica, são os deuses todos principaes que se junctam em côrtes no ceo para avisarem e concertarem no melhor modo e mais grandioso de ir ao bota-fóra do galeão, e acompanhar a infante duqueza por

esses máres abaixo; fazer-lhe léda e próspera a viagem, e a levar san e salva a terras de Saboya. (*Bernardim suspira, Pero continúa*) Suspirais? Tambem eu; mas é porque ainda não sei de cór todo o maldito papel de Marte que me arrumaram. E Paula que faz a Lua! E eu ao pé d'ella! Temos eclypse, e perco-me; estou vendo.

BERNARDIM.

Aviae ja, e concluamos.

PERO.

Agora, agora, mano de minha alma. Hoje por vós, ámanhan por nós: chegou-me a minha vez de ternura. — Mas isto commigo passa depressa. — Ja la vai. — Véem então os deuses a côrtes por ordem de Jupiter. Gil-Vicente é o Jupiter d'ésta feita; eu Marte, como ja vos disse; Garci-Peres o Sol; Paula tambem ja vos contei...

BERNARDIM.

A Lua, bem sei, bem sei. Por vida tua, acaba, homem. Junctam-se as côrtes; fallam muito, não fasem nada. Esse é o costume; sabemos. — Não me infades mais.

PERO.

Pois fazem alguma coisa d'ésta vez as côrtes (e não fique de mau exemplo): distribuem os logares para o cortejo da partida — e por fim desincantam a famosa moura Taes, filha do antigo rei do Algarve, magica afamada; a qual moura tem um annel de condão que adivinha tudo; e o annel é obrigada a moura por Jupiter, creio eu, a intregá-lo á infante minha senhora. Com o quê acaba o auto; e nós todos cantando e dançando co'a linda chacota

Por el rio me llevad,

baillando e folgando, nos vamos cada-um a seu poiso. Senhores e damas ficam dançando no sarau. E eis-aqui como ámanhan á noite se diverte e passa o tempo o muito alto e poderoso rei D. Manuel de Portugal, e toda a sua côrte.

BERNARDIM, impaciente.

Bem, bem. Quem faz a moura?

PERO.

A moura! Oh isso é a mal introuxada de Joanna do Taco. Aquelle demonio, Deus me perdoe e eira má a tome — que é tal como a Maria Par-

da das trovas de mestre Gil. Nunca tal papel fará em termos: se ella está sempre de profundis!

BERNARDIM.

Folgaria bem o meu amigo Gil-Vicente que outrem lhe apparecesse para a figura da moura?

PERO.

Se folgaria!

BERNARDIM.

Bem: não lhe digas nada.

PERO.

Que lhe heide eu dizer se vos não intendo?

BERNARDIM.

Não digas que fallámos n'isto. Calla-te, que é o maior serviço que me pódes fazer.

PERO.

E acha que é pouco!

BERNARDIM.

Não acho, não. Bem sei quanto te hade custar.

E mais será se fallares, que a vida te custará. É grande o papel da moura?

PERO.

Nada. Tres ou quatro coplas *pronunxiadas á morixca* com muitos *axxes* e *exxes*. É o mais soez e ranço que ainda compoz Mestre Gil.

BERNARDIM.

Embora. — Canta a moura?

PERO.

Não.

BERNARDIM.

Optimo. — Feliz, feliz lembrança!

PERO.

Alegre estais! Tam pezado e triste ainda agora! — Dar-vos-hia no miollo ser comediante? Olhae que acertaveis: escorreito de tristezas vos prometto eu que ficarieis. É a mais bella, mais ditosa profissão.

BERNARDIM.

Tens razão, amigo: e a melhor, a mais util que

ha. Oh minha vida, que ainda uma vez te viverei. Uma so è derradeira! Mas que importa!

PERO.

I-vos ja, que realmente oiço vozes, e devem de ser os Italianos. *(vai ver)* — Elles são. Por vida vossa que não fiqueis mais aqui.

BERNARDIM.

Até ámanhan, meu Pero. (*abraça-o*)

SCENA IV.

PERO-ÇAFÍO.

Até ámanhan! E dia de juizo seja esse ámanhan para ti, mofino poeta namorado, que tam dolorido e saudoso es. E mais, saudades me não deixas: assim eu viva e com minha senhora Paula me case. — O peior é que elle tem razão. Eu sei, — inda mal! — o terrivel segredo que o atormenta. Maçan de sciencia que se me atravessou no gorgomillo como a nosso pae Adão! Serpente que entraste no paraizo, que tentaste Eva, quem me mandou a mim ver-te e fallar-te? Se houve maçan que comer, não tive eu quinhão n'ella, que Pero sou, e não é de peros roer maçans. Mas ca a tenho ingasgada todavia. Tomára-me eu ver

fóra d'isto — ou fóra d'aqui, e para bem longe quem causa tudo isto. — Vamos, vamos: casarás, amansarás. Seu marido de Saboya que se avenha la com esses dibuxos. Què tenho eu com isso? O negocio é de Sua Altesa Ducal, não meu. — Oh! ahi vem Monseor Chatel. Refinado sonso de Italiano, vem, que em boa hora vens. Não hasde ser tu, com toda a tua italianisse ou saboyisse, que me hasde apanhar. — Sentido na lingua, Pero-Çafío, meu amigo, que é o teu fraco; e o forte d'estes meninos embaixadores e de seus secretarios. O tal Monseor Chatel cuida que os Portuguezinhos são umas crianças. Em quanto la os embaixadores do duque — o Sr. barão de Saint-Germain todo gallante e cortesão, o Sr. doutor Passerio todo grave como um Bartholo, andam intrigando com condes e marquezes e desimbargadores do paço — vem o senhor secretario espreitar ca por baixo, e tirar lingua pela salla da Tocha. Cuida que é a salla das Pêgas alli dentro! Pois ésta não hade ser palreira, que capaz sou eu de me comer a lingua se me ella comer muito — com a sua comixão costumada.

(Faz cortezia a Chatel que se vem chegando.)

SCENA V.

PERO-ÇAFÍO, CHATEL.

CHATEL.

Bello dia, bella madrugada, senhor Pero! — E ja a aproveitastes bem. Tendes gosado a frescura da manhan n'este delicioso sítio, creio eu. São de uma formosura sem egual as manhans em Cintra. Na nossa Italia tam bella não ha coisa que rivalize com ésta oasis, este jardim de delicias. — Tendes ahi um papel que vos dá muito que fazer.

PERO, que tem estado a fingir muita attenção ao seu papel.

E o meu papel de Marte para o auto de amanhan. Estudo a solfa.

CHATEL.

Ah! tambem admitte o canto o theatro portuguez! Verdadeiramente não se imagina em Italia, nem em França, como os Portuguezes estão adiantados nas artes. O vosso Gil-Vicente é um prodigio: prodigio natural — e tambem pouco cultivado. Se elle conhecesse os classicos; se, co-

mo o nosso Ariosto, soubesse imitar Terencio e Aristophanes; se apprendesse as regras d'arte!..

PERO.

Havia de ser um semsaborão insulso e insipido segundo a arte; havia de marear seu ingenho natural, e...

CHATEL.

Póde ser, póde ser. O Dante tambem desprezou as regras, — ou fe-las novas... — Comquê, vamos ámanhan até Lisboa. Vai toda a côrte; não é assim? E o sarau hade ser splendido. El-rei, a rainha, os senhores todos costumam dançar n'éstas occasiões; ouvi eu. Mas é impossivel que não haja — hade haver um certo resguardo, escolha nas pessoas... Nós somos amigos ca sem ceremonia: (*Pero-Çafio parece infadar-se*) e entre amigos é que a gente falla n'éstas coisas... — Dizei-me. Éstas damas que vão com a duqueza minha ama... são da primeira fidalguia, sem dúvida; e gentis são, bem vejo; — galantes e avisadas... Muito cortejadas haviam de ser por tanto mancebo illustre, tanto guapo cavalleiro que anda na côrte. Não é verdade?

PERO.

Perguntae-me por autos e comedias, senhor secretario; que eu criado sou d'el-rei, mas não curo senão d'este meu mister de musico que Sua Alteza tanto estima.

CHATEL.

E com razão, amigo Pero, com razão. El-rei D. Manuel é um Augusto, um Leão Décimo; bons exemplos segue.

PERO.

El-rei de Portugal não é para tomar, senão para dar exemplos. E ainda nenhum principe lhe tomou a elle o de mandar descobrir máres e terras ao cabo do mundo.

CHATEL.

Bem dizeis, amigo, bem dizeis. Nenhum principe fez tantos serviços á Christandade! Assim elle não recusasse admittir o sancto tribunal da Inquisição, que tam preciso lhe é. Mas tempo virá...

PERO.

É o tribunal que queima a gente?

CHATEL.

Os herejes e os Judeus, meu amigo; não é a gente.

PERO.

Boa vai ella! — E então el-rei não o quer?

CHATEL.

Não se resolve. — Oh, se fosse o principe D. João! Sancto principe!

PERO.

Abençoado seja el-rei nosso senhor! Deus o conserve!

CHATEL.

É uma excellente e exemplar familia a Real Casa de Portugal. — Que formosa e avisada não é a senhora infante D. Beatriz, que ámanhan será duqueza de Saboya e minha ama! — O duque meu senhor hade amá-la e respeitá-la como nunca o foi princeza alguma. É a joia mais preciosa que vai ter a coroa ducal de Saboya.

PERO, á parte.

E para ingaste da joia não leva mau oiro no do-

te.—Que nos levem extrangeiros, a trôco de palavrinhas doces, o que tanto custa a ir desinterrar na Mina—a lavrar ás espadeiradas na India!

CHATEL.

Dizieis?..

PERO.

Nada.—Repetia o meu papel de Marte.

CHATEL.

É muito môça a infante; e tem comtudo um cabedal de instrucção que admira. Lê muito—folga com livros de... cavallerias e cancioneiros.., protege muito os homens de lettras...—A proposito, que é feito do seu mestre de litteratura e poesia? Homem de gôsto; não era? E raro talento. Um tanto enthusiasta, cuido eu.—E poeta? Não? Conheceis-lo?—creio que ainda o não vi na côrte. Não vem ja ao paço.—Era moço, ouvi dizer, e gentil homem, mas deixou-se do mundo, e foi viver como ermitão para a serra.—Dizei-me, Perō amigo, conheceis este tal Bernardim-Ribeiro de cujos versos e prosas tanto se falla?

PERO.

Conheço-o de o ver com Gil-Vicente, a quem muito conversava.

CHATEL com vivacidade.

Ah! eram amigos?

PERO á parte.

Querem ver que disse alguma? O diaxo te açalme a lingua, Pero de uma figa. — (*alto*) Hum! amigos... amigos... como homens de lettras — ja se sabe — officiaes do mesmo officio.

CHATEL.

Mas Bernardim é pessoa de nascimento, cavalleiro...

PERO.

Sim é, mas dado e lhano; e nunca se correu de ser nosso amigo, e de nos tractar como seus eguaes. — As lettras... (*á parte*) Cala-te, malditto.

CHATEL.

As lettras, dizeis bem, são uma republica em que não ha distincções. — Mas, Sr. Pero, este

nosso litterato ou poeta Bernardim, dizem que é homem de altivos pensamentos, orgulhoso...

PERO.

De seu merito, devia sê-lo; mas não é.

CHATEL.

Bem, bem: tanto melhor... (*ouvem-se as charamellas e sacabuxas dos menestreis d'el-rei.*) Que musica é ésta?

PERO.

El-rei que sai. — Ja por ahi senti os falcoeiros; mas não me parece dia para caçar. É passeio talvez.

SCENA VI.

EL-REI DOM MANUEL, INFANTE DONA BEATRIZ, BISPO DE TARGA, GIL-VICENTE, BARÃO DE SAINT-GERMAIN, DOUTOR JOFRE-PASSERIO, PAULA-VICENTE, GARCIA-DE-RÉZENDE, CHATEL, PERO-ÇAFÍO, CONDE DE VILLA-NOVA, DAMAS, FIDALGOS, ESCUDEIROS, MOÇOS DO MONTE, FALCOEIROS, etc.

DOM MANUEL.

Não tornarás a ver tam cedo — talvez nunca mais — estes bellos montes, ésta verdura tam viçosa, éstas aguas tam frescas, Beatriz. Dize-lhes adeus, que bem t'o merecem, filha.

DONA BEATRIZ.

E que saudades levo d'ellas, meu pae! Oh! ninguem é capaz de as sentir como eu.

DOM MANUEL.

As saudades queremos nós para nós, eu e teus irmãos, e a rainha que tanto te quer. — Oh! e por saudades — (*com intenção, e observando os embaixadores de Saboya*) o nosso Bernardim

Ribeiro, o homem das Saudades, que é feito d'elle? — Não te vem beijar a mão, Beatriz; despedir-se de sua ama, que deixa partir tam despegadamente... Ora creiam em affeições de poetas! Bellamente escreve de saudades e amores. Ninguem o fez melhor em nossa lingua. — Não é assim, Garcia de Rezende, (*Garcia de Rezende inclina-se*) que depois que a elle tractou, parece outra? Mas estes escriptores costumam-se a sentir e a pensar com o papel e a penna; tirados d'ahi, não são ja os mesmos. — Se elle quizesse ir para a India, far-lhe-hia mercê. Carecemos de quem faça chronica de tantas gentilezas que por la se obram. — Serás contente, Beatriz, que desinterremos o teu apaixonado, d'essas brenhas por onde anda, e o tornemos ao mundo?

DONA BEATRIZ, que suspira e estremece por vezes durante a falla d'el-rei.

Meu senhor e meu pae, ja que de mim dispozestes, e pois que Vossa Alteza me dá a outrem, não devo ter, nem tenho, pensamento ou impenho senão para minhas novas obrigações.

DOM MANUEL.

Obrigações, vamos, e praseres tambem: que hasde ser uma ditosa e festejada noiva; espôsa

de um galante principe, senhora de grande estado, e feliz como merece a minha adorada Beatriz. — Não é assim, barão? (*a Saint-Germain que se inclina*) — Doutor Passerio, (*o doutor inclina-se*) a duqueza, vossa ama que hade ser ámanhan, é grande devota de lettras e lettrados: na vossa Italia, onde estão em tanta honra, hade achar-se como em terra sua.

PASSERIO.

Todos receberão das inspirações de tam excelsa musa o incentivo para serem dignos d'ella.

CHATEL, baixo a Saint-Germain.

El-rei que falla assim...

SAINT-GERMAIN, baixo a Chatel.

Não ha nada doque se pensava. A infante é virtuosa e sisuda.

CHATEL, á parte.

Será; mas aquelles olhos são de namorada — ou eu não sou Genoves.

DONA BEATRIZ, baixo a Paula-Vicente.

Paula, eu sinto morrer-me. Se me não deixam, se continuão n'este passeio, com este tormento —

aqui ficarei de vez em Cintra — morro. Oh! se o permittisse Deus!

PAULA, baixo á D. Beatriz.

Animo, senhora! vêde el-rei que parece conversar com Garcia de Rezende — e que não tira os olhos de nós.

DOM MANUEL.

Doutor Jofre Passerio, respondido como digno poeta italiano — sempre brilhante! Tambem fazeis traição a Bartholo — ca me disse Garcia de Rezende. — Heide-vos denunciar ao reverendo Bispo de Targa que presente se acha, e a quem tambem ás vezes succede trocar-se-lhe o breviario pelo Virgilio. Não é Virgilio, meu digno prelado?

BISPO DE TARGA.

O exemplo de Santo Augustinho...

DOM MANUEL.

Bem sei — e que era bispo africano como vós — mas cançava-se um tanto mais com as suas ovelhas getulas e numidas. — Não é assim, Garcia de Rezende? (*Garcia de Rezende inclina-se.*) — La ides para Italia, senhor bispo; e o sancto

padre que componha essas coisas. Sua Santidade folga com versos latinos. Se lh'os não quereis fazer, ahi tendes André de Rezende que vo-los fará como qualquer poeta pontificio. — E André que os faz em todas as linguas, cuido eu. — Mas perdoem-me todos, que para mim ninguem compõe trovas que tam bem me saibam como o nosso Gil-Vicente nos seus autos — que são meu unico refrigerio e distracção de tantos cuidados e trabalhos. — Gil-Vicente, vinde cá, homem, não vos escondais, que sois homem para se mostrar em qualquer parte. Todos aqui são vossos amigos. Receais que o auto das *Barcas* vos pozesse em mau cheiro para além dos Alpes? Estes cavalheiros são de Saboya, e não mandam dizer nada para Roma.

GIL-VICENTE.

Vossa Alteza bem sabe que não sou medroso. Quando eu fiz o *Clerigo da Beira*...

DOM MANUEL.

Essa é a melhor farça que nunca fizestes.

GIL-VICENTE.

Nunca me escondi de priores nem de conegos, e mais...

DOM MANUEL.

E mais não lhes faltaria vontade de te insinar.

GIL-VICENTE.

E no dia depois do *Juiz da Beira* jantei com dous desimbargadores dos aggravos. Tudo póde o exemplo de tolerancia e liberdade com que Vossa Alteza nos insina a todos.

DOM MANUEL.

Barão, podeis dizer em Italia que nem só de marfim e especiarias se tracta na côrte de Lisboa. Trazemos guerra, e mandâmos nossos galeões a pelejar e traficar, nas quatro partes de que hoje — graças aos nossos pilotos! — se compõe o mundo; mas em casa cultivâmos as artes da paz.

PASSERIO.

Os soberanos de Portugal são a admiração do universo. Mas Vossa Alteza não se digna permittir que os nossos pilotos genovezes reclamem alguma parte na glória maritima de suas descubertas!

DOM MANUEL.

Por Deus! que bem pouca lhes poderemos conce-

der, Micer Jofre. Aqui esteve Christovam Colon; e a fallar a verdade, grande navegador era, e homem de altos pensamentos e ânimo grande. Mas os nossos cosmographos não intendiam (e tinham razão) que fossemos commetter tammanhos riscos para ir incontrar terras do Tartaro. Que a essas ia, e essas cuidou descubrir o vosso Colon, que suppunha o nosso globo mais pequeno do que lhe ello sabiu. — E assim mesmo, se não fossem os papeis de Perestrello que levou para Castella, não seriam hoje tam augmentados os Estados do imperador meu cunhado. — Nós não fomos perguntar a Genova ou a Veneza como se dobrava o cabò das tormentas, — nem Pedralves descubriu a terra de Sancta-Cruz pelos roteiros de Colon e Vespucio. — Mas isto é tarde. A manhan não está para gaviões. Daremos uma volta passeiando. — Ámanhan em Lisboa não faltarão negocios. Monteiro-mor, mandae embòra os falcoeiros.

Dona Beatriz senta-se em um poial de pedra como quem está angustiada. Todos a rodeam.

DOM MANUEL.

Que é isso, Beatriz? Cançámos-te com tanta conversa aqui parados. Não é assim?

DONA BEATRIZ.

Não estou boa; passei muito mal a noite. Se Vossa Alteza me permitte, ficarei em casa. Não é nada: estou fraca, e custa-me ir passeiar.

DOM MANUEL.

Fica embora. Deixar-te-hei o conde de Villa-nova... ou o bispo para te fazerem companhia.

DONA BEATRIZ.

Não, meu pae, não preciso de tanta gente. Paula ficará commigo, e é quanto basta.

DOM MANUEL.

Senhor bispo capellão-mór, ficae com vossa ama. Adeus, filha; não tardaremos.

SCENA VII.

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE, BISPO DE TARGA.

DONA BEATRIZ, levantando-se.

Senhor bispo capellão-mor, é nossa Real vontade ficarmos aqui sos com Paula-Vicente, nos-

sa criada. Vossa Reverencia hade ter provavelmente as suas devoções...

BISPO DE TARGA.

Tenho, minha senhora; e obrigações tambem: agora principalmente a de obedecer a Vossa Alteza. (*beija-lhe a mão, e parte.*)

SCENA VIII.

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE.

DONA BEATRIZ.

Eu abafo, Paula, estallo! — Sinto que se me esmaga o peito debaixo d'este pêso. — Ai meu Deus! — Tu ouviste o que aquelle homem me disse ésta noite? Ouviste tudo? — Que homem, que louco; mas que amor! Mas que alma, mas que coração aquelle! — Sabes que mais, Paula? eu amo-o como elle me ama.

PAULA.

Ja o sabía.

DONA BEATRIZ.

Quem t'o disse? Não eu.

PAULA.

Não.

DONA BEATRIZ.

Nem elle, que o não sabe. — Espera, adivinha... E eu que lh'o incubro, Paula!

PAULA.

Muito bem, dando-lhe um annel em signal de fidelidade e...

DONA BEATRIZ.

E amizade, Paula: pois não ha fidelidade entre amigos tambem? Tomára-lhe eu dar a minha vida, o meu sangue, e tudo quanto sou e valho. — E mais ainda lhe ficava devedora. Oh como aquelle infeliz me ama!

PAULA.

Mas casais-vos ámanhan.

DONA BEATRIZ.

Meu Deus, meu Deus, Paula, que lhe heide eu fazer? — Que farias tu no meu caso?

PAULA.

Oh! ca eu é muito differente. Quem não é princeza...

DONA BEATRIZ.

Que faz, Paula?

PAULA.

Morre.

DONA BEATRIZ.

Morrer! tomára eu. Mas meu pae...

PAULA.

Aquelle homem era digno de melhor fortuna.

DONA BEATRIZ.

Fortuna, fortuna! Que me importa a mim com a fortuna, ou a elle? Amor, amor é que nós precisâmos... Paula, minha querida amiga, se eu podesse vê-lo outra vez. Se tu quizesses...

PAULA.

Eu!

DONA BEATRIZ.

Tu, que não temos outro ninguem que nos valha; tu que juraste proteger-nos, tu que...

PAULA.

Eu que sou...

DONA BEATRIZ.

A minha amiga, a minha verdadeira amiga. Paula, quero vê-lo. Aquella despedida de hontem não me basta. Ámanhan serei italiana; hoje sou portugueza ainda, pertenço-me a mim. Que me póde succeder? Morrer, matarem-me?

PAULA.

Diffamar-se, perder a honra!

DONA BEATRIZ.

Isso nunca. Sou filha d'el-rei Dom Manuel, sou uma infante de Portugal, sei o que devo a mim e aos meus.

PAULA.

A maledicencia não poupa os principes.

DONA BEATRIZ.

Porquê? Ja o vi, ja lhe fallei alguma vez que não estivesses tu ao pé de mim? Não ouves quanto me diz, não lês quanto me escreve?

PAULA, á parte.

Inda mal!

DONA BEATRIZ.

Ha maledicencia, ha calúmnia que possa manchar amores tam innocentes?

PAULA.

Innocentes! Vossa Alteza é desposada, e elle é...

DONA BEATRIZ.

Não digas, Paula, não digas, que me matas. Tem dó de mim. Vamos, minha amiga, vamos ao meu quarto, e concertaremos... Oh meu Deos, que eu não resisto; morro, morro d'ésta angústia!

ACTO SEGUNDO.

Os paços da Ribeira. Grande salão no stylo de Belem; é gothico florido inclinando fortemente á renascença. Tochas e placas com luzes.

SCENA I.

PAULA-VICENTE só, GIL-VICENTE de dentro, depois um PAGEM MOURISCO.

Paula vestida de tunica e manto roçagante está sentada ao pé de um bufete e como absorvida em profunda meditação. Sôbre o bufete coroa e sceptro, — alguns papeis.

PAULA.

E aqui está a minha vida! O que eu sou, o que eu valho, o para que me querem — uma comediante!.. É o meu destino, vivo para isto, n'is-

to se gasta uma existencia. — E deu-me Deus alma para comprehender a vida! Sente-me o coração, concebe-me o espirito quanto podia, quanto devia ser alta e sublime a minha missão na terra — e pobre e sujeita e humilde, e mulher sôbretudo... até éstas aspirações me são vedadas, heide affogá las; heide affogá-las, heide interrá-las no peito antes que ninguem saiba que nasceram, e cubri-lo de leviandades e abjecções para não ser criminosa ou ridicula!

GIL-VICENTE, dentro.

Paula!

PAULA.

Meu pae!

GIL-VICENTE, dentro.

Ouve ca, filha.

PAULA, levantando-se.

Eu vou, meu pae. — Mais algum abhorrecimento com ésta malditta comedia! — Comedia, comedia! Tudo é representar e fingir n'ésta vida de côrte. Que fosse para os grandes em quem é natureza, não lhes custa. Mas para os pequenos tambem... é supplício. — Aqui está a minha coroa,

o meu sceptro: vou ser rainha meia hora; vou ser grande, vou ser admirada, applaudida, festejada meia hora. *(pegando na coroa)* É de ouripel o meu diadema: os outros de que são? — Acabada a comedia valem mais do que este? — Oh vida, vida!

GIL-VICENTE, dentro.

Paula, que é tempo de começar o insaio.

PAULA.

Estou estudando a minha parte.

GIL-VICENTE, dentro.

Pois avia.

PAULA.

Quem tivera aquella paixão d'arte que o domina, aquelle enthusiasmo pela belleza ideal d'esse mundo de ficções que se creou e em que vive; aquella cegueira ditosa que lhe não deixa ver a miseravel realidade que o cérca! Meu pobre pae, como elle vive inganado! Inda bem. — Cuida que o avaliam, que o intendem. As sublimes creações do seu ingenho, as graciosas pinturas de seu stylo, applaudem-n'as, como, porquê? — Porque é moda, porque os fazem rir ás vezes.

Sem o salvo-conducto de bobo e chocarreiro, morria de fome o grande poeta! — Não o conhecerá elle? Ás vezes desconfio que sim: quer-me parecer que de proposito busca illudir-se, e foge da realidade porque a teme. — Assim fizera ess'outro infeliz, ess'outro espirito elevado que de suas imaginações tam altas ahi se despenhou agora. — Que duas almas tam similhantes e tam diversas!

(entra um pagemsito mourisco, e intrega-lhe um bilhete.)

Um bilhete! De quem? *(o pagem faz signal de não saber)* — Agora verei. *(abre e lê)* Ah! sim! — Ja me admirava, desde ésta manhan que chegámos de Cintra, não ter novas d'elle. — Veio, está aqui. — Isso esperava. — Está bom: *(ao pagem que logo se retira)* podes-te ir. — Que me quererá elle? A mim deseja fallar por caso de vida e de morte.... e a meu pae tambem! E não se esconde de Pero; antes parece... *(affirma-se na carta)* que d'elle faz confidencia. Grande extranheza! — *(torna a olhar para a carta)* Não assignou o prudente cavalleiro. Nem era preciso; bem sabe como lhe conheço a lettra. — Oh! e quem se havia de inganar com este teor de escrever! Mas que viesse de outra mão, so Bernardim-Ribeiro podia escrever assim.

(*lê*) »Se me não desamais ja tanto, que me queirais ver morto de paixão e angústia, fazei com que vos possa fallar ja, n'ésta hora, e a sos com vosso pae. — Não é segredo para o nosso bom Pero. — Sabeis que vos amo... *quanto quereis*, e que vos mereço compaixão.»

(*falla*) Que vos amo quanto quereis! — Porque ingeitei seu galanteio atrevido, porque eu, Paula-Vicente, a filha do comediante, do jogral, do chocarreiro — como lhe elles chamam ao maior poeta que ainda teve ésta nação de barbaros — porque eu, eu filha do poeta pobre, não quiz acceitar o cortejo do poeta senhor e cavalleiro... — cuida que o não amo, o louco! — Que mal intendem o coração da mulher estes homens dos livros — e elles todos! — Que o não amo, que não quero o seu amor, que me contento d'ésta amizade que fingimos entre nós, elle para cubrir sua indifferença, eu para inganar minha paixão! — Eu, eu que daria a vida para ser amada (mas *amada* — requestada, não) por um homem como Bernardim! — Que o não amo! Eu que me sinto rallar de ciumes cada vez que penso... — É bella, é grande dama. Não representa nas comedias de seu pae — n'outras o fará — não diverte o público — é senhora, ricca e poderosa... Mas

quem lhe deu alma para intender aquella alma? Ah! — Ahi vem meu pae e toda a caterva do auto. Dissimulemos.

SCENA II.

PAULA-VICENTE, GIL-VICENTE, PERO-ÇAFÍO, JOANNA-DO-TACO, ACTORES e ACTRIZES, uns ja vestidos para o auto, outros acabando de se preparar.

GIL-VICENTE.

Se t'o digo, Joanna, desastrada Joanna, que em má hora me metti a fazer-te moura.

JOANNA-DO-TACO.

Tam boa christan sou eu?

GIL-VICENTE.

Não, era-má, não. Judia serás tu por malpeccados, que assim judias commigo. Mas o que tu não hasde nunca ser, é uma moura capaz que se mostre, moura que falle mourisco, que saiba o seu papel, que possa apparecer n'um auto, que possa dizer com graça e chiste:

Exte annel de condon
Perguntalde box á el,
Y el dará a box rason
De quantos xacretos xon.

Ora anda la, malamanhada, repette isto.

JOANNA-DO-TACO repette muito semsabormente.

Exte annel de condon
Perguntalde box á el...

Não sei, não me lembra. Dae-me outro papel, que me não avenho com este.

GIL-VICENTE.

Oh excommungada mulher, negregada Joanna-do-Taco, (que um taco de Belzebuth te carambolle n'alma!) pois a ésta hora, nós ja vestidos, a côrte ahi juncta toda, el-rei que não tarda a apparecer — a ésta hora te daria eu outro papel! — Que vos parece, mana, que estou tonto? — E como, e que papel te havia de eu dar, malintrouxada?

JOANNA-DO-TACO.

O de *Providencia*, que é para que eu tenho geito. Coisa heroica e grande. Isto de fazer rir não

sei. Alli está Paula que fazia a *Lua* e que não descansou em quanto não apanhou a *Providencia*. — Paula que faça este papel. Eu não quero; tenho ditto.

GIL-VICENTE.

Mofino de mim! Em que dia! n'éstas vodas Reaes! — E os italianos, que é o que me dá mais cuidado, queria-lhes mostrar que coisa é um auto portuguez — que vissem quem é Gil-Vicente. Castigo de Deus! — Paula?

PAULA.

Ja vou, meu pae. — Estou aqui... *(torna a ler a carta.)*

PERO.

Oh, bilhetinho! que curiosidade tammanha! *(anda á roda de Paula a ver se percebe o que é, e romando a cantiga:)*

A minha dama lhe escrevem
Os gallantes cada dia;
Ella, que a mim so queria,
A mim so me respondia.
Tra le, la re.

PAULA.

E mais a este tambem. — E sois vós, Pero, que lhe ireis levar a resposta.

PERO.

Beijo-vos as mãos pela mercê. — Assim me incartais em officio de boa lotação!

PAULA.

E não menos honra: — correio-mor de minhas cartas e alviçareiro de meus favores. — Olhae, dizei a meu pae que venha ca, que deixe essa pasmaceira. Temos que fallar todos tres aqui em segredo. Ide ja.

(Pero-Çafio vai para Gil-Vicente e lhe falla ao ouvido.)

GIL-VICENTE, meio enfadado.

Então que queres, filha? que quer este homem com os seus segredos? — Ha uma hora que quero começar o ensaio geral; e é sempre isto. Uma vez faltas tu, depois é este, logo aquelle. — Agora temos negocios particulares. — Que é, que é? É o vosso casamento? Ja disse que sim: não me apouquentem mais; não estou agora para casamentos.

PAULA.

É isso, é!

GIL-VICENTE.

Queres este semsabor, tu?—Dou-t'o: la te avem, e acabemos com isto. *(olha para Pero-Çafio com complacencia.)* Representou como um homem o papel de Ayres Rozado. Inteudeu-me o magano. Desde esse dia fez de mim quanto quiz. —Mas agora, aqui, a éstas horas...

PAULA.

Bem cuidâmos d'essas frioleiras agora.—Meu pae, está alli fóra no caes Bernardim-Ribeiro que me escreve este bilhete (*dá-lh'o*). Mandae retirar essa gente; e Pero o irá buscar, que venha ja.

GIL-VICENTE.

Filha da minha alma, mas tu não sabes que este homem está doudo? varrido, perdido! E não o vês n'ésta carta?—Queres que nos ponhamos agora a palestrar com doudos a éstas horas?—Todos ahi fóra á espera do auto. El-rei que não tarda a mandar-me recado. A infante—quero dizer, a senhora duqueza que hoje é, e que não está nada boa—que se quer accommodar cedo e

que o sarau não deite a muito tarde. — E eu perdido, perdido sem uma moura! Joanna-do-Taco não sabe o papel — e parece-me que está borracha, Deus me perdoe!

PAULA.

Deixae; que em peiores nos temos visto, e sempre nos sahimos bem.

GIL-VICENTE.

Não hoje, Paula, não hoje: tenho ca uma coisa que me diz, uma coisa que me agoura mal d'este auto da infante. Desde Cintra que ando co'ésta freima. Gil-Vicente, hoje ficas mal, meu amigo.

PAULA.

Então, meu pae?

GIL-VICENTE.

Que eira-má tolhesse os doudos, mais quem...

PAULA.

Mandae agora buscar esse homem, que a fé de quem sou, não farei eu de *Providencia* se lhe não fallo, e ja.

PERO.

A peito o tomais, senhora Paula!

PAULA.

Tómo-o como quero e é minha vontade. — Ide vós ja ao caes, ahi achareis um homem de capa cahida e chapeo de romeiro: trazei-m'o aqui afforrado, que o não conheçam os moços do monte e escudeiros que ahi estão fóra. Ouvis? — É uma figura que vem para o auto, se perguntarem.

(Pero-Çafio parte de má vontade.)

GIL-VICENTE.

Assim o quer a senhora minha filha, assim o manda: seja feito. — Vão-se, vão-se embora.

(Retiram-se os actores todos.)

SCENA III.

GIL-VICENTE, PAULA-VICENTE.

GIL-VICENTE.

El-rei que fique sem auto.

PAULA *passeiando com infado.*

Tem auto de mais.

GIL-VICENTE.

A senhora infante-duqueza que se amofine.

PAULA.

Amofinada seja ella! — Pelo bem que lhe eu quero...

GIL-VICENTE.

Paula, Paula, a ingratidão é a coisa mais feia que ha. — Heide fazer um auto da ingratidão... (*pensando*) em que hade figurar... o Diabo pae da Mentira... com sua neta D. Ingratidão... Dona, sim, com dom, — que é vício mais azado de andar pelos grandes. — Mas tu bem pequena es, Paula, e por essa parte tinhas serviços decretados para condessa — pelo menos.

PAULA.

Condessa, condessa — duqueza... — Que são ellas mais que eu?

GIL-VICENTE.

Boa vai ella! — Estás nos teus dias, Paula. —

Ora vem ca: pois aquelle anjo da infante que te tracta como sua egual, que não póde viver sem ti — que tu es a sua maior amiga?..

PAULA.

Amiga!

GIL-VICENTE.

A confidente de seus segredos...

PAULA.

E quem lh'os pede os seus segredos? Quem lh'os quer saber os seus Reaes segredos, os seus segredos de princeza? — Que os diga ás da sua egualha...

GIL-VICENTE.

Que todavia não são mais que tu...

PAULA.

Não por certo; — nem tanto: — que eu sinto, penso, intendo — sei — vivo! — E ellas existem para ahi.

GIL-VICENTE, com enthusiasmo.

Oh! tu es a minha Paula, o meu braço direito, a minha musa. Sem ti que fôra da reputação de Gil-Vicente que ja assombrou João da Encina,

que ja não tem a quem temer para ca dos Pyreneus, e depressa irá desafiar esses poderosos de Roma e de Florença. — De ti me vem quanta inspiração grande tenho tido, por ti tem brilhado na scena. Ó minha Paula! — Assim te quero eu...

PAULA.

Como á vossa melhor comedia. — Não fallemos hoje de amizades ou de amores, que não estou em veia de amar.

GIL-VICENTE.

Oh Paula, Paula, como me dirás tu aquelles versos da *Providencia*!..

PAULA, seccamente.

Que eu fiz.

GIL-VICENTE, resentido.

Que fizeste, não ha dúvida, foste tu; quem t'o nega? — Fizeste-los — para glória de teu pae — que te criou (*com as lagrymas nos olhos*) — que te trouxe ao collo — que te serviu de pae e de mãe... — Levou-no-la Deus, tua mãe — e eu fiquei para velar as noites ao pé do teu berço, roendo nas unhas muita noite de hynverno, e fazendo tro-

vas em quanto dormias, acalantando-te quando rabujavas. — Fizeste, Paula, são teus os versos: e eu que em ti pus minhas esperanças, insinei-te quanto sube, dei-te mestres de tudo. Poucos lettrados sabem tanto em Portugal: d'isso presumes e tens razão: mas eu é que te fiz o que es, minha filha; cuidei que te lembravas mais d'isso que dos versos que compunhas...

PAULA, chorando, e abraçando-o.

Perdoae-me, meu pae; perdoae-me, que não sei ora o que digo. Devanea-me ésta pobre cabeça de tanto padecer e soffrer.

GIL-VICENTE.

Pois que tens tu, minha filha, minha querida filha? — Tudo está perdoado. Eu sei quanto te devo; e nunca me esqueço, Paula, nunca. — Mas hasde representar logo. Não?

PAULA.

Sim, meu pae.

GIL-VICENTE.

Hasde-me entrar por aquella sala dentro, de sceptro na mão, coroa na cabeça — a tunica roçagante — a cauda sobraçada. — E os italianos

imbasbacados — corridos, mettidos n'um chinello de mouro. — E tu bella — mais bella de teu espirito e formosura de expressão e alma que... (*abaixando a voz*) — que essas condessas — princezas e infantas todas. — E quando tu dizes (*declama com emphase*)

Jupiter hade fazer
Côrtes logo em um momento;
Porque Deus me deu a mim
Que o fizesse rei do mar
E dos ventos outrosi,
E dos signos. Venha aqui
Para logo começar.

(*fallando*) — Bravo, bravo! Que o façam melhor em Florença ou em casa do Papa.

SCENA IV.

GIL-VICENTE, PAULA-VICENTE, PERO-ÇAFÍO, E BERNARDIM-RIBEIRO que entra imbuçado e de chapeo desabado, como no 1º acto — PAULA estremece, GIL-VICENTE impacienta-se: observam-se todos alguns segundos.

GIL-VICENTE, indo para elle como quem descubriu alguma coisa.

Meu amigo, ja adivinhei o que quereis. Ver o auto: hem? Andais arredio da côrte — não sei porquê: tanto vos querem todos — e a nossa infante, a nossa querida infante, que isso era por demais! — Princeza e trovador... — É o que vale, que não fica mal, senão tinham que fallar linguarudos. — Mas em fim é geito que tomastes, fugis de todos. — Ora pois, quereis ver o auto, e não quereis que vos vejam. Sou o vosso homem. Proprio tenho um logar d'amigo para um escudeiro imbuçado e incapellado, que póde ver tudo, e não o ver ninguem a elle. — Va por sancto Apollo e suas manas. — Vós sois quasi do officio, que tambem rhymais, senhor cavalleiro: (*canta*)

Trovador por minha dama
Morfis, trovador,
Que não fará quem ama
Por seu amor!

Rhymais, e como os mestres. Assim, a proposito, vále-me éstas coplas, este romance da partida da infante, que logo se hade cantar...

PAULA, significantemente para Bernardim.

E chorar; que...

GIL-VICENTE.

E são para isso às coplas. Por menos tenho visto mais, (*repetie com animação*)

Niña era la infanta,
Doña Beatriz se decia,
Nieta del buen rey Hernando,
El mejor rey de Castilla,
Hija del rey Don Manuel,
Y reyna Doña Maria,
Reyes de tanta bondad
Que tales dos no habia,
Niña la casó su padre
Mui hermosa a maravilla
Con el duque de Saboya

Que bien le pertenecia,
Señor de muchos señores,
Mas que rey es su valia...

PAULA, com impaciencia e olhando para Bernardim.

Basta, meu pae: logo nos fartaremos d'isso. Agora vejo que *infadam* e estão *mortificando* essas vossas coplas.

GIL-VICENTE, á parte a Paula.

Porque não são tuas éstas, Paula. — Valha-te não sei quê, rapariga.

PAULA, a Gil-Vicente.

Sim; n'isso pensava eu agora; é o que me dá cuidado. (*a Bernardim*) Ja vêdes que tendes logar para ver o auto.

BERNARDIM, desimbuçando-se e levantando o chapeo.

Não é ver o auto que eu quero, é entrar n'elle.

GIL-VICENTE.

Como assim!

PAULA.

Praz-lhe ao senhor Bernardim-Ribeiro zombar de nós e de nossa humilde profissão.

BERNARDIM.

Não sei d'ella mais nobre, meus amigos. Sois criados d'el-rei, d'um principe que sabe a valia das artes, que estima e cultiva as lettras...

PERO.

E premeia como vemos aos seus cultivadores...

BERNARDIM.

Mesquinharias de ruins conselheiros e de suberbos invejosos. El-rei é liberal, e o será comvosco. Cultivais uma gentil arte...

PERO.

Ja é gentil!

BERNARDIM.

Sempre e quando quér que se não prostitue, como todas as artes, como todas as coisas d'este mundo. — Vós, digo, cultivais uma gentil arte, honrais e aformoseais a lingua; sereis a glória dos nossos e a inveja de estranhos: que mais é

preciso para ser nobre e grande — maior que ninguem na sua terra?

PAULA.

Adular os grandes e opprimir os pequenos.

BERNARDIM.

Paula, a bella e desdenhosa Paula está de uma severidade, — que lhe fica bem de certo — que lhe dá uma expressão...

PERO.

Satanica...

BERNARDIM.

Energica...

PAULA.

Dá-lhe a que me praz dar a boa ou má cara que Deus me deu, e de cujas feições se não tracta agora.

BERNARDIM, a Paula, galanteando, — que lhe volta a cara.

Mil perdões se... — Amigo Gil-Vicente, peço-vos um papel no vosso auto. Alguns tendes com máscara, dae-me um d'esses. Verei assim tudo, sem me verem ou me conhecerem; e tenho o gôsto,

por que sempre suspirei, de vos ajudar em vossa bella impreza. Dae-me ja o papel e o vestido.

GIL-VICENTE.

Que capricho é esse? Estais devéras?

BERNARDIM, ao ouvido de Paula.

A fé que estou. Não tenho outro modo de a ver, de lhe fallar. Juraste ajudar-me, prometteste ainda hontem ser fiel a ambos. É preciso que me dem o papel da moura, que seja eu quem lhe intregue o annel...

PAULA, affastando-se um pouco, á parte e com impaciencia.

E quer a sorte mofina que seja eu quem por minhas proprias mãos me esteja dilacerando assim! — (*a Bernardim*) Farei como quereis. (*alto*) Meu pae, temos um bom achado. Joanna-do-Taco vos perderia o auto: daremos o papel a este cavalheiro que o fará á maravilha.

GIL-VICENTE.

Oh! se elle quizesse!

BERNARDIM.

Como vos heide dizer que quero? — Venha máscara o vestido.

GIL-VICENTE.

E o papel? Inda o não vistes. (*Pero-Çafío lhe traz uma especie de opa larga, um turbante e uma máscara.*)

BERNARDIM, infiando a opa e cingindo-se.

Ja sei tudo o que heide dizer.

GIL-VICENTE.

Quem vo'-lo insinou?

BERNARDIM ainda vestindo-se e distrahido.

Não se insina, não se apprende — sente-se... Louco que eu sou! (*olha para Gil-Vicente que está pasmado*) — Insinou-m'o Paula.

PAULA.

Estais inganado: reflecti no que dizeis... Não é commigo.

BERNARDIM.

Pois então foi Pero, — Pero foi, Pero-Çafío. Por

signal que tem muito *xe*, *xe* mourisco, muito tregeito. — Farei tudo.

GIL-VICENTE.

Optimo! Assim é, assim é. Vesti-vos pois, que é tarde. — E vamos. Oh lá de dentro! Insaio geral.

SCENA V.

OS MESMOS, E OS ACTORES TODOS entrando.

GIL-VICENTE.

Cada-um a seu logar. Acolá está el-rei, a rainha, os infantes — os embaixadores — alli a côrte. — Tocam os charameis. — Silencio geral. — Vamos. — Porte, dignidade, — um ar majestoso e grande. *As Côrtes de Jupiter* é o titulo da nossa comedia. Deuses e deusas: não ha d'outra gente aqui. — Paula, tu sabes que es a *Providencia*, que vais ordenar a Jupiter que chame a côrtes os regidores de todas as coisas, o deus do mar, o dos ventos, da guerra, sol, lua, estrellas.

BERNARDIM.

Providencia! De molde lhe vai a ésta altiveza natural e genio sobranceiro. — Dizia-me Pero que ereis a lua.

PAULA.

Não me contento de luz imprestada, senhor cavalleiro.

BERNARDIM.

Porque da propria sabeis quanto brilha.

PERO, *á parte*.

Em quarto minguante me sahiu a tal lua. — (*alto*) Juraria que esse era o papel da senhora Paula. Nos primeiros insaios em Cintra...

BERNARDIM.

Fostes Diana em Cintra?..

PAULA.

Para castigar Acteon.

BERNARDIM.

E sois a Providencia em Lisboa?..

PAULA.

Para o salvar de seus proprios mastins.

BERNARDIM.

Sempre bella e discreta!

PAULA.

Deixemos este tom de gallanteria, senhor cavalleiro. Não vos fica bem a vós, e sabeis que me não agrada a mim.

BERNARDIM, á parte.

Porque não havia de eu amar esta mulher!

PAULA, á parte.

Meu Deus! se este homem me amasse!

GIL-VICENTE.

Assim foi, Pero; dizes bem. Mas em Cintra ainda eu não tinha pensado no prologo. O prologo — vês tu — é a exposição e clareza de tudo. Para éstas grandes entradas quer-se majestade, desimbaraço, um não sei quê solemne na voz e no gesto. So a minha Paula. Paula, minha filha, vamos pois. (*tomando attitude e declamando.*)

Eu Providencia chamada
Sou por Deus ora inviada...

PAULA.

O meu papel todo agora! Oh! isso é impossivel. Tirava-me o ânimo de o repettir logo. Demais o tendes ouvido todos. Fazei de conta que está ditto.

GIL-VICENTE.

Bem, bem: como quizeres.—Jupiter? venha Jupiter... Ah! sou eu mesmo. (*em attitude como quem entra na scena*)

Eis-me aqui, alta senhora;
Que quer vossa majestade?

PAULA.

Que passemos ávante. De vós estamos certos.— O mar?

GIL-VICENTE.

Mar, ventos, Norte e Nordeste? (*acodem varios actores*)

PRIMEIRO ACTOR.

Aqui estou.

SEGUNDO ACTOR.

E eu.

TERCEIRO ACTOR.

Prompto.

GIL-VICENTE.

Sol?

QUARTO ACTOR.

Aqui nasço, ou aqui me ponho, segundo mandardes.

GIL-VICENTE.

Nascei, homem. — Nada de occasos. — Lua, Venus?

PRIMEIRA ACTRIZ.

Eis-me.

SEGUNDA ACTRIZ.

Prompta.

GIL-VICENTE.

Excellente! — Bellas, gallantes estais. Que viva toda a côrte celestial! Como véem guapos! — Marte? — Oh! Marte o nosso Pero-Çafío.

PERO, entrando em scena e declamando.

Humilho-me a vós, sagrado
Jupiter. Que me mandais?

GIL-VICENTE, do mesmo modo.

Vós sejais mui bem chegado
A estas côrtes Reaes.
Manda el-rei de Portugal,
Senhor do mar Oceano,
Sua filha natural
Per conjuncção divinal
Pelo mar Meio-Terrano.

PERO, como acima.

E mais eu tenho cuidado
D'este reino lusitano:
Deus me tem dito e mandado
Que lh'o tenha bem guardado
Porque o quer fazer Romano...

PAULA, interrompendo-os e parodiando o tom da declamação.

E a Providencia divina, que está seccadissima de ouvir as conversas semsabores d'estes deuses pagãos, ordena que vos calleis ja, e guardeis isso para logo.

PERO.

Pois nem siquer heide repettir o meu romance:

Niña era la Ifanta,
Niña la casó su padre
Con el duque de Saboya?..

PAULA.

Não.

PERO.

É que no fim d'elle é que entra a moura.

PAULA.

A moura que estude o seu papel. O papel é curto: vêde, são duas palavras. (*busca no bufete um papel, e o dá a Bernardim.*) E que o diga o melhor que podér. Vamos; e acabemos com isto antes que nos acabe a paciencia a todos.

SCENA VI.

UM PAGEM D'EL-REI, OS MESMOS.

Bernardim-Ribeiro põe a máscara em vendo o pagem.

PAGEM.

El-rei meu senhor entra para a sala do docel. Manda o mordomo-mor que se appromptem as figuras, e que saia o auto.

GIL-VICENTE.

Vamos.

Sahem todos alvoroçados, precedidos de Gil-Vicente e do pagem. Paula depois de todos. Bernardim-Ribeiro fica como suspenso.

SCENA VII.

BERNARDIM-RIBEIRO, depois PAULA-VICENTE.

BERNARDIM, tirando a máscara.

Incrivel! incrivel o que está passando por mim! Eu nos paços da Ribeira com estes trajos! Eu deante da côrte toda representando n'um auto de Gil-Vicente! Eu...

PAULA, tornando a apparecer.

Se vos arrependeis, ainda é tempo.

BERNARDIM.

Nunca. Se de outro modo a não posso ver! — Oh querida Paula, tu es de-certo a minha Providencia. Bem te acertaram o nome n'ésta noite. Que sería de mim sem a tua protecção!

PAULA.

O mesmo que com ella. Ámanhan parte a frota ao romper d'alva; E que fareis?

BERNARDIM.

Que me importa ámanhan? Eu vivo para hoje, vivo para ésta hora. Que se me dá a mim que acabe o mundo depois!

PAULA, á parte.

Muito a ama!

BERNARDIM.

Paula, minha Paula, tu assististe á fatal ceremonia?

PAULA.

Fomos todos á sé. Casou-os o arcebispo. El-rei estava muito commovido...

BERNARDIM.

E ella? Não viste se?.. Não pareceu sentir?.. Não observaste?..

PAULA.

Observo que perdemos aqui o tempo. Vamos,

vêde o que fazeis, vêde a quanto me arrisco por....

SCENA VIII.

BERNARDIM-RIBEIRO, PAULA-VICENTE, PERO-ÇAFÍO.

PERO.

Providencia, Providencia? Paula! Meus peccados! ainda de conversa! — (*á parte*) Se não soubera o que sei, era capaz de ter ciumes da moura — e como um mouro.

PAULA.

Ahi vou. — (*a Bernardim-Ribeiro*) Lembrae-vos do que vos disse.

SCENA IX.

BERNARDIM-RIBEIRO só, depois UM ACTOR.

Passeia lendo o papel que tem na mão; depois de consideravel silencio:

E eu heide dizer isto! — Fazer estes tregeitos... Eu, deante de tanta gente! — E para estudar isto de cór? Impossivel. Quem me deu cabeça agora?..

ACTOR.

Senhora moura, senhora moura Taes — depressa, depressa, que estais a entrar por instantes.

BERNARDIM.

Vamos. Animo; e succeda o que succeder, ávante com a impresa.

SCENA X.

Apenas sai Bernardim-Ribeiro, levanta-se o panno do fundo e apparece a sala do throno riccamente adereçada e illuminada.

EL-REI DOM MANUEL á direita sentado em cadeira alta de espaldar, sôbre um estrado; SAINT-GERMAIN, JOFRE-PASSERIO e CHATEL á direita d'el-rei; á sua esquerda o MORDOMO-MOR, O BISPO DE TARGA, CONDE DE VILLA-NOVA, GARCIA-DE-REZENDE e mais senhores da côrte. — No fundo e quasi tocando na esquerda da scena a infante DONA BEATRIZ em outro estrado e em cadeira alta; á esquerda do estrado da infante, em almofadas IGNEZ-DE-MELLO e todas as damas da côrte. Onde convier PAGENS, MENESTREIS, ARAUTOS, REIS-D'ARMAS E PASSAVANTES. Os ARCHEIROS estão distribuidos pela sala. Á esquerda da scena defron-

te d'el-rei, e ao pé do estrado da infante, está estendido um tapete, e sôbre elle em semicirculo as figuras todas do auto que está quasi no fim. — PERO-ÇAFÍO vestido de Marte no meio do tapete em attitude de representar. — No momento que corre o panno el-rei applaude; toda a côrte o imita.

DOM MANUEL.

Gentil romance! E bem cantado. Não dirás que não deixas saudades, Beatriz: todos estão como eu, co'as lagrymas nos olhos, so de ouvir n'este romance o que ámanhan, minha querida filha, hade ser realidade. — Mas não são para agora tristezas. Animo e alegria, senhores! Continue o auto.

MORDOMO-MOR, chama um pagem e diz:

Manda el-rei meu senhor que continue o auto.

PAGEM, indo para Gil-Vicente, repette:

Manda el-rei meu senhor que continue o auto.

GIL-VICENTE, á parte.

So falta a moura. Teremos alguma? — Capaz é elle de fazer das suas. — Não: ei-lo ahi vem.

SCENA XI.

BERNARDIM-RIBEIRO E DITTOS.

BERNARDIM, em trajo de moura, entrando gravemente, incara com a infante, fica suspenso algum tempo, põe a mão na fronte, depois no coração, e logo começa:

Quebrado está meu incanto
Por outro podêr mais forte;
Tórno outra vez á vida
Para mais sentir a morte.

GIL-VICENTE.

Perdeu-se, perdeu-se: não é aquillo. (*chega-se a Bernardim, e aponta-lhe baixo.*)

Mi no xaber que exto extar,
Mi no xaber que exto xer.

Que diabo de versos são aquelles!

BERNARDIM, sem o attender, e enthusiasmando-se.

Viver que não era vida,
Sempre o mesmo, sem mudança,
Os desejos vivos sempre,
E sempre morta a esperança...

GIL-VICENTE, á parte a Pero-Çafio.

Indoudeceu. Estou perdido. E o meu auto, o meu nome! — E os italianos! Deus se compadeça de mim. — Vou impurrá-lo d'alli para fóra.

PERO.

Deixá-lo ja'gora: não vos deis por achado. Vejamos em que isto pára.

Dona Beatriz parece inquieta, e olha significantemente para Paula, que incolhe os hombros.

BERNARDIM, depois de estar algum tempo como quem reflecte.

Cuidei que maior tormento
Não mandava á terra o ceo:
Ha mais, ha peior ainda,
E em sorte me coube: é meu.
— D'este annel, que o talisman
De minha fortuna incerra,
Ja que eu gosar não podia,
Não gosava outrem na terra.
— E agora, intregá-lo assim,
Agora obrigar-me o fado...

GIL-VICENTE.

Ja não ha remedio: estou perdido. Pero, Pero, ve com que cara está el-rei!

PERO.

Animo, mestre Gil, que n'estes casos acobardar é o peior. — Interrompei-o com vossa auctoridade de Jupiter, e acabae ja com ésta comedia, que me cheira que trezanda a ir desabar em tragedia.

GIL-VICENTE.

Dizes bem: deixa-o commigo. *(addianta-se, em character e estendendo o raio a Bernardim:)*

Presentae isso á senhora
Infanta e nova duqueza.

BERNARDIM, como cahindo em si.

Á duqueza!

PAULA, baixo a Bernardim.

Á infante. Ide ja, ou tudo está perdido, e nós todos.

BERNARDIM, ajoelha deante da infante, que está ao pé, e tomando o annel, diz baixo:

Duqueza de Saboya, este annel deu a infante D. Beatriz de esmolla a um desgraçado. O pobre queria-lhe mais que á vida; mas desde hoje lhe não pertence ja. — Cuidava ter n'elle uma promessa, uma esperança... — A duqueza de Saboya que lhe leva tudo, — tome-lhe tambem o annel. (*Mette-lhe o annel no dedo. — Toca a musica; dão palmas ao auto: os actores retiram-se.*)

DONA BEATRIZ, interdicta, e baixo.

Desgraçado, não ves que me matas?

BERNARDIM, do mesmo modo.

Que disseste, Beatriz?

DONA BEATRIZ, do mesmo modo.

Que me matas, — que te não mereço — que te... (*desfallece*)

Bernardim-Ribeiro levanta-se sem perceber que Beatriz está desfallecida. Pero-Çafio trava-lhe do braço e o leva para dentro. — El-rei com ar infadado levanta-se. Todos o imitam. — Parece haver alguma confusão: mas ninguem se apercebe do estado da infante.

DOM MANUEL.

O nosso Gil-Vicente não foi feliz d'ésta vez na

conclusão do seu auto. Costuma acabar mais alegre e gracioso. — Passemos á outra sala; e alegrem-nos danças e folgares, ja que nos deixou tam triste a comedia. Barão de Saint-Germain, a duqueza minha filha espera o braço de seu noivo para a conduzir ao baile — em quanto eu lhe não dou a mão para o rompermos ambos.

Tocam os menestreis. El-rei sai precedido dos reis d'armas, etc. O barão de Saint-Germain fica ao-pé de Dona Beatriz. Chatel em distancia. — Paula entra, ja em traje ordinario, pela mesma porta por que sahíra o auto. Chatel se aproxima d'ella cortejando. Paula corresponde friamente. Vão continuando a sahir as damas e senhores da côrte.

SCENA XII.

DONA BEATRIZ, SAINT-GERMAIN, CHATEL, PAULA, IGNEZ-DE-MELLO, DAMAS, etc.

SAINT-GERMAIN.

El-rei, que ja está na outra sala, me concede a honra de conduzir a Vossa Alteza...

DONA BEATRIZ, accordando.

Para onde? Ja embarcar! oh! não, por piedade! Ainda não.

SAINT-GERMAIN.

Embarcaremos quando mandar Vossa Alteza... Agora so tómo a liberdade de lhe lembrar que el-rei a espera.

DONA BEATRIZ, cahindo em si.

Tendes razão: vamos. — Paula, vinde commigo. (*Paula inclina-se duvidando.*) Vinde, que mando eu.

Paula, inclinando-se com respeito, obedece. Olham uma para a outra significantemente, e proseguem.

CHATEL, á parte.

Aqui ha mysterio! E eu heide descubri-lo.

ACTO TERCEIRO.

Recamera do galeão Sancta-Catharina, riccamente tapeçada de velludo carmezim com franjas de ouro. No fundo as varandas de poppa abertas. -- A um lado a porta que leva ao camarim da infante com reposteiro igual á tapeçaria, e n'elle as armas partidas de Portugal e Saboya. -- Do outro lado ve-se o princípio da ponte ou communicação de pranchas que une o galeão ao caes. -- A um canto almofadas como a tapeçaria formando uma especie de divan.

SCENA I.

BÍSPO DE TARGA, CONDE DE VILLA-NOVA, GARCIA-DE-REZENDE, SAINT-GERMAIN, JOFRE-PASSERIO, CHATEL. Os REIS D'ARMAS E ARAUTOS postados á porta do camarim da infante; ARCHEIROS no princípio da ponte. Os senhores da côrte formam gruppos e conversam entre si.

CONDE DE VILLA-NOVA.

Sabereis, senhores, que lhe obedecem os astros ao nosso Gil-Vicente, como se fôra a Pedro-Nunes que se intendia com elles. — A lua cumpriu a palavra que inda agora nos deu, la no auto. Ella ahi está bella e radiante para acompanhar a armada. E Jupiter quasi que não brilha menos. Como elle bate n'éstas aguas do Tejo com seu raio de prata! — Deliciosa noite! (*entra para dentro*) E a alvorada não promette ser menos.

PASSERIO.

E é de servir o vento, senhor conde almirante?

CONDE DE VILLA-NOVA.

Optimo. Teremos uma monção de rosas. — Ora deixe-me ver: a maré da uma ás quatro. Isto é meia noite. — D'aqui a tres horas começarei a manobrar... não mandando Sua Alteza Ducal o contrário; que o meu pendão de almirante não se alla senão por baixo do estendarte partido de Portugal e Saboya.

GARCIA-DE-REZENDE, fallando com o bispo de Targa.

Quando el-rei Dom João — o principe Dom João

que então era — foi á jornada de Africa, levava...

CONDE DE VILLA-NOVA.

Eram fortes viagens essas! Agora vamos a Malaca como então se ia a Ceuta, e bordejâmos alli no Mar-Vermelho como então se bordejava aqui no Restello.

GARCIA-DE-REZENDE.

Sois para muito, e muito se faz agora, senhor conde: mas de la vem, de la vem. — Lembraevos que foi el-rei Dom João quem vos pôs a caminho da India; e se la chegastes, a elle o deveis. Fostes mais felizes, elle trabalhou mais.

CONDE DE VILLA-NOVA.

Não me parece isso de leal vassallo, senhor Garcia-de-Rezende: desmerecer assim na glória d'elrei nosso senhor! Tam criado sois d'elle como fostes d'elrei Dom João.

GARCIA-DE-REZENDE.

Perdoareis, senhor conde de Villa-nova: sou mais criado d'el-rei que Deus guarde do que fui de quem está em glória. — La creio firmemente que descansa aquella grande alma! — Esse chamavame *seu amigo*. — Mas nem a memoria do defun-

cto nem a presença do que reina me farão dizer o que não é. — O felice reinado do senhor Dom Manuel é o tempo da colheita; seu primo gastou a vida a semear. Vamos, senhor conde, que a ambos devemos muito. —Isto é achaque de velhos estar sempre com o passado. Não sei se fazem melhor... os moços que se esquecem d'elle.

CONDE DE VILLA-NOVA, olha com desdem para Garcia-de-Rezende, e vai para Saint-Germain que está intertido com Chatel.

El-rei demora-se bastante, senhor barão. Ha mais de uma hora que alli está fechado com a senhora infante no seu camarim. É natural. A ambos lhes custará separarem-se. Mas faz-se tarde e...

SAINT-GERMAIN.

Dizeis bem: é uma longa intervista, senhor conde; mas devemos respeitar o motivo.

CONDE DE VILLA-NOVA.

Certamente.

UM ARAUTO.

El-rei!

Levantam-se todos e se compoem em attitude de respeito.

SCENA II.

OS MESMOS, DOM MANUEL, sahiudo do camarim, DONA BEATRIZ que fica á porta, IGNEZ-DE-MELLO, etc.

DOM MANUEL.

Basta, não venhas ca fóra, minha filha. — Outro abraço, (*abraça-a*) minha Beatriz. — E não saias da tua camara, que está muito fresco aqui. —Filha! (*volta para traz outra vez, e falla-lhe ao ouvido.*) (*alto*) Toma sentido, lembra-te do que me prometteste. — Ve se t'o mereço, Beatriz...

DONA BEATRIZ, soluçando.

Meu querido pae!..

DOM MANUEL.

Bem, bem: estou satisfeito: não fallemos mais n'isso. — Se podér, ainda te irei ver ao Restello... Nossa Senhora de Belem quero que lhe chamem agora. —Verás que bella figura ja fazem do mar as arcadas da minha egreja — a memoria que levantei a este grande feito em que Deus foi servido que eu tivesse minha pequena parte. — De ha muitos seculos é o maior aconteci-

mento do mundo, senhor barão. — É o monumento da descuberta da India, a nossa egreja de Belem — que ja vistes, mas que vos parecerá melhor do mar. — Hade ser o nosso jazigo, meu e de meus filhos. — A Batalha é de outra magnificencia: não ha dúvida. Mas deixei-me das capellas que alli comecei, porque me quero aqui ao-pé do mar. Somos gentes do mar nós agora..

SAINT-GERMAIN.

Reinam vossos pendões sôbre elle, senhor: justo é que Vossa Alteza esteja perto para receber a vassallagem.

DOM MANUEL.

Adeus, minha filha!

DONA BEATRIZ.

Meu pae!

DOM MANUEL, abraçando-a.

Não é a última despedida, filha. Até logo. — Senhores, os que somos de terra deixemos repousar os navegantes; que ja pouco lhes fica para isso. — Conde de Villa-nova, escuso incommendar-vos cuidado: sempre fostes bom servidor. — Vamos, senhores. — Minha filha, adeus!

Dona Beatriz beija a mão a el-rei: o mesmo faz o conde de Villa-nova, bispo de Targa, damas e senhores da casa da infante.

SCENA III.

DONA BEATRIZ, CONDE DE VILLA-NOVA, SAINT-GERMAIN, JOFRE-PASSERIO, BISPO-DE-TARGA, CHATEL, IGNEZ-DE-MELLO, DAMAS, etc.

Dona Beatriz deixa cahir-se sôbre as almofadas que estão a um canto da recamera, e fica como absorvida em seus pensamentos.

CONDE DE VILLA-NOVA.

As ordens de Vossa Alteza Ducal são?

DONA BEATRIZ.

Que ordens, conde?

CONDE DE VILLA-NOVA.

Para a partida, para levarmos ferro.

DONA BEATRIZ.

Que se cumpram as ordens d'el-rei meu senhor.

CONDE DE VILLA-NOVA.

Então começaremos a suspender á volta das tres; e ás quatro desceremos com a maré.

DONA BEATRIZ.

Sim, sim: o que el-rei mandou. — E ide descançar, que o haveis mister. — Esperae, conde. Mandar-me-heis ésta carta ja para o paço.

Saint-Germain e Chatel deitam olhos suspeitosos á carta. O conde a mette nas pregas do saio; beija a mão á infante e parte.

SCENA IV.

OS MESMOS, menos o CONDE DE VILLA-NOVA.

CHATEL, á parte a Saint-Germain.

Vistes, senhor barão?

SAINT-GERMAIN, á parte a Chatel.

É uma carta: não se segue que...

CHATEL, fallando comsigo.

Para mim segue-se muito. — Parece-me que ainda temos grande tormenta antes de começar viagem. — Estarei álerta.

DONA BEATRIZ.

Podeis retirar-vos — Estais dispensados de todo o serviço por agora.

Beijam-lhe todos a mão e sahem, menos Ignez-de-Mello.

SCENA V.

DONA BEATRIZ, IGNEZ-DE-MELLO.

DONA BEATRIZ.

Ide repousar, que é tarde. — Ignez-de-Mello, incostae-vos ahi no meu camarim, para se eu chamar; que n'éstas almofadas fico por ora, quero respirar este ar puro — é da minha terra ainda. Esperae, Ignez: dae-me d'aquelle cofre que ahi hade estar dentro, aquelle que me trouxe da China Fernão Pires, a viagem passada — um livro que la heisde achar. Não o desabrocheis, que tem papeis dentro. (*Ignez-de-Mello sai, e volta com um livro de quarto, grosso, com broches de prata.*) Esse é: acertastes.

IGNEZ.

Vossa Alteza não lê por outro: tinha-o á mão para lh'o dar.

DONA BEATRIZ.

Bem está. — Ide descançar.

SCENA VI.

DONA BEATRIZ.

Este livro!.. São nossos tristes amores contados por um modo que os não intenderá ninguem. E aqui está a verdade toda — mas posta por elle com aquella alma que sabe dar a tudo! — E de tudo o que me fica é este livro. — Nada é ja do que foi: está em historia como as coisas passadas! — Se vierem a escrevê-lo por ésta invenção que agora veio de Allemanha, e que chegue ás mãos de todos, quantos não chorarão sôbre nossas desgraças! — Eu sei!. Carpi-lo-hão talvez a elle, accusar-me-hão a mim. — A mim não, que bem delicadamente incubertos deixou os nomes todos — menos o seu. — Generoso coração de homem! (*levanta-se*) Oh! que tem o mundo para me dar que me compense o que perco aqui! — Ah meu pae e meu senhor, o soldado que por vós vai morrer nas arêas d'Africa, ou nos palmares da India, não vos faz tammanho sacrificio. — (*torna a recostar-se*) — SAUDADES! Que titulo lhe pôs! — Adivinhava que d'ellas haviamos de morrer.

(*lê*) « Sôbre um verde ramo, que por cima da agua se estendia, veio pousar um rouxinol; começou a cantar tão docemente que de todo me levou após si o meu sentido de ouvir; e elle cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia que como cançado queria acabar; senão quando, tornava como que começava; então — triste da avezinha! — que estando-se assim queixando, não sei como se cahiu morta sôbre aquella agua... »

SCENA VII.

DONA BEATRIZ, CHATEL.

DONA BEATRIZ, erguendo os olhos de-repente do livro, dá com Chatel que a estava espreitando e que não póde fugir sem ser visto. Levanta-se com dignidade.

Que fazeis ahi, senhor secretario? Não *mandei eu* a todos que fossem repousar?

CHATEL.

Tinha sahido alli — a tomar ar... Pareceu-me ouvir que Vossa Alteza chamava.

DONA BEATRIZ.

Quando o fizer, não será por vós. — Não chamei ninguem agora. — Obrigais-me a ir fechar-me no meu camarim para estar livre de... — Bem. — Ficae pois ahi. — Alguem virá do paço em minha procura: chamae logo Ignez-de-Mello... Mandae-a chamar. — (*á parte*) Importuno de italiano!

SCENA VIII.

CHATEL só.

Offendeu-se minha augusta ama. — Poh! — Mas aquella historia do auto tem segredo que é preciso penetrar. E se eu chego a ser bem senhor d'elle... que farei? — Deitar a perder a infante, declarar tudo ao duque? — Tam louco sou eu! Nada. — Basta que a duqueza saiba que eu sei o que ella não quer que se saiba: está feita a minha fortuna. — Quem temos? — Oh! a bella Paula. — Ésta é do conselho íntimo, como dizem os tudescos. E fina como um flamengo de Carlos V. — Mas vejamos sempre se pesco alguma coisa n'estes máres.

SCENA IX.

CHATEL, PAULA-VICENTE.

CHATEL.

Por aqui, formosa e discreta Paula? — Não vi o vosso nome na lista: de que muito me pêza. — Mas sabeis que foi el-rei de Portugal quem nomeou os officiaes, damas, cavalleiros e todos os que hãode ser da viagem. — Para mim ja ella será triste com a falta de uma pessoa...

PAULA.

Sei muito bem que não tenho a honra de ser da viagem da senhora infante-duqueza. Nem aqui venho a éstas horas, senão porque me ordenou que lhe viesse beijar a mão, de última despedida.

CHATEL.

Póde ser...

PAULA.

E é.

CHATEL.

É certamente: basta affirmá-lo bôcca tam formosa. — Mas é muito mais de meia noite. El-rei.

ja se retirou. A senhora duqueza fechou-se no seu camarim. Não tardará a começar a manobra da nau. E não sei, bella Paula, se é possivel...

PAULA.

Nem eu. Mas sei que ha um quarto de hora, e ja depois de el-rei estar de volta no paço, me mandou á senhora infante recado, por lettra de sua mão, para que viesse logo e sem detença.— Eu obedeci: vós fazei como quizerdes.— Mas... não me irei d'aqui sem que Sua Alteza me mande. (*sentando-se nas almofadas.*)

CHATEL.

O meu desejo é servir-vos como mereceis...— Vou mandar ver se a senhora Dona Ignez...

PAULA.

Avisae a quem quizerdes. O nosso costume das que somos criadas é entrar sem essas formalidades.—Eu, ainda que humilde, sou criada de Sua Alteza, e sempre mereci à minha ama...

CHATEL.

Bem, bem; tudo mereceis.— E porque não havieis de ser d'ésta viagem, bella Paula? Queria que as nossas italianas, tam presumidas de seus

olhos pretos, vissem uns olhos portuguezes que as matassem d'inveja.

PAULA, seccamente.

Sois gallante.

CHATEL.

De gallantes vos verieis vós perseguida em Turim. Sabeis la que terra é Italia para gallantes!

PAULA.

Inda bem que não vou: é raça que muito me injoa, a dos gallantes.

CHATEL.

Como assim! tam bella e tam discreta, e gallantes vos infadam!—Percebo. (*com finura.*)— A *Providencia* dispoz ja talvez de seu coração... La me pareceu que n'aquellas «côrtes de Jupiter» n'aquelle parlamento celeste havia oradores inspirados por um sentimento mais vivo... Eram tam poderosos, tam irresistiveis os feitiços e esconjuros d'aquella moura...

PAULA, á parte.

Confirmemo-lo n'este ingano: duvída ainda. Oh meu Deus, quem me diria! Até a verdade

precisa fingida, e se ingana com ella! (*alto*) Vejo que sois penetrante, senhor secretario. E bem dizem que não ha esconder nada da finura de vossa nação. — (*á parte*) Com italiano, italiano e meio. — (*alto*) Pois bem; confessar-vos-hei tudo, ja que sabeis tanto. —Estou em grande ância e appertura. Era um homem o que fez de moura no auto; um homem que me amou, que... indoudeceu de puro amor. — Ia-nos perdendo hoje a meu pae e a mim... fez um estranho alvorôto na côrte. Misturou os seus loucos amores com o papel do auto... —Verdadeiramente ainda não estou em mim com o susto que tive. — Mas se eu o amo; se, apezar de tudo, não posso deixar de amá-lo! (*com enthusiasmo*) — Se para o adorar e servir — nem a morte nem a infamia deante de mim... Oh meu Deus!

CHATEL, á parte.

Não era com a outra, — está visto: assim não se finge, vem-lhe do coração.

PAULA.

A senhora infante que me protege — (*á parte*) — ou eu a ella; horrorosa situação a minha! (*alto*) quer...

CHATEL.

Interessar-se por vossas coisas... Intendo: negócio de casamento, é a madrinha...

PAULA, á parte.

Sou eu, eu é que sou a madrinha...

CHATEL.

Coisa tam natural, tam louvavel. — É um anjo a senhora infante. — Vou ja fazer chamar Dona Ignez... — (*á parte*) e tranquillizar de-todo os escrupulos do barão. — Enganei-me com-effeito: perdi o meu tempo: vou ver se o reparo, dormindo um pouco antes que comece a malditta algazarra da manobra.

SCENA X.

PAULA-VICENTE, IGNEZ-DE-MELLO.

PAULA. apenas Chatel se retira, corre com os olhos rapidamente a camara, palpa as tapeçarias, — sente que uma do lado opposto ao camarim da infante está em vão, levanta-a. Immediatamente chega ao lado com que communica á ponte do caes, e faz signal com um lenço. — Bernardim-Ribeiro acode. — Paula, sem lhe dizer uma palavra, o toma pelo braço, e impurra violentamente para o vão da tapeçaria, que deixa cahir; e diz, pondo o dedo na bôcca:

Silencio!

No mesmo instante se abre a porta da infante, e sai

IGNEZ.

Manda a senhora infante-duqueza que aguardeis um instante, e ja vos fallará.

SCENA XI.

PAULA-VICENTE.

E eu... eu é que assim arrisco minha vida, minha fama para lhes valer em seus amores! — Todas as delicias d'este adeus derradeiro — a mim

m'as devem! A mim que o amo, — qué a detesto... Oh, não detesto, não. — Pobre Beatriz, tam boa, tam innocente, tam timida!.. Tu amas, desgraçada, e muito! D'elle te apartam, para longe te levam áos braços de outrem! — Reclinada no peito do extrangeiro, mesquinha! — tu estremecerás com as abhorrecidas caricias de um espôso indifferente; e o asco dos beijos de um marido que não amas, que em teu coração trahiste ja — te arripiará os cabellos, te ingulhará como peçonha! — Mas vais... E vives! — E acabarás por te acostumar. — Cintra e suas árvores tam verdes, Collares e suas relvas tam viçosas, tam estrelladas de flores — te parecerão como um sonho de infancia — singello de mais, innocente que infada, para quem passeia pelos recortados florões de teu magnífico jardim italiano... Costumar-te-has á natureza affectada e facticia; e a natureza verdadeira te parecerá impossivel. — E que importa! — As grandezas, o podêr, a fortuna, a ambição, ahi estão para compensar o perdido. — Mas aquelle infeliz, que não tem outra glória, outros desejos, outra existencia, outra vida, mais que esse funesto amor que o mata — desgraçado! — oh, para esse é que todo vai o dó do meu coração. — Inexplicavel martyrio que é o meu! — Amo-o; e ja não

é possivel que eu ame outro homem senão elle. Amo-o; e assim me impenho em seus amores com outra, — com uma rival que devia detestar, e não detesto — quero-lhe antes, sirvo-a, deixo calumniar a minha para salvar a sua honra!.. (*longo silencio*) E se alguem disser: — « Paula-Vicente, filha do comediante, tu fizeste como os chocarreiros de palacio; serviste os amores de tua ama — e pelo pão com que matavas a fome, vendeste a uma princeza o teu amante. » — Di-lo-hão, meu Deus! — di-lo-hão; — e eu ficarei infame... (*reflecte; e ja resoluta*:) — Que o digam. Vil sería eu a meus olhos, so, para servir a este ciume que me ralla as intranhas, que me confrange os ossos — negasse a dois infelizes o amparo que so eu posso dar-lhes... (*Fica por muito tempo com os braços cruzados, olhando fita para o sítio em que está escondido Bernardim-Ribeiro.*) Ei-lo alli está, alli que, escondido e protegido por mim, conta os instantes que espera... — E não é por mim que elle espera. — Oiço-lhe quasi as pulsações impacientes do coração que lhe bate d'ância... E não é por mim que elle bate. — Ve-la-ha, e a mim m'o deve. — Protestar-lhe-ha de seu amor eterno..., e eu serei testimunha do juramento que todas minhas esperanças destroi. — Ouvirá que é amado..., saberá...

receberá... — E eu, eu... — (*com amarga alegria*) Mas em poucas horas este pavimento hade começar a mover-se, estes lenhos tomarão azas e fugirão por máres a fóra com todos esses votos de fidelidade e ternura... Oh! quem não suspiraria pelo dia de ámanhan! — Eu. — Eu que sei que elle hade ser mais negro ainda que o de hoje. — Eu, a orgulhosa filha do comediante, eu, que de frente ousaria luctar com minha poderosa rival, eu não heide valer-me da sua ausencia — não me approveitarei de seus despojos. — O mundo que falle. A filha do comediante é grande a seus olhos.

SCENA XII.

PAULA-VICENTE, DONA BEATRIZ.

DONA BEATRIZ, abrindo a porta do camarim.

Paula, minha boa Paula, venho eu mesma abrir-te, que não quero ninguem entre nós n'éstas horas derradeiras de nossa despedida. — Meu Deus, eu não tinha senão ésta amiga: mandam-me desterrada, e até d'ella me privam! — Entra, Paula, que se me arromba o peito se não desabafo comtigo de tanta mágoa que aqui está. Vem: tenho muito que te dizer.

PAULA.

A mim, senhora! — a mim tendes que dizer! — Se fosse a...

DONA BEATRIZ.

Não, Paula; ja'gora não! Depois do que meu pae me disse, depois do que lhe eu prometti...

PAULA.

Pois el-rei?..

DONA BEATRIZ.

Sabe tudo: — não que m'o dicesse, Paula; mas fallou-me d'um modo... deu-me uns conselhos... Oh que se me partia a alma de o ouvir! Não me reprehendeu, não me quiz invergonhar; chorou commigo... Tam bom pae! — Oh que mocidade a minha! — Não, não quero ver mais aquelle homem. E que lhe havia de eu de dizer se o visse! Que lhe havia eu de dizer áquelle infeliz que me ama tanto, e que eu... que eu devo esquecer para sempre... (*Ouve-se ruido detraz da tapeçaria. Beatriz estremece.*). Que sería isto? — Não estamos bem aqui, Paula: entra. — São de certo boas duas horas. Ás quatro dizem que sahiremos: Ai! d'aqui a duas horas começará a mover-se isto

tudo; — e a minha terra a fugir para sempre — a minha terra, e quanto n'ella me prendia á ésta vida... vida que ja'gora não sei para que me serve. — Oh Paula, Paula, que noite a de hontem para ser a última! — Que terrivel surpreza aquella do auto! E o annel, o fatal annel... — Pois não m'o intregou o insensato! Não me restituiu o annel que lhe eu dera! — Não me disse!.. Oh! queimam-me ainda aqui no ouvido as terriveis, as desdenhosas palavras que me disse aquelle louco. — E eu que me sentía morrer! — E meu pae alli, e todos... Tremo ainda quando me lembra que o podiam descubrir.

PAULA.

Certo que maior imprudencia se não fez ainda. Accuso-me a mim mesma de ter concorrido para vos pôr em tammanho perigo.

DONA BEATRIZ.

O meu perigo! — Bem pensava eu em mim n'aquelle instante. Ai! por elle é que eu tremia, Paula. Se o descubrissem, meu Deus! — Mas que amor, que fôrça de amor não é necessaria para commetter ousadia tal! — Dir-lhe-has, Paula, tu que o hasde ver ainda, tu que es tam affortunada...

PAULA.

Eu!

DONA BEATRIZ.

Que hasde tornar a vê-lo — diz-lhe-has que...

PAULA.

Que muito lhe estranhais seu atrevimento?

DONA BEATRIZ.

Estranhar-lh'o! — Se prazer como eu tive então — misturado, é verdade, de pena tam cruel! — se eu nunca senti o que senti então — se aquelle transe...

PAULA.

Grande appertura sería, senhora: não a quizereis tornar a passar...

DONA BEATRIZ.

Oh Paula, a minha vida por outro instante como aquelle.

SCENA XIII.

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE; BERNARDIM-RIBEIRO *sahindo.*

DONA BEATRIZ.

Ai! (*desfallece: acode-lhe Paula.*)

BERNARDIM.

E eu que não sube morrer n'aquelle instante! Fui um covarde: não merecia viver até este; não merecia ouvir de teus labios que morro amado, que morro ditoso. Beatriz, Beatriz, eu venho morrer a teus pés. (*ajoelha e toma-lhe as mãos*) — Tenho padecido o que nenhum homem soffreu ainda; tenho levado uma vida... que, — se eu fôra amaldiçoado de Deus... se n'este mundo me começára o inferno por meus crimes — não a podia ter peior nem outra... — Oh Beatriz, foi dura a provança, longa a expiação. — Mas este ceo, mas ésta bemaventurança não tinham preço. — Oh Beatriz, deixa-me que te beije éstas mãos, que te adore aqui, que de joelhos deante do anjo que me vem buscar, que me despena — que me remiu — eu viva estes minutos de extasi, de felicidade que não é, não póde ser,

não é da terra. — Tu es princeza, — eu sou um pobre trovador. Mas ésta coroa de glória, não a teem os reis. De donde a houveste? — Do ceo, anjo, do ceo que te manda a este baixo mundo confortar uma alma que se perdia, que descria ja de Deus, — que ia quasi a blasphemar! — Estive, estive a ponto de blasphemar de ti! — Oh Beatriz, eu sou um monstro, eu não te mereço. — E mais, olha, se não for eu, nenhum outro homem te merece. — Tu es uma princeza; bem sei: eu sou um triste menestrel; ja t'o disse. Mas, sabes tu? Aquella formosa rainha de Inglaterra beijou o trovador que dormia... — Meu Deus, dormirei eu, sonharei eu? — Oh deixem-me morrer antes de acordar. — Deixa-me aqui morrer a teus pés, Beatriz. — Beatriz, não te peço senão que me deixes morrer aqui a teus pés.

DONA BEATRIZ.

E qual outra esperança ha para nós, Bernardim? — Era piedade da sorte que nos matasse aqui a ambos.

PAULA, á parte.

Não posso ouvir isto. Parte-se-me alma: e ja não sei que sentimento é o que tenho no coração, se

é paixão; se é dó, — ou se ainda tenho zelos!
(*Vai precipitadamente para a varanda.*)

BERNARDIM.

Ouve: a flor dos meus annos murchou-se na tristeza e no desconsôlo, — myrrhou-se na esterilidade; sacudiu-lhe o vento do deserto as folhas desbotadas e sêccas. — Que a hástea espere pelas águas do hynverno que a apodreçam, — ou que a segue ja a foice do ceifeiro... importa alguma coisa? — Nunca vivi atégora: tive estes instantes para avaliar a mercê do Creador em me dar o ser. — Morrer, para mim é necessidade. Não sou eu que o quero, que o desejo; é que pôr fôrça hade ser assim. — Poeta, dizes tu agora, — perdeste o juizo a phantasiar, — inlouqueceste. — Não, Beatriz, nunca me subiu a phantasia tam alto.

Ouve-se o apito de bórdo.

DONA BEATRIZ.

Que será isto?..

PAULA, friamente, entrando da varanda.

O apito do mestre. — É mais tarde do que suppunhamos: vai começar a manobra. — Senhora, eu tive dó d'este homem: prometti-lhe de fazer

com que vos visse um instante. — Deve a mim, a si proprio, e a Vossa Alteza sôbre tudo, não abusar agora. — Se nos demorâmos um momento mais, estamos perdidos todos...

Segundo apito prolongado. Sente-se grande ruido de manobra, e vozeria da tripulação que trabalha.

DONA BEATRIZ.

Sanctos do ceo! que ja o galeão se move.

PAULA.

Ainda não; ainda é possivel escapar. (*olha para o lado respectivo*) Ainda está fixa a ponte que toca do galeão no caes. — Senhora, adeus! Não sabereis nunca tudo o que fiz por vós. Adeus, lembrae-vos alguma vez da pobre Paula.

O ruido cessa: Paula vai a beijar a mão da infante.

BERNARDIM, em desvario afastando-a com violencia e pondo-se em pé.

Desgraçado do que tocar n'ésta mão. — São duques, são reis, são principes? — Eu sou Bernardim-Ribeiro, o trovador, o poeta, que tenho maior coroa que a sua. — O sceptro com que reino aqui, ganhei-o, não o herdei como elles. — Beatriz é minha.

Ouve-se musica de charameis.

PAULA.

Nossa é a deshonra e a morte.

DONA BEATRIZ.

Paula, Paula, que é?

PAULA.

El-rei que chega. — Ja não ha remedio. — (*vai ver*) Ja la vem ao principio da ponte.

BERNARDIM.

Quem?

PAULA.

El-rei, que vem achar a infante sua filha com um homem escondido em sua camera. — Devaneae agora á vontade: ja completastes a vossa obra.

BERNARDIM, cahindo em si, e com tranquillidade.

Não tenhais receio. Estou perfeitamente em meus sentidos. — Beatriz, um derradeiro adeus — um adeus até ao ceo! — A rôlla que perdeu o companheiro, deixa-se morrer de míngua sôbre o ramo lascado da árvore em que lh'o mataram... — Éstas águas, em que ja baloiça o navio

em que te levam — Beatriz!.. (*ajoelha e esconde o rosto entre as mãos da infante*) éstas águas que me roubam tudo...

Ouve-se grande alarido.

PAULA.

El-rei que entra...

BERNARDIM.

Que tomem tambem a minha vida. (*arremeça-se pela varanda do galeão, ao mar.*)

DONA BEATRIZ.

Ai! (*cai sem sentidos.*)

PAULA, olha para o rio, e volta em desespêro.

Ja vai seguido o galeão!

SCENA ÚLTIMA.

DONA BEATRIZ, PAULA-VICENTE, EL-REI DOM MANUEL E SEQUITO. Paula ajoelha juncto á infante estendida no chão, e lhe beija a mão muitas vezes, leva-a ao coração, e levanta-se precipitadamente.—N'este mesmo instante entra el-rei.

DOM MANUEL.

O último adeus, minha filha, um abraço ainda! (*Todos rodeam a infante.*) Ja o galeão vai navegado! Tomou-a o susto. — Filha! (*á parte*) Eu constrangi sua vontade.—Meu Deus, se eu matei a minha filha!

NOTAS.

Nota A.

Mataram-lhe o Garção n'uma enxovia por escrever uma carta em inglez . . . . pag. 137.

Contam que certo Lovelace alfacinha da amisade do Garção, querendo escrever a uma menina ingleza a quem gallanteava, pedíra ao poeta que lhe trasladasse para a lingua da bella insular os seus «lusos namorados requebros.» Pamella não era para graças, ou não ingraçou com o auctor da missiva, e foi mostrá-la ao papá, que a foi mostrar ao marquez de Pombal, que mandou prender o pobre eremita de Agyassanctas cuja lettra conheceu ou lh'a denunciou alguem. Não faltou quem esclarecesse o caso e mostrasse a innocencia do poeta; mas o supposto delicto era pretexto, e a causa verdadeira o

odio do Pombal pela famosa «falla do duque de Coimbra recusando a estátua» que o Garção compuzera para fustigar a vaidade com que o marquez se esculpíra em bronze no pedestal do Terreiro-do-paço.

Foi prêso em 9 d'Abril de 1771, sem processo; oito mezes esteve no segredo: e so expediram, pela secretaria d'estado dos negocios do reino, a ordem de soltura, muito d'antes promettida por el-rei á desconsolada esposa, em 10 de Novembro de 1772, algumas horas depois de o saberem morto.

Morreu no Limoeiro, nem o deixaram vir expirar em sua casa e pôr os últimos olhos moribundos na luzidia calva do padre Delphim! — Do mais que se passou na prisão, não pude sabê-lo. Acaba-nos a historia do Garção na sua entrada para os ferros d'el-rei. Se elle era homem de bem, de ingenho e portuguez! — Elle e a sua historia deviam ter este remate.

Nota B.

Para fazer um repertorio, a isso posso eu ajudar. pag. 148.

A formação de um repertorio nacional é a mais urgente das tres grandes necessidades do nosso theatro, e cuja satisfação mais hade faci-

litar a das outras duas. A experiencia de todas as nações — todas, todas sem excepção alguma — tem mostrado que, por mais e melhor que se traduza, não se consegue formar com traducções o theatro de um paiz onde o não ha, nem siquer additar o que ja exista. Não ha um so drama inglez que se sustente nas scenas de París. Os inglezes traduziram todo o repertorio francez de Luiz XIV; e não foram quaesquer traductores, até Dryden metteu mãos á obra; e de nem um so d'esses riccos trabalhos hoje ha memoria em Drury-Lane ou em Covent-garden. O mesmo se está vendo em Hispanha.

Intendi, e estou firme, que formar o repertorio nacional era uma grande missão civilizadora, que todos, que a Nação, que o govêrno — onde ha govêrno — deviam, não so auxiliar e proteger, mas promover e stimular. Ésta convicção me fez provocar o decreto de 12 de Outubro de 1838 que facilitou os premios do Conservatorio Real para as peças originaes, e me fez aturar com paciencia os despeitos e malquerenças que d'essa instituição resultaram. Todos os que, levados do impulso que effectivamente se tem dado a este genero de litteratura, ahi teem escripto para o theatro, experimentaram

a desinteressada vontade, e quasi abnegação propria com que procurei auxiliá-los.

Para os animar e proteger, propuz, e consegui fazer passar, na Camara dos Deputados a lei da propriedade litteraria que lhes segurava o razoado premio de seus trabalhos: e se passar na outra camara, estou crente que basta ella para nos dar um theatro nacional. Infelizmente a lei tem-se demorado quatro annos. Quiz supprir a sua falta formando uma especie de associação de *seguro-mútuo* entre os auctores para se protegerem contra as duras e *proverbiaes* tyrannias dos impresarios. E communicando o plano aos meus amigos, os Srs. A. Herculano e A. F. de Castilho, que por tantos motivos eu desejava se posessem á frente da associação, chegou ella a estar, se póde dizer, formada; e por duas vezes, em 1838 e 1839, tive quasi arranjadas com a impresa do theatro as estipulações necessarias.

Não so falharam as minhas diligencias e esforços; mas d'ellas quiz tirar pretexto a ma-fé acintosa e baixa para me arguir do espantoso crime de querer tirar grossos proveitos de minhas composições theatraes. E se eu tivesse essa pretenção, forte peccado! — Mas não tive. Estão vivos e são os distinctos litteratos que

sabiam, approvavam e cooperavam nos meus projectos, que sabem e testimunham o desinterêsse (quasi ridiculo n'éstas eras utilitarias em que vivemos) com que os imprehendi e promovi. — Levei o meu louco escrupulo — certamente louco — ao ponto de intregar na caixa do Conservatorio Real, para se applicar ás despesas das escholas, o producto dos honnorarios que recebêra do theatro o meu drama « O auto de Gil-Vicente. » *

Digo escrupulo louco, porque é falsa e viciosa vergonha em um homem de lettras, o não querer tirar proveito d'ellas. É assim, é mau exemplo, dá ares de uma especie de fidalguice tola; mas eu tinha tomado a minha posição de mais alto, e intendi que descia, se fizesse de outro modo. E o que eu chamo *posição* aqui e chamei inda agora *missão*, não cuide alguem que era o tal cargo de Inspector geral dos theatros, de que me fizeram tanto favor em me aliviar; era uma coisa que eu sinto melhor do que sei explicar, e que desde que me intendo me fez sempre olhar para a restauração, ou antes fundação, do nosso theatro como para um objecto sancto e sublime, uma questão de indepen-

* Do que tenho em meu podêr recibo em fórma, do thesoureiro.

dencia nacional, um ponto de honra para este paiz em que nasci.

Póde haver pois fanatismo, não ha affectação no meu desinterêsse. Algum proveito tenho tirado da publicação pela imprensa de meus trabalhos litterarios; e não me peja nem pêsa d'isso.

Amigos, que eu sei que o são, exigem ha muito tempo que eu desse ao público éstas explicações. Repugna-me occupar as columnas dos jornaes com coisas minhas tam pessoaes e particulares: mas aqui não são tam mal cabidas. Cedo pois e faço-lhes a vontade, por lhes fazer a vontade: não que eu creia em que a mais clara verdade impeça de mentir quem faz gôsto ou tem interêsse em mentir ou em crer mentiras.

A calúmnia é como as trevas, quanto mais grossas são, *menos se vê*.

Nota C.

Um facto notavel cujas circumstâncias exteriores minuciosamente nos deixou escriptas uma testimunha respeitavel . . . . pag. 150.

É um dos opusculos de Garcia-de-Rezende, por titulo « Hida da infanta Dona Beatriz pera Saboya » que anda com as suas obras. Ahi se verá que o sarau do paço, o auto, o galeão

Sancta-Catharina e tudo o mais de que me servi, são perfeitamente historicos.

Nota D.

A tragicomedia que n'aquella occasião compôs e foi representada na côrte . . . . pag. 180.

Veja a nota antecedente; Garcia-de-Rezende, log. cit., fol. 99, ed. de 1752; Gil-Vicente tom. 2, pag. 295 e seg., ed. de 1834.

Nota E.

E talvez ainda se invergonhem . . . . pag. 183.

No momento que se escreveu isto, ainda me eu affligia com destemperos: agora paraquê? Ou rir-se a gente, ou olhar com indifferença para tudo o que por ahi vai por essa terra, é o que se póde e deve fazer somente.

Nota F.

E boa, mas talvez imperfeita ésta figura. . pag. 164.

A razão porque se não desinvolveu mais amplamente o character de Gil-Vicente ja se deu no prologo.

Nota G.

A desfeita de o collocar (André-de-Resende) entre as pessoas mudas... O historiador (Garcia-de-Resende) apenas falla, o antiquario e moralista nem abre a bôcca etc. . . . . pag. 164 — 165.

Se o auctor fosse a fazer a vontade ao elegante e urbano censor, era preciso fazer uma comedia maior que as de Jorge-Ferreira. É evidente porque se não fez.

Nota H.

O auctor deve ao seu estabelecido credito de purista da lingua o fazê-las (certas phrases) justificar. pag. 166.

Não diz o censor quaes fossem: alguem quiz adivinhar que a principal d'éstas phrases suspeitas era — « que o fará á maravilha » porque este *á maravilha* se parece com o *à merveille* francez. E assim é que se parece, mas é legítimo portuguez comtudo.

Agora accrescentarei, por ésta occasião, que não creio em puritanismos exaltados de nenhuma especie. Em linguagem, em tudo, a sinceridade é indulgente e franca e inimiga de affectados rigorismos.

Nota I.

Niña la casò su padre. . . . . pag. 188.

Estes versos, os das pag. 186, 231, 240, 243, 244, 252, 253, 254, 255 e 263 são textualmente do drama «Côrtes de Jupiter» de Gil-Vicente, que n'ésta occasião se representou, como aqui se diz.

Nota J.

Este livro são nossos tristes amores contados por um modo que os não intenderá ninguem . . . . . pag. 276.

No rigor historico é certamente anachronismo suppor ja na mão da infante o livro das *Saudades de Bernardim-Ribeiro*, cujas primeiras linhas logo indicam ter sido composto depois de sua partida. — «Menina e môça a longes terras me levaram» diz o inamorado trovador. Mas não se fazia aqui uma historia, senão um drama. Nem é absolutamente impossivel que, desde que se tractou definitivamente da partida de D. Beatriz, o apaixonado romancista a desse por ida e perdida para elle, em suas lastimadas queixas.

Em vez das poucas linhas que do mesmo li-

vro lê a infante n'ésta scena, podéra-se ter pôsto alguma coisa que imitasse os perdidos Echos de Bernardim-Ribeiro, um dos quaes começava — «Echo, pois pelo meu mal.» Assim o aconselharam ao auctor; mas elle imaginou, porventura com razão, que valia mais a prosa original de Bernardim-Ribeiro, do que os versos imitados seus, — que so imitados podiam ser.

Nota K.

Arremeça-se pela varanda do galeão, ao mar (rúbrica)
. . . . .pag. 296.

Em a nota E ao canto nono do «poema Camões» no 1. vol. d'ésta collecção, pag. 288, se promette illustrar o ponto d'estes amores de Bernardim-Ribeiro e de sua romanesca vida. Mas não me atrevo por ora a cumprir tal promessa. Aqui atirei com elle ao mar porque me era preciso: e o público disse que era bem atirado. É o que me importa. Se elle foi ou não a Saboya depois, como eu ja cuidei averiguado, se andou doido pela serra de Cintra, tambem me não atrevo a certificar. — O que parece mais certo é que *não morreu de paixão*, porque depois foi feito commendador da ordem de Christo, e governador de San'Jorge da Mina, onde

talvez morresse de alguma carneirada: materialissimo e mui prosaico fim de tam romantica, saudosa e poetica vida.

Apprendei aqui, ó Beatrizes d'este mundo!

INDICE.

Libraria Antiquaria
30. 10. 90
6.000 lire

901151